



Raphael Barreiros de Farias

**A ruptura geracional da nova esquerda nos
longos anos 1960: uma comparação entre
grupos dos Estados Unidos e da Argentina**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História Social da Cultura do Departamento de
História da PUC-Rio.

Orientador(a): Maria Elisa Sá

Rio de Janeiro

Maio de 2022



Raphael Barreiros de Farias

**A ruptura geracional da nova esquerda nos
longos anos 1960: uma comparação entre
grupos dos Estados Unidos e da Argentina**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História Social da Cultura do Departamento de
História da PUC-Rio.

Prof^a. Maria Elisa Sá

Orientador

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Diego Galeano

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Rodrigo Farias de Sousa

Departamento de História – UFRJ

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Raphael Barreiros de Farias

Historiador graduado pela PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Farias, Raphael Barreiros de

A ruptura geracional da nova esquerda nos longos anos 1960 : uma comparação entre grupos dos Estados Unidos e da Argentina / Raphael Barreiros de Farias ; orientadora: Maria Elisa Sá. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2022.

123 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2022.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Anos 1960. 4. Geração. 5. Nova esquerda. 6. Peronismo. 7. América Latina. I. Sá, Maria Elisa Noronha de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Aos jovens dos longos anos 1960, que saíram de suas zonas
de conforto em prol de um mundo melhor. À minha madrinha
Adelaide, exemplo dessa geração de jovens e minha musa
inspiradora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio, à toda a equipe do Departamento de História da PUC-Rio pela simpatia, cuidado e atenção, à Maisa, pela orientação cuidadosa, paciente e atenta, à minha amiga Denise pelo apoio e pelas conversas, às equipes dos estabelecimentos comerciais que me receberam durante a escrita desse trabalho em plena pandemia da covid-19, à CAPES, pela bolsa concedida, e a Deus, que me acompanha sempre e me dá força.

Resumo

BARREIROS, Raphael; SÁ, Maria Elisa. **A ruptura geracional da nova esquerda nos longos anos 1960:** uma comparação entre grupos dos Estados Unidos e da Argentina. Rio de Janeiro, 2022. 123p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho analisa as diferenças e semelhanças entre os conflitos geracionais em grupos de esquerda provenientes dos EUA e da Argentina durante os longos anos 1960. O estudo percebe que há aspectos comuns que levaram à ruptura entre as gerações à esquerda do espectro político em ambos contextos, como por exemplo, a relação das vertentes geracionais com as organizações de trabalhadores e com o Bloco Socialista.

Palavras-Chave

Anos 1960; Geração; Nova Esquerda; Peronismo; América Latina;

Abstract

BARREIROS, Raphael. SÁ, Maria Elisa. **The generational rupture of the New Left in the long 1960s:** a comparison between groups from the United States and Argentina. Rio de Janeiro, 2022. 123p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The text analyzes the differences and similarities among generational conflicts in groups on the left from the USA and Argentina during the long 1960s. The study notes there are common aspects which brought to the rupture between the generations on the left on the left of the political spectrum in both contexts, such as, for example, the generational groups' relation with workers' organizations and with the Socialist Bloc.

Keywords

1960s; Generation; New Left; Peronism; Latin America;

Sumário

1. Introdução	9
1.1 Conceitos Fundamentais.....	10
1.1.1 Os longos anos 1960.....	11
1.1.2 Geração, conflito e ruptura geracional.....	16
2. EUA: conflitos e ruptura geracional entre a LID e o SDS.....	19
2.1 Breve História da LID	19
2.2 O SDS e seus componentes	23
2.3 O SDS e o movimento pelos direitos dos negros	26
2.4 Conflitos, embates e ruptura entre a LID e o SDS	30
2.5 Questão geracional no conflito e ruptura entre a LID e o SDS.....	40
2.6 Thomas Hayden como personificação da nova geração de esquerda do SDS que rompeu com a LID	42
3. Argentina: conflitos e ruptura entre a velha guarda peronista e os Montoneros	55
3.1 Breve história do Peronismo e da velha guarda peronista	55
3.2 Os Montoneros e seu precursor, o Comando Camilo Torres	61
3.3 O surgimento público dos Montoneros.....	69
3.4 Exposição de algumas ideias fundamentais Montoneras.....	72
3.5 Conflitos e ruptura entre a condução nacional dos Montoneros e a velha guarda peronista	80
3.6 Questão geracional no conflito e ruptura entre o Peronismo “original” e os Montoneros	96
4. Conclusão: uma comparação entre os conflitos e rupturas entre a velha guarda peronista e os Montoneros, e entre a LID e o SDS	100
4.1 O Catolicismo progressista conciliar, o SDS e os Montoneros.....	100
4.2 Os Montoneros, o SDS, o Socialismo Cubano e o terceiro-mundismo	105
4.3 Sindicatos, sindicalistas, o SDS e os Montoneros.....	108
4.4 A antiga geração dos respectivos movimentos, o SDS e os Montoneros	109
5. Considerações finais.....	112
6. Referências Bibliográficas.....	114

1. Introdução

Tendo nascido em um país latino-americano – região do mundo onde o histórico de imperialismo e ingerência dos Estados Unidos se fez presente e é bastante lembrado, em grande parte negativamente – ao longo de muitos anos vinha me perguntando como seriam movimentos à esquerda do espectro político naquele país, o senso comum que me circundava de forma mais direta dizia que estes eram inexistentes. Na graduação, tive a oportunidade de fazer domínio adicional em estudos latino-americanos, onde pude perceber mais objetivamente que o contexto latino-americano é diferente da realidade norte-americana, e também que ideias circulam entre as diversas regiões do mundo, percorrendo caminhos transnacionais.

Nutrindo um forte interesse pela década de 1960, descobri a existência do *Students for a Democratic Society* (SDS), um movimento estudantil nos EUA que ficou conhecido como um dos principais grupos da chamada nova esquerda daquele país – sendo o próprio fato de ter havido uma dita nova esquerda norte-americana uma descoberta interessante para mim, a qual contradizia o senso comum que me rodeava anteriormente à graduação. Considerando meus interesses, decidi escrever minha monografia sobre os embates geracionais protagonizados pela nova esquerda do SDS com seus pares mais velhos através dos relatos memorialísticos de um dos líderes iniciais do grupo, Thomas Hayden.

Durante a elaboração da monografia, descobri que também houve embates importantes protagonizados por jovens com pares de mais idade, mais ou menos na mesma época, também na Argentina, mais especificamente no interior do Movimento Peronista, organização política tão representativa daquele país no imaginário popular. Essa descoberta me levou a pensar, tendo o ethos dos anos 1960 sido caracterizado pelo protagonismo da juventude, por conflitos geracionais em ambos os contextos, tanto argentino quanto estadunidense, será que esse clima do período não atingiu ambas as realidades, por mais distintas que fossem? Se este fosse o caso, então, por mais diferenças que pudesse haver entre os contextos nos quais os movimentos de esquerda norte-americano e latino-americano estavam inseridos, poderia haver semelhanças entre eles? Poderiam ambos os movimentos de esquerda estar compartilhando e/ou se baseando em ideias comuns? Se a resposta

para a última questão fosse afirmativa, como se daria a circulação de ideias entre movimentos esquerdistas inseridos em contextos diferentes? Foi a partir dessas interrogações que surgiu a possibilidade de realizar a pesquisa a qual deu origem ao presente trabalho.

Como fonte foram utilizados; no caso estadunidense, o Manifesto de Port Huron, memórias de pessoas próximas à LID e de componentes do SDS; e no caso argentino, correspondências de Perón, do membro da velha guarda peronista José I. Rucci e dos Montoneros, o manifesto e declarações públicas dos Montoneros e o discurso de Perón por ocasião do dia do trabalhador de 1974. Elas foram escolhidas para esse trabalho porque foram as fontes confiáveis disponíveis as quais pude ter acesso.

O primeiro capítulo do texto aqui elaborado se propõe a dissertar sobre os conflitos entre a nova esquerda do SDS e seus pares da antiga geração representados pela organização mãe do grupo, a *League for Industrial Democracy* (LID). Nele se tentará perceber uma parte da realidade dos movimentos de esquerda norte-americanos durante os longos anos 1960, se os conflitos tiveram caráter geracional e em torno de quais questões eles ocorreram.

O segundo capítulo pretende desenvolver sobre os conflitos da organização Montoneros, representantes da juventude peronista de esquerda, com seus pares da velha guarda do Peronismo. Também se tentará perceber se houve conflito geracional, os motivos que teriam gerado os embates e como isso tudo se relacionava ao contexto argentino dos longos anos 1960.

Já o último capítulo tem intenção de fazer uma comparação de ambos os contextos de conflito durante os longos anos 1960, tentando perceber semelhanças e diferenças e responder às questões levantadas nessa parte inicial do trabalho. Antes de prosseguir na dissertação é bom ter-se em mente os conceitos fundamentais a serem utilizados, os quais serão apresentados a seguir.

1.1 Conceitos Fundamentais

1.1.1 Os longos anos 1960

Muito se tem escrito sobre esse período, com isso, por mais que possa haver alguns debates e divergências em torno do conceito de longos anos 1960, há também consensos a respeito do que foi a época à qual o termo conceitual se refere. Um consenso essencial sobre a década de 60 do Século XX é que algo importante aconteceu naquele momento histórico – haja vista a quantidade bibliográfica e artística representando e discutindo a época – principalmente nas sociedades ocidentais e majoritariamente urbanas.

“Os anos 1960 americanos não foram *uniformemente* [grifos do original] rebeldes, mais do que os anos 1950 foram *uniformemente* [grifos do original] conservadores ou os anos 1970 *uniformemente* [grifos do original] quiescentes. Mesmo se as décadas, como os séculos, pudessem ser consideradas como começando com algum atraso, de modo que pudéssemos datar os anos 1960 “reais” [grifos do original] de, digamos, 1964 a 1974, nem assim os contrastes convencionais funcionariam perfeitamente. [...] Assim, “os anos 1960” [grifos do original] é [sic] menos uma expressão para o estado da Nação do que uma expressão-guia para um estado mental – radical, voltado para a juventude, contra cultural, de fácil condução, comprometido com as atitudes da nova esquerda, direitos da minoria, consciência negra, drogas experiência psicodélica, protesto e dissensão.”¹

Segundo a transcrição anterior de Malcolm Bradbury, os anos 1960 foram um estado mental de dissensão, rebeldia e voltado à nova esquerda, com grande protagonismo da juventude e das minorias – para o autor, estes, por serem um estado

¹ BRADBURY, Malcolm et al. Os anos 1960 e 1970, in: BRADBURY, Malcolm et al. (orgs.)

Introdução aos Estudos Americanos, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

mental, um ethos, não se limitariam necessariamente apenas aos anos que compõem de forma oficial a década do Calendário Gregoriano. Na obra, Bradbury sugere que os anos 1960 – como o autor denomina todo o período ao qual se refere – poderiam estender-se aos anos imediatamente anteriores e posteriores ao tempo oficial desta década, estabelecido pelo Calendário Gregoriano vigente nos países ocidentais e na maior parte do mundo, tornando-os assim longos anos 1960.

Arthur Marwick considera que o período que ele chama de longos anos 1960 começaram mais ou menos entre 1958 e 1959 e se estenderam até aproximadamente 1973 e 1974. O autor considera também que essa época pode ser dividida em três subperíodos internos – ou temporalidades, para explicar a definição dada pelo historiador usando-se outra palavra – com características um pouco distintas entre estes, mas ainda assim ambos compondo o mesmo momento histórico, ou temporalidade, maior dos longos anos 1960. “[...] I am postulating a ‘long sixties’, beginning in 1958 and ending, broadly speaking [...] in 1973-4. [...] that period being divided into three distinctive sub-periods, 1958-63, 1964-8/9, and 1969-74.”

2

Marwick apresenta de forma enumerada uma série do que ele pensa serem as principais características dos longos anos 1960. Há a formação de expressões sub culturais novas, normalmente críticas e/ou em oposição ao *status quo* social vigente então; a influência e ascensão dos jovens na esfera político-social; irrupções nas hierarquias familiares, de gênero, raça e classe; uma certa informalização e desinibição na maneira de portar-se e vestir-se, tornando-a mais espontânea; liberalização e maior permissividade sexual; comunicação e trocas culturais de forma mais dinâmica; maior disponibilidade para correr riscos; entre outras.

O autor aponta que essas inovações foram possíveis graças ao contexto político e econômico na maior parte do planeta ter sido favorável aos aspectos que marcaram o período histórico dos longos anos 1960. Ele chama atenção que a ascensão de influência político-social dos jovens foi viável devido ao caráter tolerante e democrático de algumas pessoas mais velhas que estavam em posições de comando e tomada de decisão na época, devido à situação econômica estar boa

² MARWICK, Arthur. **The Sixties**: Cultural Revolution in Britain, France, Italy and the United States, c. 1958-c.1974, Londres: Bloomsbury, 1998, p. 6-7.

e os sistemas educacionais na maioria do planeta estarem se expandindo. Assim esses jovens contestadores podiam estar majoritariamente em instituições de ensino, possuindo uma renda suficiente para se sustentar sem tanta dificuldade. E devido à expansão do consumo e das comunicações de massa, os intercâmbios eram facilitados, tornando-se mais possíveis, e a repercussão das atitudes inovadoras e contestadoras ganhavam reverberação maior. Alguns dos aspectos trabalhados e enfatizados por Marwick também são mencionados por Eric Hobsbawm³.

Marwick enfatiza que as condições principalmente econômicas que possibilitaram diversos aspectos significativos dos longos anos 1960 se estabeleceram antes desse período, talvez mais especificamente entre finais da década de 1940 e a década de 1950. Ele dá ênfase também ao fato de que apesar do ethos contestador e rebelde dos longos anos 1960 ter permeado de alguma forma a maioria das sociedades principalmente ocidentais em vários âmbitos, houve fortes reações contra esse espírito de rebeldia e suas manifestações.

Em *Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental*⁴, os longos anos 1960 são vistos como sinônimo do ethos contestador, rebelde, à esquerda e voltado para as minorias político-sociais que prossegue o que é chamado de ethos do período pós-guerra – este, por sua vez, possuiria um caráter vitoriano baseado na ordem, na idealização de papéis de gênero e na ênfase ao valor do respeito à hierarquia o qual permearia praticamente todas as esferas das sociedades ocidentais. O trabalho se baseia nas obras de autores como Eric

³ HOBBSAWN, Eric. **The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)**, Nova York: Vintage Books, 1996.

⁴ FARIAS, R. B. Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental, in: **Dignidade Revista**, v. 6, n. 10, 2020.

Hobsbawm⁵, Tony Judt⁶, Peter Gay⁷, Malcolm Bradbury⁸, Arthur Marwick⁹, Peter N. Stearns¹⁰, Jeffrey Weeks¹¹, Anthony Giddens¹² e outros.

Concordo com Marwick e Hobsbawm que o ethos dos longos anos 1960 foi possível graças ao contexto principalmente econômico favorável no ocidente e em praticamente todo o mundo, associado à expansão dos sistemas de ensino do período pós-guerra em diante – sendo interessante notar que tanto o SDS quanto o Comando Camilo Torres/Montoneros surgiram no meio estudantil, tendo como protagonistas sobretudo estudantes de classe média –, pois o fato de uma parcela significativa de jovens estarem em grande quantidade juntos, convivendo nos meios educacionais entre seus pares, facilitou a construção de um caráter mais configurativo na formação e apreensão de valores entre eles¹³. Dito de outro modo: os jovens majoritariamente em espaços estudantis passaram a receber uma influência maior de pessoas de idade semelhantes às suas que de seus pais, parentes e outros antepassados, com isso passaram a formar seus valores e consequentemente apresentar cosmovisões mais próximas a seus pares geracionais que com relação às ideias culturais de suas famílias. Também estou de acordo com Bradbury e Marwick que os longos anos 1960 podem ser divididos por fases, pois a própria trajetória dos grupos da nova esquerda analisados nesse estudo demonstra que eles viveram fases distintas, o que indica etapas diferentes em sua história apesar de haver um mesmo recorte temporal maior dos longos anos 1960. E

⁵ HOBBSBAWN, Eric. Op. Cit; **A Era das Revoluções**, Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1977.

⁶ JUDT, Tony. **Postwar: A History of Europe Since 1945**, Nova York: Penguin Press, 2005.

⁷ GAY, Peter. **Schnitzler's century: The making of middle-class culture 1815-1914**, Nova York: Norton & Company, 2002.

⁸ BRADBURY, Malcolm et al. Op. Cit.

⁹ MARWICK, Arthur. Op. Cit.

¹⁰ STEARNS, Peter N. **Sexuality in World's History**, 2. ed. Nova York: Routledge, 2017.

¹¹ WEEKS, Jeffrey. **Sex, Politics and Society: The Regulation of Sexuality Since 1800**, 4. ed., Nova York: Routledge, 2018.

¹² GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**, São Paulo: UNESP, 1992.

¹³ Utilizo aqui a expressão cunhada por Margaret Mead. Ver: MEAD, Margaret. **Culture and Commitment: A Study of the Generation Gap**, Nova York: Natural History Press, 1970.

concordo com o último que o ethos do período sofreu forte reação, em grande medida por parte de movimentos e grupos conservadores.

Porém, ao contrário de Bradbury, não acho prudente pensar a época dividida em períodos governamentais, como ele faz ao apresentar aquele momento histórico, dividindo-o entre administrações presidenciais que governaram os EUA durante esse recorte temporal. Ao mesmo tempo penso ser tampouco correto dividi-lo em três fases – uma mais esperançosa, outra mais radical e outra de consolidação – como faz Arthur Marwick. Ambas as divisões temporais não parecem demonstrar-se aplicáveis às trajetórias dos grupos da nova esquerda estudados.

Em certa consonância com Marwick¹⁴ e principalmente Bradbury¹⁵, considero os longos anos 1960 como sendo uma época permeada por um estado mental de rebeldia, dissensão e protagonizado por minorias, pela nova esquerda que surgiu no período, e pela juventude – características que acabaram formando o ethos daquele momento histórico que permeou diversas instituições e âmbitos das sociedades mundiais. Faço a divisão temporal desse período em dois momentos – o primeiro mais esperançoso e dialógico e o segundo mais radical e combativo – considerando esta a melhor forma de analisar o recorte ao qual me proponho a analisar. Essa divisão temporal do período é perceptível nas trajetórias tanto do SDS quanto dos Montoneros – que a princípio se denominava Comando Camilo Torres¹⁶. Ousaria afirmar que esse momento histórico pode ser traçado a partir de algum momento na década de 1950, prosseguindo até meados da década de 1970 aproximadamente – o entremeio de quais pontos específicos das décadas mencionadas pode-se considerar constitutivo dos longos anos 1960 dependeria da abordagem analítica dos determinados recortes nacional, social, entre outros.

¹⁴ MARWICK, Arthur. Op. Cit.

¹⁵ BRADBURY, Malcolm et al. Op. Cit.

¹⁶ O SDS teve uma trajetória inicial menos radical, por assim dizer, que vai até mais ou menos meados da década de 1960, posteriormente ele adotará posturas cada vez mais radicalizadas. Um processo parecido deu-se entre os Montoneros – a princípio, em finais da década de 1960, o grupo chamava-se Comando Camilo Torres e apresentava postura menos radical do que apresenta posteriormente, quando torna-se Montoneros na virada dos anos 1960 para 1970.

Também faço coro com Julie Stephens¹⁷ ao associar ao ethos dos longos anos 1960 um aspecto anti-disciplinar, seja em protestos ou na linguagem dos movimentos e grupos surgidos à época – esse caráter se apresenta constantemente entre os grupos da nova esquerda.

Quando for utilizada a expressão longos anos 1960 estará fazendo-se referência ao ethos temporal e aos elementos atrelados a este como definido conceitualmente nessa parte do trabalho. Caso a expressão faça referência diretamente à década, tentará apontar o momento histórico mais objetivamente, pois como tentou-se demonstrar, o conceito de longos anos 1960 não se restringe ao período da década tal qual delimitada pelo Calendário Gregoriano.

1.1.2 Geração, conflito e ruptura geracional

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora a palavra geração possui um sentido tanto puramente biológico-natural, como por exemplo: ato de procriação e/ou filiação; quanto um sentido social, exemplificando: conjunto de pessoas de uma mesma época.¹⁸ Nesse trabalho se enfocará no sentido social do conceito, portanto dissertar-se-á sobre este nos próximos parágrafos.

Karl Mannheim¹⁹ é quem melhor definiu o conceito sócio-histórico de geração. O autor argumenta que geração é uma posição social na qual estão associados normalmente indivíduos nascidos num período de tempo próximo uns dos outros. Mas aponta também que, apesar de inerentemente atrelado a este, esse conceito deve ir além do aspecto etário para fazer sentido, devendo-se abordar outras questões sociais vinculando-as a ele. Ou seja, ao mesmo tempo que Mannheim atribui importância central ao caráter, que é biológico-natural, etário de geração, ele enfatiza que reduzir o conceito a esse aspecto é equivocado e limitador.

¹⁷ STEPHENS, Julie. **Anti-disciplinary protest: sixties radicalism and postmodernism**, Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

¹⁸ **Dicionário de Língua Portuguesa**, Porto: Porto Editora. Consultado em: 30 jun. 2021.

¹⁹ MANNHEIM, Karl. The problem of generations, in: KECSKEMETI, Paul. (org.) **Karl Mannheim: Essays**, Londres: Routledge, 1972.

Segundo o autor as pessoas podem se perceber como parte de uma geração ou de uma unidade geracional – conceitos que continuam sendo discutidos mais à frente no texto – ou não, o que não significa que não façam parte desses grupos sociais.

Mannheim enfatiza que por seu caráter biológico-natural – consistindo, no caso, principalmente por seu aspecto etário – o fenômeno delimita as possibilidades de pensamento e valores que aquele grupo de pessoas apresentam, devido ao leque de experiências que impõe aos indivíduos. Ele chama atenção que os sujeitos formam sua cosmovisão inseridos num tempo determinado e lidam com as questões que os cercam em sua época com base nos valores e ideias da cultura e do momento histórico e de vida em que estão inseridos – assim pensam e criam campos de possibilidade baseados na realidade em volta. Sendo dessa forma, Mannheim defende a ideia que um grupo, para fazer parte de uma mesma geração, as pessoas que o compõem devem ter nascido num período de tempo próximas umas das outras e estarem inseridas numa mesma realidade concreta. Além disso, o autor constrói o conceito de unidade geracional, ou unidade de geração, este consistiria num estrato de uma geração, podendo ser grupos organizados e conscientes do caráter geracional que os une ou não, compostos por sujeitos de uma mesma geração que veem e pensam sua realidade concreta de uma maneira semelhante.

“Youth experiencing the same concrete historical problems may be said to be part of the same actual generation; while those groups within the same actual generation which work up the material of their common experiences in different specific ways, constitute separate generation units. [grifos da edição citada]”²⁰

O autor A. Sedas Nunes chama atenção para a questão da consciência geracional. Ele considera que uma geração só se consolida como tal a partir do momento que os membros que a compõem se percebem como detentores de características comuns entre si e distintas de indivíduos mais velhos e/ou mais

²⁰ MANNHEIM, Karl. Op. Cit, p. 304.

novos. Concordando com Mannheim²¹, Sedas Nunes argumenta que uma geração é composta por pessoas que nasceram num período de tempo próximo, porém ao contrário do primeiro – que pensa bastar a questão etária relativamente semelhante e os indivíduos estarem inseridos numa mesma realidade concreta – ele disserta que para que componham uma geração, seus membros devem também reconhecer-se como detentores de aspectos sociais e culturais próprios, distintos de sujeitos de outras faixas etárias.²²

Baseado em parte na obra clássica *The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and its Youthful Opposition* de Theodore Roszak²³, José Machado Pais indica que se pode pensar rupturas, crises e conflitos entre gerações sobretudo quando uma situação de tensão e/ou confrontação entre pessoas que se formaram culturalmente e/ou politicamente em diferentes contextos temporais se torna evidente. Pais indica também que nesses casos há maior probabilidade de despertar-se uma consciência geracional entre os sujeitos, principalmente os que estiverem diretamente envolvidos no conflito.²⁴ Considerando o último pensamento citado do autor como verdade, os longos anos 1960, principalmente no contexto dos grupos que esse estudo se propõe a observar, são um recorte bastante propício para o surgimento de consciência geracional.

Essa dissertação tende a aproximar-se do pensamento desenvolvido por Karl Mannheim no concernente a sua definição dos conceitos de geração e unidade de geração, mas sem propor-se a desconsiderar a importância da ideia de consciência geracional à qual chama atenção Sedas Nunes. As ideias de conflito e ruptura geracional, mencionadas por José Machado Pais, também serão importantes para o trabalho aqui desenvolvido. Serão considerados os conflitos entre as gerações dos respectivos movimentos estudados como essenciais e representativos das divergências e ruptura geracional nos determinados contextos analisados.

²¹ Op. Cit.

²² SEDAS NUNES, A. Apud: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, 2. ed., Lisboa: INCM, 2003.

²³ ROSZAK, Theodore. **The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and its Youthful Opposition**, Nova York: Anchor Books, 1969.

²⁴ PAIS, José Machado. Op. Cit.

2. EUA: conflitos e ruptura geracional entre a LID e o SDS

Neste capítulo, trabalhar-se-á a ruptura geracional ocorrida nos longos anos 1960 entre a nova e a velha esquerda dos Estados Unidos, no caso a velha esquerda representada pela *League for Industrial Democracy* (LID) e a nova esquerda²⁵ representada pelo *Students for a Democratic Society* (SDS).

2.1 Breve História da LID

A LID foi uma organização voltada para reunião e formação política que congregava líderes sindicais, intelectuais e estudantes que militavam à esquerda. Ela foi fundada em 1905, com o nome de *Intercollegiate Socialist Society* (ISS), no intuito de promover participação política entre jovens universitários, por Upton Sinclair, famoso escritor e jornalista de esquerda norte-americano – tendo congregado em seu início Jack London, outro celebrado escritor e militante socialista estadunidense, John Reed, jornalista conhecido como o primeiro norte-americano a viver a experiência e relatar a Revolução Russa, Norman Thomas, pastor e membro do *Socialist Party of America* (SPA), Edna St. Vincent Millay, poetisa vencedora do prêmio Pulitzer, entre outros. Posteriormente ela congregará também o filósofo e educador John Dewey e o sindicalista da *United Auto Workers* (UAW) Walter Reuther. Os membros da organização eram normalmente formados

²⁵ Sobre a nova esquerda – conceito bem estabelecido na historiografia, principalmente norte-americana, que se define pelos movimentos e organizações à esquerda do espectro político surgidos durante os longos anos 1960 – e seus diversos grupos, ver: GOSSE, Van. **Rethinking the New Left: an interpretative History**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

ou próximos a grupos pertencentes à vertente trotskista do pensamento marxista ou a vertentes social-democratas.

Em 1921 seus membros mudaram o então nome da organização para *League For Industrial Democracy* (LID), tirando as palavras socialista e intercolegial da nomenclatura organizacional devido à crescente impopularidade do Socialismo nos Estados Unidos após a Revolução Russa e ao fato de seus componentes já não estarem majoritariamente em idade próxima aos estudantes do meio universitário. A LID se voltou então mais para o meio fabril, porém sem se propor a abandonar o meio universitário, criando uma ala dentro do grupo para lidar com os estudantes, denominada *Students League for Industrial Democracy* (SLID). Nessa época, a LID vinha sofrendo uma baixa em seus quadros, mas mantinha um núcleo fiel de componentes.

Após a Crise 1929 a diminuição de membros começou a se inverter na organização, havendo um crescimento significativo de pessoas compondo-a, inclusive muitos estudantes entraram para a SLID. Por influência desses novos componentes, nos anos 1930 a LID deixa de lado seu caráter meramente formativo e passa a promover piquetes e organizar greves, atos e outras ações. Mas esse auge de atividade e renovação dura pouco, e entre meados a final da década as leva de estudantes universitários que passaram a lotar a ala estudantil começam a contestar fortemente sua organização-mãe e, em pelo menos dois momentos, rompem em peso com a última, indo compor outros grupos considerados mais radicais pelos estudantes – inclusive indo integrar agrupações ligadas ao *Communist Party of the USA* (CPUSA), partido vinculado à Moscou.²⁶ A LID por sua vez, através de alguns componentes que permaneceram em seus quadros e/ou em proximidade do grupo, se torna simpatizante e, em alguns casos, próxima ao Governo de Franklin D. Roosevelt durante o período das políticas do *New Deal*²⁷ e da Segunda Guerra Mundial - o apelo popular do Governo Roosevelt, com o conjunto de medidas que

²⁶ Rodrigo Farias de Sousa faz apontamentos sugerindo que esses eventos foram os primeiros conflitos geracionais envolvendo a LID e sua ala estudantil. SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV: Rio de Janeiro, 2009.

²⁷ Sobre o New Deal ver: DUBOFSKY, Melvyn. (org.) *The New Deal: conflicting interpretations and shifting perspectives*, Nova York: Garland, 1992.

formaram as políticas públicas do *New Deal* e o esforço contra o Eixo durante a Guerra, não atingiu apenas a LID mas, de certa forma, a esquerda estadunidense como um todo, levando diversos esquerdistas a se congregarem em torno das ações e promoções governamentais do Presidente que liderou por mais tempo os Estados Unidos²⁸. A popularidade do Governo Roosevelt atingiu massivamente também os trabalhadores, principalmente os sindicalizados, sobretudo fabris e praticantes de outros ofícios formalizados²⁹.

Os últimos eventos citados, aliados à formação principalmente trotskista e social-democrata dos membros da LID, contribuíram para o aumento do sentimento anti-stalinista. Foi tornando-se cada vez mais evidente ao longo principalmente de finais da década de 1930 e inícios de 1940 a hostilidade por parte da LID com relação a qualquer movimento, grupo ou ação vinculada ao Regime Soviético. A organização começou a associar a URSS e o que chamavam de Comunismo – referindo-se especificamente ao sistema político-econômico desenvolvido por Moscou – inerentemente ao suposto autoritarismo totalitário atribuído a Stálin, líder soviético na época.

“By 1958 the Progressives did not exist, the organized liberal students were a remnant, and the socialists were [a] happy few [...] With the emergence of Joseph McCarthy in 1950 as a national figure, a mood of repression and fear swept the campuses. As a result, my

²⁸ KAZIN, Michael. **American Dreamers**: How the Left Changed a Nation, Nova York: Vintage Books, 2011.

²⁹ Sobre a história dos sindicatos e outros movimentos de trabalhadores nos EUA ver: DUBOFSKY, Melvyn. MCCARTIN, Joseph A. **Labor in America**: a history, 9. ed. Chichester: Wiley, 2017. Sobre a relação do Estado Estadunidense com os sindicatos e organizações de trabalhadores, principalmente durante o *New Deal* do Governo Roosevelt, ver: DUBOFSKY, Melvyn. **The State and Labor in Modern America**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1994; LIMONCIC, Flávio. **Os Inventores do New Deal**: Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930, Rio de Janeiro: UFRJ, 2003; COHEN, Lizabeth. **Making a New Deal**, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014; CHERNY, Robert W. ISSEL, William. TAYLOR, Kieran W. (orgs.) **American Labor and the Cold War**: Grassroots Politics and Postwar Political Culture, Nova Jérsei: Rutgers University Press, 2004.

generation and the one that immediately followed it in the fifties were frightened in spirit as well as few in number. I was atypical.”³⁰

Cerca de uma década depois, após o fim da Segunda Grande Guerra, como relata na transcrição anterior Michael Harrington – intelectual dos meios da esquerda nova-iorquina que foi formado nas “[...] traditions of revolutionary anti-Stalinist Marxism”³¹ –, a organização sofreu a perseguição e vigilância constante às esquerdas promovidas pelas instituições estadunidenses durante o período inicial da Guerra Fria³² nos EUA, período chamado pela historiografia de Mccarthyismo³³ – devido ao sobrenome de um dos principais detratores da esquerda norte-americana, o Senador Joseph McCarthy. Essa época histórica teve lugar na virada dos anos 1940 para 1950 e levou à redução ainda maior dos quadros organizacionais dos movimentos à esquerda, mas ainda assim a LID manteve um grupo leal de militantes.

O período mccarthyista se caracterizou pela hostilidade pessoal e institucional a qualquer organização e/ou indivíduo à esquerda do espectro político – chegando-se ao ponto ocasionalmente de figuras que sequer eram esquerdistas sofrerem retaliações devido à demonstração de alguma ideia ou valor mais progressista, ou ao menos um ideário não tão conservador. Nos meios acadêmicos, e de empregos formais em geral, essa perseguição à esquerda resultou na demissão de diversos indivíduos que começaram a ser vistos como potenciais “comunistas” – que podia significar qualquer pessoa com ideias mais progressistas –, os quais eram considerados intrinsecamente inimigos dos Estados Unidos e dos valores

³⁰ HARRINGTON, Michael. **Fragments of the Century: A Social Autobiography**, Nova York: Saturday Review Press, 1973, p. 134.

³¹ Op. Cit, p. 144.

³² Sobre a Guerra Fria ver: VIZENTINI, Paulo F. A Guerra Fria, in: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. (orgs.) **O Século XX: O Tempo das Crises**, vol. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 195-225. MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria: história e historiografia**, Curitiba: Appris, 2020.

³³ Sobre o Mccarthyismo ver: HAYNES, John E. **Red Scare or Red Manace? American Communism and Anticommunism in the Cold War Era**, Chicago: Ivan R. Dee, 1996.

político-sociais representados pela democracia norte-americana. Tendo esse contexto histórico em conta pode-se imaginar que os membros da LID procuraram fazer o possível para demonstrar fidelidade aos EUA e aos valores tidos como simbólicos daquele país, buscando ao máximo afastarem-se de qualquer demonstração de simpatia ao Regime Socialista Soviético – maior representante e líder do bloco político-econômico rival do Estado Estadunidense.

A perseguição mccarthyista, em conjunto com o anti-stalinismo, o sentimento negativo em torno da URSS e a simpatia e entusiasmo com relação às políticas públicas do *New Deal*, contribuíram para a importância dada pelos componentes da LID à demonstração de fidelidade ideológica aos valores promovidos pelo Estado Estadunidense. Na aurora dos longos anos 1960 os membros do grupo eram normalmente figuras mais velhas e já consolidadas e relativamente conhecidas no cenário político-social da esquerda norte-americana da época – conhecidas principalmente em setores da intelectualidade nova-iorquina e entre movimentos organizados de trabalhadores.³⁴

2.2 O SDS e seus componentes

Entre finais da década 1950 e inícios da década de 1960 o estudante da Universidade de Michigan Alan Haber, componente da então SLID, tenta dar novo impulso à ala estudantil da LID divulgando e promovendo o grupo entre seus colegas universitários. Nessa tentativa de dar novo impulso à SLID – que passa então a chamar-se *Students for a Democratic Society* (SDS) por pedido de Haber –, ele e alguns colegas recrutados pelo mesmo propõem fazer uma convenção no qual seria apresentado um manifesto com novas diretrizes para o grupo estudantil, tendo Thomas Hayden, outro estudante da Universidade de Michigan, como principal redator do texto – o qual deveria ter elementos incorporados coletivamente

³⁴ Sobre a velha esquerda em geral e a LID mais especificamente ver: ISSERMAN, Maurice. **If I Had a Hammer**: The Death of the Old Left and the Birth of the New Left, Nova York: Basic Books, 1987; KAZIN, Michael. Op. Cit; SALE, Kirkpatrick. **SDS**, Nova York: Vintage Books, 1974; SOUSA, Rodrigo Farias. Op. Cit.

a este na convenção e tratar de temas considerados relevantes pelos universitários que participariam do evento. A ideia era que o SDS fosse um grupo com uma visão característica da época em que estava inserido, “Based on action and education, affirming economic democracy and identifying in the indigenous radical tradition of “our founders” [grifos do original] Upton Sinclair, Jack London, Clarence Darrow, and progressives like “fighting Bob” [grifos do original] La Follete [...]”³⁵.

A convenção que marcaria oficialmente a origem do SDS ocorreu em meados de 1962 na cidade de Port Huron, Michigan, na qual é discutido e lançado o documento fundador da organização, o *Port Huron Statement* – num recinto disponibilizado pelo *United Auto Workers* (UAW), o maior sindicato de trabalhadores de empresas automobilísticas dos EUA de então, por influência de Millie Jeffrey, mãe de Sharon Jeffrey uma das fundadoras do SDS, que compunha a organização trabalhista. A Convenção de Port Huron marca ao mesmo tempo a origem oficial do SDS e o ponto crucial para a ruptura entre o último e a LID, tendo em vista que os embates mais marcantes e emblemáticos entre os grupos representantes das duas gerações de esquerda ocorreram durante o evento e/ou como resultado direto dele, e as duas vertentes geracionais de esquerda passaram basicamente a identificar-se e organizar-se como opostas e distintas naquele momento histórico. Antes de aprofundar-se sobre o conteúdo do documento consolidado em Port Huron e os conflitos e discussões que se deram durante a reunião que marcaria a fundação do SDS é importante refletir sobre a história, contexto e influências dos jovens que o comporiam em seu início.

“WE ARE PEOPLE OF THIS GENERATION, BRED IN AT LEAST [grifos do original] modest comfort, housed now in universities, looking uncomfortably to the world we inherit.”³⁶ A transcrição acima, apesar de breve, proporciona um vislumbre de quem eram os universitários que participaram da Convenção de Port Huron. Eles eram jovens, como declarado pelos mesmos,

³⁵ HABER, Alan. It’s Been Said I’m Still Unrealistic, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, p. 54.

³⁶ HAYDEN, Thomas et al. **The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s’ Revolution**, Nova York: Thunder’s Mouth Press, 2005, p 45.

“daquela geração” – ou seja, da geração de indivíduos nascidos durante o evento histórico conhecido como *Baby Boom*, composta por pessoas nascidas logo após e durante a Segunda Grande Guerra – que, devido às condições econômicas favoráveis do pós-guerra, haviam sido criados com relativo conforto e estavam naquele momento ocupando as universidades, graças também à expansão educacional e bonança econômica do período pós-guerra. Eles eram norte-americanos jovens, em maioria de classe média e majoritariamente brancos.

Alguns eram o que costumava-se chamar de *red-diaper babies*, bebês de fralda vermelha em tradução literal, que consistia nos filhos de militantes ou simpatizantes de organizações de esquerda – muitos dos quais cujos pais haviam sido comunistas, socialistas, sindicalistas e/ou partidários de Franklin D. Roosevelt e das políticas de seu *New Deal*. Eram *red-diapers* nomes importantes da fundação do SDS, como por exemplo: Sharon Jeffrey, Steve Max, Richard e Miriam Flacks, entre outros. É interessante notar que grande parte dos *red-diaper babies* que participaram da fundação do SDS eram de Nova York e de origem judaica, com exceção entre os judeus de Alan Haber que era do meio oeste estadunidense – entre os *red-diapers* fundadores da organização estudantil citados anteriormente apenas Sharon Jeffrey não era nova-iorquina e a princípio tampouco tinha ascendência judaica.

Outros vários eram provenientes de lares que não participavam de nenhum movimento político-ideológico-sindical organizado, como era o caso de Thomas Hayden, Maria Varela, Robb Burlage e Rennie Davis. Dentre os últimos Maria Varela e Thomas Hayden, nasceram no meio oeste, tinham ascendência irlandesa e formação católica – a primeira tendo inclusive citado a Encíclica *Master et Magistra*, escrita e publicada pelo Papa João XXIII em 1961, no Evento de Port Huron. “The Port Huron Statement and [...] *Mater et Magistra* (May 1961) could, for the most part, stand side by side in calling for the just reconstruction of society. [...] I had an insight and gathered up enough courage to speak up. [...]”³⁷ Além dos católicos é importante notar também a presença de Sandra Cason, sulista de

³⁷ VARELA, Maria. A Young Christian Student at Port Huron, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, p. 79.

denominação cristã protestante – compondo, ao lado de Robb e Dorothy Burlage, um grupo de sulistas do Texas na Convenção de Port Huron. Na transcrição a seguir, na qual Miriam Flacks se refere aos estudantes texanos, percebe-se certa sensação de deslumbramento e fascinação pelas origens e realidades bastante distintas entre alguns estudantes e outros, esse sentimento também é presente nas memórias de outros jovens que participaram da Convenção de Port Huron. “I saw a group of Southern white students, people whose existence I had imagined but had never seen. These folks [...] were, to my mind, sensational [...] They spoke articulately, but with the soft accents of their native Texas, making their words seem softer, yet more insistent, more important.”³⁸

2.3 O SDS e o movimento pelos direitos dos negros

Uma grande influência para o SDS foi o movimento pelos direitos civis dos negros, inclusive estando presentes na Conferência de Port Huron figuras do *Student Non-violent Coordinating Committee* (SNCC) – importante organização estudantil que promovia os direitos da população negra nos estados do sul dos EUA – como Charles McDew e Robert Zellner. É perceptível pelos relatos de Thomas Hayden e Rennie Davis que uma parte dos estudantes do sexo masculino, brancos e de classe média que participaram da Conferência de Port Huron só se deram conta dos apuros pelos quais passavam os negros nos EUA, principalmente nos estados sulistas, durante o período universitário. Rennie Davis relata sobre sua infância no interior do Estado da Virgínia:

“Growing up, the two Potter Brothers who cut my hair in Berryville were the only Afro-Americans I knew. The Black community, with its racially segregated Johnson-Williams High School, was mostly invisible to the all-white segregated side of town.

³⁸ FLACKS, Miriam. It was a Rising Sun, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, pp. 43-44.

[...] I would say I slept through the nightmare of this racist tradition. [...] I lived in a rural county that had its dark secrets I never bothered to notice.”³⁹

Outros futuros membros do SDS já haviam participado e/ou viriam a participar ativamente do movimento pelos direitos civis dos negros. Barbara Haber “[...] came to Port Huron from two years of intense work in the civil-rights movement.”⁴⁰ Sandra Cason “[...] organized illegal interracial meetings Southwide, rode the Freedom Train to Albany, New York; hung out with Student Nonviolent coordinating Committee (SNCC); traveled and spoke, interpreting [...]”⁴¹. Maria Varela, após o encontro em Port Huron com Sandra Cason, foi convidada pela última para trabalhar numa sede do SNCC em Atlanta, no Estado da Geórgia, e no envolvimento militante com a organização “[...] got from Atlanta to Selma and eventually to Mississippi.”⁴²

Além dos casos de envolvimento mais direto no movimento pelos direitos civis dos negros, há também relatos sobre a influência desse movimento na tomada de decisão para um engajamento político mais ativo e organizado, como pode-se inferir através da transcrição a seguir de Thomas Hayden sobre sua experiência, ainda como repórter do jornal estudantil *Michigan Daily*, da Universidade de Michigan, na Convenção Democrata de Los Angeles em 1960 – na qual Thomas encontra Martin Luther king Jr, um dos principais líderes do movimento pelos direitos da população negra nos Estados Unidos de então.

³⁹ DAVIS, Rennie. **The New Humanity: A Movement to Change the World**, Las Vegas: Bliss Life Press, 2017, pp. 30-31.

⁴⁰ HABER, Barbara. Port Huron: A Template For Hope, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, p. 58.

⁴¹ CASON, Sandra. “Only Love Is Radical”, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, p. 64.

⁴² VARELA, Maria. Op. Cit, p. 79.

[...] My most significant encounter during the convention week was there on the picket line: I interviewed Dr. Martin Luther King Jr. “Ultimately, you have to take a stand with your life,” he told me gently. I felt odd writing the words in my journalist’s notebook. As I left the line, and later as I left Los Angeles, I asked myself why I should be only observing and chronicling this movement instead of participating in it. King was saying that each of us had to be more than neutral and objective, that we had to make a difference. That was something I realized I always wanted to do.”⁴³

Após esse acontecimento Hayden declara que foi ao Mississippi – tendo sido espancado por brancos partidários da segregação no Estado durante uma manifestação antissegregacionista em 1961 – e inclusive teria começado os primeiros esboços do que viria a ser o Manifesto de Port Huron em uma cadeia no sul dos Estados Unidos por manifestar-se contra as leis Jim Crow⁴⁴ em vigor nos estados sulistas.

Como não poderia ser diferente, dada a forte inspiração do SDS no movimento pelos direitos civis dos negros, a atenção do SDS para com as dificuldades enfrentadas pela população negra e “de cor”⁴⁵ em geral aparece no Manifesto de Port Huron. No referido documento há uma enumeração em sete pontos sobre condições desfavoráveis para indivíduos não-brancos, citando posições de trabalho inferiores, maior nível de desemprego, menor nível de educação, habitações mais precárias entre outras dificuldades sofridas por essas populações nos Estados Unidos. Nesse trecho do Manifesto de Port Huron, o qual tem como subtítulo a palavra “discriminação”, os estudantes fazem uma denúncia do Racismo Estrutural que permeia a Sociedade Norte-Americana.

⁴³ HAYDEN, Tom. **Reunion**: a memoir, Nova York: Random House, 1988, pp. 35-36.

⁴⁴ Como eram chamadas as leis vigentes principalmente no sul dos Estados Unidos que legitimavam a segregação racial e tentavam impedir a participação política de pessoas não-brancas, em maioria negros, nos estados sulistas.

⁴⁵ Expressão usada recorrentemente nos EUA para referir-se a pessoas não-brancas.

“Even against this background, some will say progress is being made. The facts belie it, however, unless it is assumed that America has another century to deal with its racial inequalities. Others, more pompous, will blame the situation on “those people’s inability to pick themselves up,”[grifos do original] not understanding the automatic way in which such a system can frustrate reform efforts and diminish the aspirations of the oppressed. The one-party system in the South, attached to the Dixiecrat-Republican complex nationally, cuts off the Negro’s independent powers as a citizen. Discrimination in employment, along with labor’s accommodation to the “lily-white” [grifos do original] hiring practices, guarantees the lowest slot in the economic order to the “nonwhite.” [grifos do original] North or South, these oppressed are conditioned by their inheritance and their surroundings to expect more of the same: in housing, schools, recreation, travel, all their potential is circumscribed, thwarted and often extinguished.”⁴⁶

O texto, entre outras coisas, faz algumas críticas a como o racismo era visto nos EUA de então – nele é reconhecido que houve algum progresso na realidade vivida pela população não-branca do país, mas ao mesmo tempo afirma que essa melhoria estava ocorrendo muito lentamente. Faz-se uma crítica à ideia que as desigualdades raciais seriam responsabilidade das próprias pessoas não-brancas devido a suas supostas inabilidades. Os partidos Democrata e Republicano e o bipartidarismo estadunidense são criticados no documento por influírem em prol da continuidade no cerceamento do direito de voto dos cidadãos negros principalmente nos Estados sulistas. As organizações trabalhistas também não escapam da crítica feita pelos estudantes no Manifesto devido à sua suposta preferência pela população branca, chamada no documento de “*lily-white*”, nos processos de seleção para

⁴⁶ HAYDEN, Thomas et al. “The Port Huron Statement”, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, p. 157.

empregos – é importante ressaltar que, principalmente à época, era comum nos Estados Unidos empresas serem encorajadas a fechar contratos de emprego com sindicatos de trabalhadores, e os últimos indicarem os profissionais a serem contratados.

2.4 Conflitos, embates e ruptura entre a LID e o SDS

O apoio e simpatia nutrido pelos jovens do SDS à luta pelos direitos dos negros e à causa das pessoas não-brancas não foi um ponto de divergência direta com a velha esquerda da LID, apesar de ter havido certas discordâncias também com relação a essas questões. Como por exemplo em torno do potencial que pessoas racializadas teriam como agentes de transformação social – enquanto a velha esquerda da LID mantinha que um dos principais agentes transformadores da sociedade, se não o principal, era o operariado, principalmente industrial, a nova esquerda insistia no potencial político transformador dos pobres, negros e outros grupos não necessariamente pertencentes à classe trabalhadora organizada formalmente. Porém, a crítica feita aos sindicatos, ao bipartidarismo e aos dois maiores partidos estadunidenses, elementos que podem ser vislumbrados um pouco na transcrição anterior, foram grandes motivos de discórdia entre as duas gerações de esquerda – talvez os maiores motivos de divergência.

Como demonstrado pelo trabalho *A Ruptura das Esquerdas Norte-americanas dos longos anos 1960 pela trajetória de Tom Hayden*⁴⁷, houve uma série de embates e discordâncias em torno de algumas questões, que propiciaram estranhamento e a ruptura definitiva entre os dois grupos em meados da década de 1960 – quando o SDS passou a manter-se como organização totalmente desvinculada da LID, utilizando estruturas próprias e vivendo basicamente da contribuição e doação dos membros e do repasse financeiro concedido pelo *United*

⁴⁷ FARIAS, R. B. *A Ruptura das Esquerdas Norte-americanas dos longos anos 1960 pela trajetória de Tom Hayden*, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

Auto Workers (UAW)⁴⁸. Os conflitos geracionais que levariam à ruptura entre as referidas organizações de esquerda começaram a aparecer com intensidade na Convenção de Port Huron.

“We argued into the middle of the night sitting in the dining hall of the UAW center [onde ocorreu a Convenção de Port Huron] [...]. To this day, I think there was considerable substance to my main points. [...] I, however, treated the confused young idealists who made these understandable errors as if they were hardened intransigents. [...] I committed myself, emotionally and politically, to attacking the SDS leaders – my friends and comrades.”⁴⁹

Michael Harrington, componente da velha geração de esquerda próxima a LID, lembra com certo arrependimento dos conflitos que tiveram lugar na Convenção de Port Huron, reconhecendo que agiu mal tomando algumas atitudes, principalmente no que chama de ataques que ele teria feito contra líderes do SDS, mas ao mesmo tempo reafirma acreditar que suas considerações estavam corretas. Harrington argumenta:

“[...] if one dismissed the entire American labor movement and the liberal middle class [se referindo à classe média progressista, normalmente simpatizante do Partido Democrata dos EUA], what hope was there of ever building a majority coalition that could

⁴⁸ O SDS, apesar de ter possuído uma liderança nacional durante toda sua existência na década de 1960, manteve também uma estrutura organizativa bastante descentralizada e de certa forma informal, o que propiciou autonomia entre os núcleos. Sobre o financiamento e a estrutura organizativa do SDS ver: SALE, Kirkpatrick. Op. Cit.

⁴⁹ HARRINGTON, Michael. Op. Cit, p. 147.

transform the most powerful and imperial capitalist power in human history?”⁵⁰

Na transcrição anterior, onde o componente da velha esquerda contesta uma suposta negação dos jovens a aliar-se com o movimento de trabalhadores e com a camada progressista da sociedade estadunidense, pode-se perceber a atribuição de uma certa ingenuidade aos jovens do SDS por parte da antiga geração e também questões centrais de divergência entre os dois grupos geracionais de esquerda. Uma questão de divergência é a crítica realizada pelos *SDSers*⁵¹ aos sindicatos e movimentos trabalhistas em geral, outra é a crítica ao sistema político-partidário-eleitoral estadunidense – críticas que, considerando a formação marxista de viés principalmente trotskista, a centralidade político-social que o proletariado industrial tem segundo essa vertente intelectual, a importância à fidelidade ao Estado Estadunidense e o anti-stalinismo da velha esquerda, causaram uma impressão extremamente negativa sobre os mais jovens por parte da LID. Para Richard Flacks, as duas críticas citadas na próxima transcrição foram as que ele considera terem sido as principais causas de Michael Harrington e a velha esquerda que o último representava terem se sentido contrariados.

“He [Harrington] was particularly concerned about two aspects of the draft. One was that the document was going to be critical of the leadership of the American labor movement for its lack of militancy [...] The second point [...] was that Tom’s draft contained a very strong condemnation of anti-communism.”⁵²

⁵⁰ Op. Cit. p. 146.

⁵¹ Como os componentes do SDS eram denominados eventualmente.

⁵² FLACKS, Miriam. FLACKS, Richard. **Making History / Making Blintzes: How Two Red Diaper Babies Found Each Other and Discovered America**, New Brunswick: Rutgers University Press, 2018.

O SDS chama atenção para a crescente automação presente na indústria norte-americana da época. “Automation is destroying whole categories of work [...] in blue-collar service and even middle management occupations.”⁵³ Eric Hobsbawm de certa maneira corrobora a ideia dos jovens sobre automação e tendência de perda da influência político-social dos sindicatos nos EUA, principalmente de forças sindicais industriais, ao apontar que o número de empregos formais, graças majoritariamente à estagnação da quantidade de postos de trabalho na indústria, já estavam limitados nos Estados Unidos dos longos anos 1960.⁵⁴

Entre as posições dos jovens sobre trabalho, trabalhadores e automação, vislumbres de críticas feitas aos sindicatos pelos *SDSers* podem ser percebidos no Manifesto de Port Huron, onde a nova geração de esquerda sugere que os líderes e administrações de movimentos sindicais e organizações de trabalhadores estariam se afastando do operariado médio do chão de fábrica, apesar de sugerir e reafirmar a importância, o potencial transformador e o caráter progressista dos grupos trabalhistas. Além disso, no último trecho da transcrição a seguir, é perceptível também a importância para transformação social e potencial progressista dada pela nova esquerda aos indivíduos de fora dos sindicatos e organizações tradicionais vinculadas principalmente aos empregos formais e majoritariamente industriais.

“[...] what of organized labor, the historic institutional representative of the exploited, the presumed “countervailing power” against the excesses of Big Business? [...] Today only 40 percent of all non-agricultural workers are protected by any form of organization. Second, organizing conditions are going to worsen. Where labor now is strongest – in industries – automation is leading to an attrition of available work. As the number of jobs dwindles, so does the labor power of bargaining, since management can handle a strike in an automated plant more easily than the older mass-operated

⁵³ HAYDEN, Thomas et al. Op. Cit, 2005, p. 80.

⁵⁴ HOBSBAWN, Eric. **The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)**, Nova York: Vintage Books, 1996, caps. 10-11.

ones. [...] Today labor remains the most liberal “mainstream” [grifos do original] institution – but often its liberalism represents vestigial commitments, self-interestedness, unradicalism. In some measure labor has succumbed to institutionalization, its social idealism waning the tendencies of bureaucracy, materialism, business ethics. [...] tensions [...] keep alive the possibilities for a more militant unionism. Too there are seeds of rebirth in the “organizational crises” [grifos do original] itself: the technologically unemployed, the unorganized white collar men and women, the migrants and farm workers, the unprotected Negroes, the poor, all of whom are isolated now from the power structure of the economy, but who are the potential base for a broader and more forceful unionism.”⁵⁵

Os pobres não-operários – no sentido marxista ortodoxo do termo –, ou seja, à parte da indústria, dos sindicatos e dos empregos formais, tinham uma importância para a nova esquerda que a velha geração não dava, pois consideravam a classe trabalhadora industrial e ocupante de empregos formais a verdadeira potencial agente protagonista de transformação social emancipadora – um exemplo dessa importância dada pelo SDS é o projeto de ação e pesquisa econômica que o grupo empreendeu em comunidades pobres por várias cidades dos Estados Unidos, denominado ERAP na sigla em inglês.⁵⁶ Sobre os valores e realidade histórico-contextual-geracional da nova esquerda Michael Kazin explica resumidamente que:

“The New Left [...] was indeed abandoning the belief that the American working class would someday “bring to birth a new world form the ashes of the old,” [grifos do original] [...] millions of American wage earners were living in a society far superior to the

⁵⁵ HAYDEN, Thomas et al. Op. Cit, 2005, pp. 82-85.

⁵⁶ Programa voltado principalmente para a organização política e assistência social, desenvolvido pelo SDS e levado adiante ao longo de alguns anos em comunidades carentes. Sobre o ERAP ver: FROST, Jennifer. **An Interracial Movement of the Poor: Community Organizing and the New Left in the 1960s**, Nova York: New York University Press, 2001.

one their parents and grandparents had known: they enjoyed the highest incomes and most secure jobs in history, thanks to the postwar boom, the GI bill, and strong, no longer radical, unions [...] New Leftists certainly wanted to abolish poverty and encourage workers to join unions, but neither was a primary concern. Instead, many replaced the old struggle against material deprivation with alarm that, for Americans of all classes, a fixation on acquiring more and more had become a kind of self-oppression: it numbed individuals to boring jobs and unhappy marriages and despoiled the natural landscape. The endless pursuit of plenty also kept the power elite in firm control at home and allowed it to exploit peasants and workers in the Third World.”⁵⁷

Assim, criou-se então uma sensação entre a velha geração que a nova esquerda sentia desprezo pelos movimentos de trabalhadores e pelo sistema político estadunidense – o que os mais velhos perceberam como, além de ingênuo, inconsequente e um risco de possível simpatia e proximidade ao stalinismo soviético e ao autoritarismo totalitário, os últimos elementos tidos como inerentes à URSS pelos mais velhos. Esse pensamento por parte da velha esquerda é manifestado por Irving Howe, outro intelectual nova-iorquino da antiga geração de esquerda próximo à LID, ao lembrar de uma conversa com membros do SDS.

“[...] eles começaram a comparar esta “democracia participativa”⁵⁸ [a qual o SDS defendia como máxima a ser alcançada – grifos do original] com a democracia representativa em que vivíamos, como se de algum modo elas fossem contrárias. Isso

⁵⁷ KAZIN, Michael. Op. Cit, pp. 214-215.

⁵⁸ O conceito de Democracia Participativa foi apropriado pela nova esquerda de Arnold Kaufman, este foi um intelectual estadunidense bastante influente entre os *SDSers*. Democracia Participativa consiste basicamente na ideia que os cidadãos – o máximo possível de pessoas que habitam um território – devem participar amplamente nas medidas e tomadas de decisões governamentais que os afetam.

soou parecido demais com a inconsequência de nossa juventude, quando os stalinistas e mesmo alguns socialistas costumavam desdenhar a “mera” [grifos do original] democracia burguesa.”⁵⁹

Contribuía para aumentar o sentimento de desconfiança com relação à nova geração por parte dos membros da LID o que Irving Howe chamou de “disposição do pessoal do SDS para desculpar a falta de liberdade em Cuba, um país que lhes parecia o lar de um comunismo melhor ou mais glamouroso.”⁶⁰ A suposta simpatia nutrida pela nova geração de esquerda do SDS a um país do dito terceiro mundo componente do Bloco Socialista liderado pela União Soviética, como Cuba, representava um outro sinal da possível tendência autoritário-totalitária dos jovens universitários na percepção da LID, o que tinha uma conotação extremamente negativa para a velha geração, tendo em vista seu anti-stalinismo, fidelidade ao Estado Estadunidense liberal e influência trotskista e social-democrata. Certa simpatia dos *SDSers* com relação aos povos de países empobrecidos, mesmo os pertencentes ao Bloco Socialista, pode ser considerado aparente no Manifesto de Port Huron – no caso da transcrição a seguir esse aspecto aparece imerso em uma crítica à política externa estadunidense, que em seu padrão de aplicação de então resultaria em mais autoritarismo nos países da periferia do Capitalismo e não levaria em consideração o histórico imperial-neocolonial que permearia as relações internacionais dos Estados Unidos e outros países capitalistas centrais com seus pares periféricos, portanto sendo negativa por ambos motivos, segundo os jovens.

“[...] We should reverse the trend of aiding corrupt anti-communist regimes. To support dictators like Diem while trying to destroy ones like Castro will only enforce international cynism about American “principle” [grifos do original], and is bound to lead to even more authoritarian revolutions, especially in Latin America

⁵⁹ HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. **A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)**, Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 116.

⁶⁰ Idem.

where we did not even consider foreign aid until Castro had challenged [sic] the status quo. [...] To fight communism by capitalism in the newly-developing areas is to fundamentally misunderstand the international hatred of imperialism and colonialism and to confuse the needs of 19th century industrial America with those of contemporary nations.”⁶¹

Essa simpatia, mistura de atração e atenção, dos jovens do SDS pelos povos de países do dito terceiro-mundo, às vezes chamados também de não-desenvolvidos, ou subdesenvolvidos⁶², era concreta – tornando-se cada vez mais intensa ao decorrer dos longos anos 1960 principalmente devido à escalada na Guerra do Vietnã – e estava atrelada à importância dada pela nova esquerda aos pobres à parte das fábricas e empregos formais e à negação dos *SDSers* a denominarem-se anticomunistas. A recusa dos jovens a autodeclararem-se anticomunistas, intitulado-se antianticomunistas, aumentou a preocupação da velha esquerda quanto à possível proximidade dos primeiros com o autoritarismo totalitário, que consideravam ser uma tendência inerente da URSS e do Bloco Socialista sob sua liderança. É importante notar que, tendo em vista a história da

⁶¹ HAYDEN, Thomas et al. Op. Cit, 2005, pp. 129-130.

⁶² Vários *SDSers* visitaram Cuba e o Vietnã do Norte entre meados e finais da década de 1960, posteriormente à ruptura do grupo estudantil com a LID. Thomas Hayden relata detalhadamente essas viagens em seus escritos memorialísticos, tendo inclusive se encontrado com Fidel Castro segundo o próprio autor, e publicado um livro sobre o país latino-americano mencionado: HAYDEN, Thomas. **Listen, yankee!:** Why Cuba matters, Nova York: Seven Stories Press, 2015. A simpatia dos jovens com relação à Cuba foi bastante influenciada pelo autor norte-americano Charles Wright Mills, que era influente entre a nova esquerda – Thomas Hayden inclusive escreveu seu trabalho de conclusão do curso de jornalismo na Universidade de Michigan sobre o autor: HAYDEN, Thomas. **Radical Nomad, C. Wright Mills and His Times**, Londres: Routledge, 2006. Sobre a relação de Mills com a nova esquerda ver: KAZIN, Michael. Op. Cit, e; ROJAS, Rafael. El aparato cultural del império. C. Wright Mills, la Revolución Cubana y la Nueva Izquierda, **Perfiles Latinoamericanos**, n. 44, 2014. E sobre a influência da Revolução Cubana em grupos esquerdistas norte-americanos, principalmente da nova esquerda dos Estados Unidos, ver: LATNER, TEISHAN A. **Cuban Revolution in America: Havana and the Making of a United States Left (1968-1992)**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2018.

LID e da velha esquerda, geração à qual ela estava atrelada, pode-se considerar que o que chamavam de comunismo fazia referência inerentemente e unicamente ao sistema político-estatal de modelo soviético.

“AN UNREASONING ANTI-COMMUNISM HAS BECOME A MAJOR [grifos do original] social problem for those who want to construct a more democratic America. McCarthyism and other forms of exaggerated and conservative anti-communism seriously weaken democratic institutions and spawn movements contrary to the interests of freedoms and peace. [...] Militaristic policies are easily “sold” [grifos do original] to a public fearful of a demonic enemy. [...] Thus much of the american anti-communism takes on the characteristic of paranoia. Not only does it lead to the perversion of democracy and to the political stagnation of a warfare society, but it also has the unintended consequence of preventing an honest and effective approach to the issues.”⁶³

Enquanto a velha geração via o anticomunismo como um valor imprescindível, a nova esquerda, por sua vez, via essa característica típica da Guerra Fria que permeava a sociedade estadunidense de então por um viés oposto, como pode-se perceber pela transcrição anterior do Manifesto de Port Huron. Os *SDSers* viam o anticomunismo como um problema baseado em paranoia, entre outras coisas. Segundo eles, esse sentimento minava o debate bom e honesto que visasse a resolução de questões político-sociais, promovia grupos antidemocráticos e ainda fortificava o complexo industrial militar da Guerra Fria – que já era malvisto pela nova esquerda mesmo antes da escalada na Guerra do Vietnã – através da promoção de ações militares e bélicas.

A questão anticomunista é um ponto de divergência com a velha geração bastante lembrado pela nova esquerda. Sandra Cason lembra dessa discórdia como

⁶³ HAYDEN, Thomas et al. Op. Cit, 2005, pp. 103-104.

“our parent group’s outrage at our non-anticommunism.”⁶⁴ Para Thomas Hayden o debate intelectual em torno de ideias como comunismo e anticomunismo sequer faziam muito sentido para a nova esquerda naquele momento, como transparece-se na transcrição a seguir:

“Sectarianism, the incestuous infighting among left-wing groups and intellectuals over doctrine, has roots going back to the beginning of the Left itself. [...] Those of us entering SDS from non-political backgrounds found this atmosphere amusing, obscure and irrelevant, like fervent religious sects poring over catechism or the Torah. I could not understand how seemingly serious people could get so enmeshed in such endlessly divisive hair-splitting debates. [...] there was an organizational spirit to sectarianism that was opposite poles to what our New Left was about.”⁶⁵

Maria Varela, outra jovem que como Thomas não provinha de um berço militante de esquerda, faz coro com a ideia de Hayden quanto ao pouco ou nenhum sentido que debates intelectualizados sobre conceitos complexos, como comunismo e anticomunismo, faziam para ela. “Frankly, for most of the five days at Port Huron, I was at sea. The discussions and debates were intensely intellectual. I did not come from an intellectual background.”⁶⁶

Na última frase do trecho transcrito anteriormente, no qual Hayden argumenta que um ethos sectário era contrário à ideia da nova esquerda em seus anos iniciais, ele se refere ao sentimento praticamente de comunidade familiar que havia entre os jovens presentes em Port Huron, essa sensação de comunhão também é mencionado por outros membros da nova esquerda como Richard e Miriam Flacks, Alan Haber e Robb Burlage – que relata que fazia menção a Thomas

⁶⁴ CASON, Sandra. Op. Cit. p. 65.

⁶⁵ HAYDEN, Tom. Op. Cit. pp. 86-87.

⁶⁶ VARELA, Maria. Op. Cit, p. 78.

Hayden como “irmão Hayden”. “In my first real engagement with explicitly Left politics, I was feeling the spirit of an instant extended family [...]”.⁶⁷

2.5 Questão geracional no conflito e ruptura entre a LID e o SDS

A consciência geracional está presente tanto nos relatos da nova esquerda quanto da velha esquerda. “[...] my generation [...] in the fifties were frightened in spirit as well as few in number.”⁶⁸ Harrington faz menção recorrentemente à geração dos universitários *SDSers* em oposição à sua e cita nominalmente o autor Karl Mannheim – um dos desenvolvedores do conceito de geração – ao referir-se ao termo. Em texto datado de 1965, Irving Howe se refere aos “newly blossoming young radicals” presentes principalmente “[...] on the campus [and] in sections of the civil rights movement [...] that causes one disturbance—and not simply because they have ideas different from persons like me, who neither expect nor desire that younger generations of radicals should repeat our thoughts or our words.”⁶⁹ Howe também, recordando uma conversa com jovens do SDS, relata que o discurso dos universitários fez lembrar o que ele chamou de “[...] a inconsequência de nossa juventude [...]”⁷⁰. As últimas transcrições anteriores deixam transparecer que ao mesmo tempo que Howe se refere aos jovens da nova esquerda como um grupo distinto ao qual não pertencia, ele identifica sua fase de juventude com um coletivo social de indivíduos com idade próxima a dele que viveu determinada experiência histórica quando faz menção a “nossa” juventude – o que pode-se associar ao conceito de geração como desenvolvido por Karl Mannheim⁷¹.

⁶⁷ BURLAGE, Robert. A Half Century seeking to Live the Spirit and Method of Port Huron, in: HAYDEN, Thomas. (org) Op. Cit, p. 40.

⁶⁸ HARRINGTON, Michael. Op. Cit.

⁶⁹ HOWE, Irving. New Styles in Leftism, in: HOWE, Nina. (org.) **A Voice Still Heard: Selected Essays of Irving Howe**, New Haven: Yale University Press, 2014.

⁷⁰ HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. Op. Cit.

⁷¹ MANNHEIM, Karl. The problem of generations, in: KECSKEMETI, Paul. (org.) **Karl Mannheim: Essays**, Londres: Routledge, 1972.

A consciência geracional também está bastante presente entre a nova esquerda do SDS, isso é bastante visível já no início do Manifesto de Port Huron, quando os jovens afirmam: “WE ARE PEOPLE OF THIS GENERATION [grifos do original]”⁷². Essa consciência pode ser percebida também nos relatos individuais de praticamente todos os *SDSers*. “When the League for Industrial Democracy attacked our document, our camaraderie was sealed, as we had to defend what we said and argue with our elders.”⁷³ No trecho transcrito anteriormente, do relato de Alan Haber, ele faz referência claramente aos jovens componentes do SDS, incluindo ele próprio, como um grupo à parte e talvez até mesmo oposto à LID, a qual ele termina chamando os componentes de “*elders*”, palavra que traduzida significa literalmente “velhos”, dando assim uma evidente conotação geracional ao embate entre os dois grupos. É interessante notar também que Haber relata que a camaradagem entre os *SDSers* teria sido selada no confronto entre os jovens e os “*elders*” da LID – o que corrobora a ideia que os longos anos 1960 foram uma época bastante propícia para despertar-se a consciência de pertencimento a um grupo geracional, ou seja, uma agrupação social composta por pessoas nascidas em um período temporal próximo e envolvidas numa mesma realidade concreta e objetiva.

As questões de divergência entre a nova e a velha esquerda estão intimamente vinculadas às suas experiências de geração, reforçando o sentido que Mannheim⁷⁴ dá ao termo, e caracterizando o embate e posterior ruptura entre o SDS e a LID como um fenômeno de caráter geracional – partindo-se das ideias de conflito e ruptura geracional, mencionadas por José Machado Pais⁷⁵. Dito de outra maneira: os pontos levantados pelo SDS eram próprios da vivência político-social dos universitários, que era extremamente baseada no momento histórico dos longos anos 1960 e limitada em grande parte a esse período – caracterizado, entre outras coisas, pela ênfase aos direitos das minorias político-sociais e pelo protagonismo social dos jovens –, pois os componentes a nova esquerda do SDS estavam começando suas experiências político-sociais imersos naquela época, sem possuir

⁷² HAYDEN, Thomas et al. **Port Huron Statement**. Op. Cit

⁷³ HABER, Alan. Op. Cit. p. 57.

⁷⁴ MANNHEIM, Karl. Op. Cit.

⁷⁵ PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, 2. ed., Lisboa: INCM, 2003.

grandes experiências prévias pessoais do tipo. Por sua vez, as questões levantadas pela LID eram características da vivência da geração mais velha, que tinha como base o período que vai do fim dos anos 1920 à época do pós-guerra – considerando a última como atrelada inerentemente ao ethos temporal imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra e, conseqüentemente, anterior aos longos anos 1960, como argumenta-se em *Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental*⁷⁶ –, período marcado principalmente pela crise econômica de 1929, pelo Governo Roosevelt, pelo início das políticas públicas do *New Deal*, pelos expurgos stalinistas na URSS, pela ascensão do nazi-fascismo, e pelo Mccarthyismo nos EUA do começo da Guerra Fria.

2.6 Thomas Hayden como personificação da nova geração de esquerda do SDS que rompeu com a LID

Como argumentado no trabalho intitulado *A Ruptura das Esquerdas Norte-americanas dos longos anos 1960 pela trajetória de Tom Hayden*⁷⁷, Thomas Hayden, popularmente conhecido como Tom Hayden, pode ser considerado uma figura que personificou o espírito da nova esquerda do SDS no embate e conseqüente ruptura entre o último e a LID. A trajetória do personagem é representativa da vida de vários indivíduos de sua geração, podendo ser considerada de certa forma representação desta e da época de sua juventude.

Tom nasceu em 1939 num subúrbio majoritariamente branco do Estado Norte-Americano do Michigan, numa família católica de ascendência irlandesa, cujo pai era um contador que havia servido à Marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e a mãe era bibliotecária. Seus pais se divorciaram ainda em sua infância, mas se mantiveram unidos em torno de sua criação – Tom em suas memórias⁷⁸ de certa maneira relaciona essa separação ao resultado de resquícios

⁷⁶ FARIAS, R. B. “Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental”, in: **Dignidade Revista**, v. 6, n. 10, 2020.

⁷⁷ FARIAS, R. B. Op. Cit.

⁷⁸ HAYDEN, Tom. **Reunion**: a memoir. Op. Cit.

traumáticos que seu pai teria do período em que participou da Marinha durante a Guerra, e atribui à sua mãe um sentimento de fracasso por não ter atendido aos padrões familiares normalmente esperados na época do pós-guerra, sendo eles divorciados. Ele lembra de seu núcleo familiar como pessoas que não participavam de nenhuma organização política formal, não davam muita importância à sua ancestralidade irlandesa nem à religião católica na qual haviam sido criados e oficialmente professavam, focando-se mais em um projeto comum de trabalho e ascensão social, como descrito pela transcrição posterior.

“[...] They took the American dream as their goal and their working lifetimes as the means to achieve it. Their ambition centered not on themselves or on public service, but mainly on their children. [...] their feelings were expressed in no public form. Neither religion nor ethnicity were powerful forces to be transmitted to me; their Catholicism was more formal than fervent, and their irish roots were little noted. [...]”⁷⁹

Na infância Tom frequentou uma escola privada católica durante seus primeiros anos de educação formal, posteriormente se transferindo para uma instituição pública e laica de ensino. Durante seu período escolar, mais especificamente no final do ensino médio, ele teve um problema com autoridades da escola, tendo sido advertido e seus pais convocados para reunião com a direção da instituição em que estudava. Por volta dessa época, o então adolescente Tom escreveu um texto no qual se imaginava futuramente bem-sucedido no ramo profissional, porém infeliz. A partir daí já pode-se perceber certo sentimento de inconformação com relação, nesse caso, à expectativa de uma vida convencional de trabalho e ascensão social sob a qual havia sido criado.

Em finais da década de 1950, Tom ingressou no curso de Comunicação Social da Universidade de Michigan. Nessa instituição ele começou a travar contato com pessoas e causas progressistas e à esquerda do espectro político da época.

⁷⁹ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 21.

Segundo o autor, através de reportagens em que trabalhava pelo jornal universitário *The Michigan Daily*, começou a perceber questões e problemas sociais, entrevistando militantes políticos e fazendo a cobertura jornalística de protestos e manifestações. Devido ao trabalho no diário Tom conheceu, entre outros, Alan Haber, no período que o último se articulava para renovar, promover e refundar o antigo grupo estudantil filiado a LID, anteriormente denominado SLID e que por pedido de Haber passou a chamar-se SDS. Nesse momento Tom não pensava em se envolver nem no movimento estudantil que o colega da Universidade de Michigan procurava reestruturar, nem em nenhum outro grupo político, apesar de já demonstrar certa tendência ao pensamento progressista – para ele o trabalho com reportagens, apresentando ideias progressistas e de esquerda no jornal universitário, já era satisfatório.

Isso viria a mudar no verão de 1960, quando Tom viaja para a Califórnia no intuito de conhecer os fortes movimentos estudantis daquele Estado e também fazer a cobertura da Convenção Democrata, que teria lugar em Los Angeles naquele ano. Durante esse período, ele começa a ser registrado nos arquivos do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) – o que significa que ele passou a representar alguma periculosidade segundo o ponto de vista do Estado Estadunidense. Após participar de manifestações na Região de São Francisco, Tom segue para o evento partidário que teria lugar mais à sul no Estado. Lá ele conhece os irmãos Kennedy, por quem nutriu admiração pelo resto de seus dias, e acontece o encontro considerado pelo próprio como ponto de virada para que decidisse participar mais ativamente em algum movimento político-social – ele tem a chance de entrevistar Martin Luther King Jr, pastor que era um dos líderes da luta pelos direitos da população negra estadunidense, como é descrito na transcrição posterior.

My most significant encounter during the convention week was there on the picket line: I interviewed Dr. Martin Luther King Jr. “Ultimately, you have to take a stand with your life,” [grifos do original] he told me gently. I felt odd writing the words in my journalist’s notebook. As I left the line, and later as I left Los Angeles, I asked myself why I should be only observing and

chronicling this movement instead of participating in it. King was saying that each of us had to be more than neutral and objective, that we had to make a difference. That was something I realized I always wanted to do.”⁸⁰

Como é perceptível pela transcrição anterior, Tom atribui à fala do pastor um ponto de virada em sua vida. Ele começou a sentir-se compelido a adotar uma postura mais ativa e direta politicamente – além disso, descobriu que essa era uma vontade que já possuía. Essa centralidade que a figura de Martin Luther King Jr e, consequentemente, a luta pelos direitos dos negros norte-americanos, teve na trajetória de Tom é bastante representativa da geração de jovens que se tornou adulta durante os longos anos 1960 – diversas pessoas componentes dessa geração decidiram fazer parte de algum movimento político-social e sentiram a necessidade de transformar o *status quo* da sociedade da época devido ao poder de inspiração que a força dos militantes da luta pelos direitos dos negros causava. Nesse período, em um congresso de estudantes organizado pela *National Student Association* (NSA), Tom travou contato mais próximo com militantes brancos e negros que lutavam pelos direitos da população negra principalmente nos Estados sulistas, o que o fez desejar ser um *Freedom Rider* – como costumava-se denominar os participantes das chamadas *Freedom Rides*, normalmente eram estudantes universitários nortistas que iam registrar eleitores negros e participar de manifestações em prol dos direitos dos últimos e contra a segregação racial no sul dos Estados Unidos, ações que ficaram conhecidas como *Freedom Rides*. Com isso, ele declara que vai aos Estados sulistas do Mississippi e da Geórgia, onde começa a escrever o primeiro esboço do que viria a se tornar o Manifesto de Port Huron em uma cadeia da região, onde estava preso devido à participação em manifestações contra a segregação ao lado de negros que lutavam pela ampliação de seus direitos.

“To those who did not pass through the southern civil rights experience, willfully going to jail may seem like a career-threatening

⁸⁰ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 24.

act of despair. It was not. It was both a necessary moral act and a rite of passage into serious commitment. For individuals to break through the veil of fear that held people back from directly confronting the wall of segregation itself required raw courage and philosophical commitment. The possibility of violence, even death, was omnipresent. Entering jail meant achieving a personal freedom from fear. Once there, a spirit of intense solidarity, concern for others, singing and storytelling, and deep reflection bonded people into a stronger community. [...]"⁸¹

Além do envolvimento de Tom, um estudante de classe média e branco, no movimento pelos direitos da população negra ser emblemático de toda sua geração, o próprio fato dele ser um estudante universitário de classe média, um jovem que tinha a oportunidade de frequentar uma universidade, é também bastante representativo de todo seu grupo geracional. Nos longos anos 1960, o mundo em geral apresentava uma grande quantidade de pessoas jovens, resultado do *baby-boom* do período pós-guerra, e uma ampliação das redes de ensino, o que resultou num aumento considerável no nível de instrução formal, majoritariamente entre a juventude, o que foi possível graças ao bom estado da economia que se vivia na maior parte do planeta – a sensação de bonança material, de afluência financeira, era palpável nos países do centro do Sistema de Produção Capitalista, como por exemplo os EUA. Portanto, no fato de ser um estudante universitário de classe média, Tom também era representativo de sua geração.

Alan Haber, Tom e outros fundadores do SDS começaram a planejar a organização de um encontro que reuniria jovens interessados em compor o nascente grupo SDS em 1962 – o evento ocorreria em junho daquele ano na cidade que daria nome ao manifesto produzido nela, Port Huron, em um espaço cedido pela *American Federation of Labor – Congress of Industrial Organization (AFL-CIO)*⁸² por intercessão da militante da última organização citada Millie Jeffrey, mãe da

⁸¹ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 26.

⁸² Maior intersindical – organização que engloba sindicatos trabalhistas de diversas categorias profissionais – dos EUA até os dias atuais.

fundadora do SDS colega de Haber e Tom, Sharon Jeffrey. O evento marca o nascimento oficial do grupo estudantil e ao mesmo tempo o início e ponto fundamental do conflito geracional entre o último e a LID, sua organização-mãe, que levaria ao afastamento prático entre as duas associações pouco depois e à ruptura definitiva anos mais tarde, em meados da década de 1960.

No Encontro de Port Huron estavam presentes, além de jovens interessados em compor o SDS, membros de outras organizações – principalmente vinculadas à juventude – à esquerda do espectro político. De certa maneira, esse fato acabou sendo um ponto de discórdia entre a nova e a velha geração devido à presença no evento de Jim Hawley, militante de um grupo associado ao CPUSA.

“To make matters worse, this open and nonconfrontational ethos had allowed us to seat as a nonvoting observer one Jim Hawley, an eighteen-year-old representative of something called the Progressive Youth Organizing Committee (PYOC), a front group for the Communist Party. He left the next day, but not before Harrington and Slaiman relived their ideological wars with communism.”⁸³

Como pode-se inferir através da transcrição anterior, a presença de Hawley no Encontro de Port Huron foi recebida com negatividade pelos membros da antiga geração – já que, devido principalmente à relação passada com o Estado Estadunidense e às origens ideológicas trotskista e/ou social-democrata, o CPUSA era tido como sinônimo do autoritarismo que a velha esquerda da LID associava como inerente à União Soviética. Ao passo que para a nova geração a atitude dos mais velhos era apenas uma demonstração de sectarismo antiquado que não convinha àquele momento histórico e ao grupo estudantil que surgia. Como deixam transparecer as transcrições imediatamente anterior e posterior, Tom, mesmo escrevendo na década de 1980, bastante tempo após os acontecimentos relatados, apresenta um ponto de vista bem representativo de sua geração.

⁸³ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 27-28.

“Sectarianism, the incestuous infighting among left-wing groups and intellectuals over doctrine, has roots going back to the beginning of the Left itself. [...] Those of us entering SDS from non-political backgrounds found this atmosphere amusing, obscure and irrelevant, like fervent religious sects poring over catechism or the Torah. I could not understand how seemingly serious people could get so enmeshed in such endlessly divisive hair-splitting debates. [...] there was an organizational spirit to sectarianism that was opposite poles to what our New Left was about.”⁸⁴

A questão da presença de Hawley em Port Huron levantou outro ponto de divergência entre as duas correntes geracionais de esquerda representadas pela LID e o SDS. A importância de autodeclarar-se anticomunista, em referência bem demarcada de oposição ao Sistema político e econômico Soviético, era central para a antiga geração de esquerda representada pela LID, enquanto para a nova esquerda do SDS era, além do que chamavam de sectarismo antiquado, um sinônimo de intransigência e, além disso, continha um elemento danoso para a democracia e para o sistema político em geral, segundo os jovens – noções que eram corroboradas pela situação que passava o CPUSA naquele período, maior associação ligada à URSS nos EUA da época, o partido tinha contingentes pequenos de militantes, havia sido em grande parte desarticulado pela perseguição mccarthyista e era majoritariamente impopular entre os estadunidenses. Tom demonstra a posição que era comum entre os jovens no relato sobre a discussão que teve com Harrington, representante da velha esquerda, no trecho de suas memórias transcrito posteriormente.

“Harrington went to Port Huron as the key LID liaison and observer of what SDS was up to and, as he read my draft of The Port Huron statement, became incensed at my deviations from the LID correct line. First, he found the section on the Soviet Union, always

⁸⁴ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 28-29.

the first doctrinal litmus test, insufficiently hard line. [...] I then went on to question whether American military policies had been truly effective in deterring communist-led revolutions or whether they had imposed right-wing, antidemocratic military dictatorships, which were themselves spawning the conditions of communist revolt. [...] Harrington was offended by the statement [...] I specially singled out members of the Left for throwing “unreasoning epithets” at each other.”⁸⁵

Outro ponto de grande discórdia entre as duas gerações esquerdistas, a questão do movimento sindical, aparece bastante destacada nas memórias de Tom. Ele apresenta a perspectiva dos jovens, argumentando que ao passo que se fazia críticas às organizações trabalhistas, não se pretendia tirar o mérito e importância das últimas para uma transformação social emancipadora – mesmo assim, essas críticas teriam sido recebidas defensivamente e de forma negativa entre os membros da LID presentes no Encontro de Port Huron.

“I wrote that “labor has succumbed to institutionalization, its social idealism waning under the tendencies of bureaucracy, materialism, business ethics...The successes of the last generation perhaps have braked, rather than accelerated, labor’s zeal for change” [grifos do original] [...] While those were the only criticisms of the AFL-CIO [...] they were enough to bring Harrington and his allies into the Port Huron setting full of defensive anger. [...] “Behind the arguments over communism, Harrington and Slaiman were much too invested in defending the American labor movement. They were true believers in the “labor metaphysic” [grifos do original] Mills had described, the sacrosanct doctrine that organized labor was the only genuine agency of change and could not be faulted, least of all

⁸⁵ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 29.

by a bunch of neophyte students. No one had a right to question labor's leadership on every social issue of the time. [...]"⁸⁶

Tom prossegue comentando sobre a importância que pensava que devia ser dada à organização dos indivíduos não-operários, deixando implícito o potencial que estes também teriam para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Essa era uma questão primordial para ele – o que fica aparente pelo fato de ter sido um dos principais líderes do SDS a defender a iniciação do projeto do ERAP em comunidades pobres por parte do grupo já em 1963, em oposição a Alan Haber, que achava que a organização estudantil não tinha condições de tocar esse projeto naquele momento – e para a nova geração como um todo.

"[...] the technologically unemployed, the unorganized white collar men and women, the migrants and farm workers, the unprotected Negroes, the poor, all of whom are isolated now from the power structure of the economy, [...] are the potential base for a broader and more forceful unionism."⁸⁷

Tom faz menção também à simpatia que a nova geração nutria pelos países e povos do chamado terceiro-mundo, em especial Cuba no momento do Encontro de Port Huron – pois o Vietnã ainda não estava na pauta do dia antes da escalada na Guerra e na intervenção estadunidense que teve lugar na Região do Sudeste Asiático. Segundo ele a influência do autor Charles Wright Mills – bastante influente entre a nova esquerda estadunidense e sobre quem escreveu seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, foi essencial para que os jovens norte-americanos à esquerda do espectro político de sua geração, como o próprio, voltassem seus olhares, principalmente de maneira positiva, para o recém instaurado Governo Socialista na Nação Caribenha. Tom aponta que também

⁸⁶ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 32-33.

⁸⁷ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 33.

contribuía à simpatia da juventude o fato dos revolucionários que protagonizavam o Regime Socialista Cubano, Ernesto “Che” Guevara e Fidel Castro entre estes, terem encabeçado a Revolução sendo jovens que haviam passado por universidades assim como ele e os outros componentes da nova esquerda dos Estados Unidos.

Esse sentimento positivo nutrido pelos jovens do SDS com relação ao chamado terceiro-mundo, e mais especificamente à Cuba no momento da Convenção de Port Huron, deu ainda mais força para os conflitos que levaram à ruptura dos últimos com a LID, sua organização-mãe da velha esquerda. É importante mencionar que Tom e diversos outros *SDSers* e pessoas da nova esquerda empreenderam viagens à Cuba e ao Vietnã mais tarde durante os longos anos 1960, tendo Tom inclusive se encontrado pessoalmente com Fidel Castro, como o próprio autor relata – porém, é salutar apontar que o SDS e a LID já estavam rompidos à época que essas visitas e expedições internacionais supostamente aconteceram. A velha esquerda via essa simpatia dos jovens pelo dito terceiro-mundo, principalmente por um país pertencente ao Bloco Socialista como Cuba, com desconfiança e de maneira bastante negativa – percebiam-na como um exemplo de proximidade da juventude com o que consideravam ser o autoritarismo tipicamente soviético –, como revela Irving Howe ao se referir a Tom, se dizendo “convencido de que alguns venenos autoritários deste século haviam penetrado nas profundezas de sua mente.”⁸⁸ Dessa forma, como sugere a transcrição anterior, um membro da própria antiga geração esquerdista demonstra um pensamento de associação implícita entre Tom e toda a nova esquerda representada pelo SDS – podendo-se considerar que mesmo a velha esquerda fazia essa vinculação entre o *SDSer* e uma ideia de personificação da nova esquerda componente do grupo naquele momento.

Tom evoca com sofrimento as lembranças da experiência de ter sido convocado pelos membros da LID, em conjunto com Alan Haber, para uma reunião com contornos inquisitoriais na sede da última em Nova York, e de ter tido a sala – que usavam como escritório do SDS, no recinto – confiscadas por meio da troca das fechaduras do espaço pelos integrantes da velha esquerda. Esse acontecimento foi definitivo na evolução dos conflitos e consequente ruptura entre as duas

⁸⁸ HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. Op. Cit, p. 119.

gerações de esquerda, como é sugerido pelo próprio Tom no trecho de suas memórias transcrito posteriormente.

“[...] In the short run, after the Port Huron convention, Haber and I were suspended from our posts. [...] This time, we were called to defend ourselves before the LID board with Harrington as the accuser. [...] Within months, however, our positions were restored through the intervention of principled individuals [...] Never again, though, would we feel attached to the LID or its tradition, and three years later SDS divorced itself altogether. Meanwhile, Mike Harrington was transformed in our minds from an important role model to a negative one. [...] The political damage to those of us in SDS was severe. As a formative experience, we learned a distrust and hostility toward the very people we were closest historically, the representatives of the liberal and labor organizations who had once been young radicals themselves. We who had enough trouble gaining acceptance from our real parents were now rejected by our political father figures. What was at stake was not ideology, but basic trust from one generation to the next. [...]”⁸⁹

A referência que ele faz a como sentiu a rejeição por parte dos membros da LID, associando esse sentimento à ideia de desapontamento na busca por aprovação paterna, pode ser considerada uma manifestação de como os indivíduos da geração de Tom se sentiam crescentemente com relação às gerações mais velhas que eles – pensamento que é corroborado pelo próprio autor, como revelado pelo trecho textual transcrito anteriormente. Ao mesmo tempo, a transcrição anterior deixa explícita a consciência geracional que permeia a percepção de Tom sobre os eventos sucedidos. Como tenta-se demonstrar nesse capítulo, a forte manifestação de consciência geracional era aspecto demonstrado não unicamente por Tom, mas

⁸⁹ HAYDEN, Thomas. Apud: FARIAS, R. B. Op. Cit, p. 35.

pelos jovens da nova esquerda norte-americana em geral, portanto mais uma vez ele apresenta uma perspectiva típica da geração a qual fazia parte.

O SDS continua ativo até o final da década de 1960. Ao longo desse período, a unidade geracional da qual Tom fazia parte vai passando a liderança do grupo para outra unidade de geração – utilizando-se o conceito de unidade geracional de Karl Mannheim⁹⁰ –, a qual vai levando a organização por um caminho mais radical e à extrema esquerda da trilhada pela unidade geracional de Tom enquanto estavam ocupando a liderança do SDS. Em finais da década, devido a questões internas o grupo se desfaz, se dividindo em correntes organizacionais distintas, dentre estas dando origem ao grupo guerrilheiro considerado de extrema-esquerda denominado *Weather Underground*⁹¹.

Quanto a Tom, este supostamente viria a viver, devido ao ERAP, durante anos da década de 1960 em um bairro pobre majoritariamente negro da cidade de Newark, no Estado de Nova Jersey. Viria a se tornar um dos líderes na mobilização contra o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, tendo sido um dos réus, ao lado do também *SDSer* Rennie Davis, no julgamento dos chamados Sete de Chicago⁹², aos quais Tom gosta de referir-se como os Oito de Chicago, incluindo o militante negro Robert Moses no grupo.

Após os longos anos 1960 ele ingressa na política institucional, sendo eleito para cargos pelo Partido Democrata do Estado da Califórnia – ao qual permanece

⁹⁰ MANNHEIM, Karl. Op. Cit.

⁹¹ Por vezes o grupo é também referenciado com a mesma denominação dada a seus membros, *Weathermen Underground*, ou apenas simplesmente *Weathermen*. Sobre o *Weather Underground* ver: JACOBS, Ron. **The Way The Wind Blew: A History of The Weather Underground**, Londres: Verso, 1997.

⁹² Grupo de militantes de esquerda que foram levados à justiça por autoridades governamentais devido a supostamente terem cruzado fronteiras estaduais no intuito de causar irrupção social – no caso essa irrupção teria ganhado forma nos protestos por ocasião da Convenção Nacional do Partido Democrata, que tiveram lugar ao lado de fora dos locais relacionados ao evento partidário, em Chicago, no ano de 1968. O julgamento, tendencioso e parcial em demasia, ficou conhecido como o julgamento de uma geração. Sobre os Sete, ou Oito, de Chicago e seu julgamento ver: SCHULTZ, John. **The Conspiracy Trial of the Chicago Seven**, Chicago: Chicago University Press, Edição do Kindle, 2020.

vinculado até à morte –, se casa, tem filhos, ministra aulas e cursos em universidades e continua a participar e militar em movimentos sociais até o fim da vida. Tom veio a falecer em 2016.

3. Argentina: conflitos e ruptura entre a velha guarda peronista e os Montoneros

Nesse capítulo, dissertar-se-á sobre os conflitos e a posterior ruptura geracional entre a velha guarda justicialista, composta majoritariamente por sindicalistas que participaram ativamente do primeiro Governo de Perón e da posterior Resistência Peronista, e a nova geração representada nesse trabalho pela condução nacional do grupo de esquerda peronista denominado Montoneros. Eventos ocorridos no interior do Peronismo na Argentina dos longos anos 1960.

3.1 Breve história do Peronismo e da velha guarda peronista

Desde a ascensão de Juan Domingo Perón no cenário político-social argentino, em meados da década de 1940, quando assumiu o cargo de chefia da Secretaria de Bem-Estar Social em 1943 e posteriormente se elegeu Presidente da nação em 1946, a política interna do país passou em grande parte a girar em torno de peronistas, apoiadores do General, e anti-peronistas, opositores do último – entre os anti-peronistas havia desde direitistas, a radicais da *Unión Cívica Radical* (UCR)⁹³ e socialistas, também entre os peronistas houve alguns setores mais à direita e outros à esquerda. O Movimento Peronista é normalmente associado desde sua origem, a partir da popularização de Perón como chefe da Secretária de Bem-Estar Social e sua posterior eleição à Presidência, sobretudo à distribuição de

⁹³ Partido tradicional argentino. Fundado no final do século XIX, teve como uma das principais figuras Hipólito Yrigoyen, personagem à esquerda do espectro político que presidiu a Argentina em dois momentos históricos. Normalmente quando há referências a radicais na historiografia argentina refere-se a indivíduos associados ou simpatizantes desse partido – dessa forma, essa mesma conotação será utilizada no presente trabalho.

recursos e à medidas consideradas nacionalistas – em oposição aos latifúndios, ao Grande Capital, principalmente estrangeiro, e à ingerência externa sobre questões da Argentina.⁹⁴ Com forte apelo popular, o Justicialismo – como é denominado oficialmente o Peronismo desde os anos 1970 – promoveu direitos e políticas públicas voltadas para os trabalhadores e classes desfavorecidas na Argentina, além de dar incentivo a setores da indústria nacional, o que resultou na abertura de postos de trabalho e fez o Justicialismo, junto a seu líder máximo e representantes, tornar-se extremamente popular entre as classes menos abastadas e, talvez possa-se dizer, até um símbolo das classes mais desfavorecidas naquele país latino-americano, como pode-se inferir pela transcrição a seguir.

“Perón aggressively took up the cause of the working class. Workers in every setting gained unprecedented protections: The government set minimum wages, limited the length of the work day, restricted employers’ rights over the dismissal of employees, and mandated workplace standards in key industries. It dictated new benefits: pension plans, vacations, medical services, limitations on Sunday work hours, and housing programs. Trade unions, sanctioned by the government to represent workers in distinct industries and economic sectors, gained new freedoms and powers. The number of workers organized in unions exploded: Thanks to the government’s support, union membership grew from 522,088 in 1945 to almost 2 million by 1949. [...] Independent unions continued in operation, but the government effectively undermined their power. Working through the Labor Secretariat, the regime stripped independent unions of their right to represent workers in negotiations. Strikes by unrecognized unions attracted state intervention. Workers who remained loyal to their independent

⁹⁴ GRIMSON, Alejandro. **Qué es el peronismo?** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2019; ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la Argentina 1916-2010**, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012; LEWIS, Daniel K. **The History of Argentina**, Santa Barbara: Greenwood, 2015.

unions lost out on the wage increases and other benefits that the government imposed upon employers. As a result, independent unions quickly withered.”⁹⁵

Apesar do apoio de parcela da Sociedade Argentina, sobretudo setores das classes abastadas e medias, principalmente vinculadas ao Capital estrangeiro, e às quais não agradava o que viam como traços autoritário-totalitários de Perón – com isso, associando a figura do último, a princípio ao Fascismo, e posteriormente ao Socialismo Soviético –, costumavam se colocar em oposição ao Peronismo e às medidas políticas governamentais do General, pois consideravam-nas ampliação em demasia do papel do Estado sobre a vida da população, e talvez até uma forma de tirania. O boicote do primeiro Governo de Perón aos sindicatos não-peronistas, mencionado no trecho transcrito anteriormente, pode ser pensado como um exemplo desse suposto caráter tirânico do Peronismo, o qual gerou antipatia ao Justicialismo também por parte de alguns setores à esquerda do espectro político.

A oposição ao Governo Peronista foi fortalecendo-se, e, quando a Alta Hierarquia Eclesiástica Católica do país passa a compor a oposição ao Governo de Perón, os anti-peronistas, principalmente na figura das Forças Armadas em parceria com católicos mais conservadores, se unem e dão um Golpe de Estado, tomando o poder e proclamando a denominada Revolução Libertadora, sob liderança das Forças Armadas que instaurariam um Regime Militar – o qual viria a governar a Argentina até às eleições de 1958. A dita Revolução tinha como maiores objetivos a tirada de Perón do poder e a instauração de um regime economicamente liberal, mais aberto ao Capital estrangeiro. Como sugere a transcrição a seguir, a chamada Revolução Libertadora teve respaldo popular de amplos setores da Sociedade Argentina, principalmente entre as esferas médias e abastadas.

La “Revolución Libertadora” —así la llamaron— tuvo un enorme nivel de apoyo por parte de la población civil. Las entidades patronales, la Iglesia y los principales partidos (incluyendo los

⁹⁵ LEWIS, Daniel K. Op. Cit. pp. 96-97.

radicales y socialistas) [...] También expresaron su beneplácito la mayor parte de las entidades representativas de los sectores medios, junto con los académicos y escritores más importantes. Pero eso no fue todo: un verdadero movimiento de masas inundó las calles en varias ocasiones para manifestar su apoyo a la Libertadora.⁹⁶

Apesar do apoio de diversos setores da Sociedade Argentina à denominada Revolução Libertadora, houve resistência à última da parte de peronistas após a derrocada de Perón, majoritariamente entre as classes populares e trabalhadoras. A partir do momento que Perón é tirado do poder – tendo sido forçado a deixar a Argentina e exilando-se, por um breve período no Paraguai e posteriormente na Espanha – e o Partido Justicialista⁹⁷ é proscrito em 1955, os peronistas organizam-se de diversas formas para resistir ao Governo Militar que havia promovido a chamada Revolução Libertadora, algumas vezes agindo de maneira distinta das orientações dadas por Perón e por lideranças justicialistas remanescentes no país – as quais apresentavam normalmente um discurso moderado e um tanto quanto apaziguador a princípio.

⁹⁶ ADAMOVSKY, Ezequiel. **Historia de las clases populares en la Argentina**, Buenos Aires: Sudamericana, Edição Kindle, 2012.

⁹⁷ Partido Justicialista é o nome oficial, desde a década de 1970, do Partido fundado e liderado por Perón. A nomenclatura Justicialismo foi adotada apenas quando o Partido foi legalizado novamente na década de 1970, a partir de quando se tornou vigente uma lei que proibia a referência a nomes pessoais em nomenclaturas de partidos políticos na Argentina. O termo Peronismo foi o nome dado ao Movimento, e consequentemente ao Partido, na década de 1940, se consolidando mais especificamente após a eleição de 1946 – Perón havia se eleito ao primeiro mandato naquele ano pelo denominado Partido Laborista, que veio a denominar-se Partido Único da Revolução posteriormente à eleição e em seguida Partido Peronista. Tornada popular na Argentina, a expressão Peronismo é utilizada até os dias de hoje para referir-se ao Partido e Movimento fundados e liderados por Perón no Século XX, apesar do primeiro se chamar formalmente Justicialismo desde a década de 1970. Nesse trabalho os termos Peronismo e Justicialismo são utilizados de maneira intercambiável.

“[...] inicialmente tanto la CGT como el Partido Peronista adoptaron una actitud conciliadora y llamaron a la calma. El propio Perón asumió inicialmente una actitud moderada. Las bases trabajadoras, sin embargo, no acataron tales intenciones pacificadoras. [...] Se inició así un largo período de intensas luchas que se conoce como la Resistencia Peronista.”⁹⁸

A época que se costuma chamar de Resistência Peronista pela historiografia consiste nos atos e mobilizações de partidários e simpatizantes do General Perón, contrários ao regime instaurado pelas Forças Armadas – que teve lugar durante o período de Governo Militar que prossegue à Revolução Libertadora, estendendo-se da deposição de Perón em setembro de 1955 a maio de 1958, quando Frondizi assume a Presidência do país das mãos do General Aramburu, que governava a Argentina desde novembro de 1955 – e posteriormente também insatisfeitos com o Governo Frondizi. A Resistência ocorreu devido também ao fechamento de diversos postos de trabalho durante os governos da dita Revolução Libertadora e de Frondizi – fechamentos esses que ocorreram no intuito de limitar a participação direta do Estado na economia, enxugando investimentos do Estado Argentino, e de abrir espaço no Mercado interno nacional em prol de atrair Capital estrangeiro. A Resistência Peronista apresentou manifestações variadas, desde pequenos coletivos comunitários, compostos normalmente por vizinhos, organizando-se por conta própria nos bairros, à sindicatos mais combativos promovendo greves e paralisações, e algumas lideranças peronistas mesclando um certo diálogo com as autoridades do Governo Militar que comandava a Argentina e apoio a algumas mobilizações públicas, principalmente de trabalhadores.

A velha guarda peronista – militantes e lideranças justicialistas, majoritariamente operários vinculados a certos sindicatos e outras organizações de trabalhadores – viveu o período de queda do Governo Perón e a posterior Resistência Peronista, tendo suas experiências de vida política marcadas por essa época de proscrição do Peronismo, exílio de Perón e pela necessidade de encontrar

⁹⁸ ADAMOVSKY, Ezequiel. Op. Cit.

meios de levar adiante suas ideias e interesses político-sociais no contexto de alguma hostilidade ao Justicialismo que o recorte temporal a partir do Governo Militar após a dita Revolução Argentina representou. Durante o período de proscrição do Partido Peronista, época que vai da segunda metade da década de 1950 ao início dos anos 1970 – incluindo o período dos Governos radicais eleitos de Frondizi, que foi apoiado por Perón nas eleições de 1958, e de Illia, eleito em 1963⁹⁹ –, a velha guarda peronista promoveu alguns atos, manifestações e outras mobilizações, principalmente de trabalhadores formais e fabris, ao mesmo tempo que sempre que possível manteve diálogo com os Governos civis e militares que lideravam a Argentina durante os longos anos 1960, em prol da aquisição de pequenas conquistas políticas, como por exemplo medidas que propiciassem maior liberdade e autonomia organizacional aos sindicatos e aos militantes justicialistas. Foram representantes da velha guarda peronista líderes sindicais como os metalúrgicos Augusto Vandor e seu discípulo José Ignacio Rucci, o sindicalista do ramo têxtil José Alonso, entre outros.

Havia alguns desacordos entre Perón e líderes justicialistas da velha guarda remanescentes na Argentina, o maior deles talvez girasse em torno da participação de militantes peronistas em eleições durante a proscrição do Peronismo e exílio do General – por exemplo, quando Vandor pretendia lançar candidatos peronistas no pleito de 1963, no entanto acabou prevalecendo majoritariamente entre os peronistas o mandato do líder exilado pelo voto em branco e a não participação nas eleições. Entre os militantes peronistas componentes da velha guarda justicialista havia também divergências, um bom exemplo é a rivalidade entre Vandor e Alonso – o primeiro era líder da organização intersindical peronista denominada *62 Organizaciones* entre finais da década de 1950 e começos de 1960, o último, por pensar que Vandor estava adquirindo muito poder pessoal, se afastando do líder máximo em exílio e dando pouca importância à reivindicação justicialista de retorno imediato de Perón ao país, investiu numa intersindical peronista rival denominada *62 Organizaciones de pie junto a Perón* em meados da década 1960

⁹⁹ Illia assume o poder das mãos de José Maria Guido, o último era um civil filiado à UCR – mesmo partido de Frondizi – que assumiu a Presidência após o Golpe de Estado dado no Presidente anterior pelas Forças Armadas em 1962.

com intuito de opor às 62 *Organizaciones* liderada por Vador¹⁰⁰. Quanto a Perón, ele manteve diálogo principalmente com os Governos civis argentinos durante seu período exilado e se esforçava para não perder a influência sobre setores da velha guarda estando distante fisicamente, e estando os principais líderes justicialistas, por sua vez, em constante diálogo com representantes das administrações que governaram a Argentina ao longo do exílio do líder máximo – pode-se imaginar que ambos agiam com certo intuito de garantir alguns direitos e medidas que beneficiassem as organizações peronistas e de trabalhadores, ao mesmo tempo que buscavam certo poder para si.

3.2 Os Montoneros e seu precursor, o Comando Camilo Torres

Os Montoneros só passaram a denominar-se como tal em 1970 – por ocasião de seu primeiro grande ato público como guerrilha –, até então o grupo se chamava Comando Camilo Torres. Como o próprio nome indica, já que Camilo Torres foi um padre colombiano proponente da Teologia da Libertação¹⁰¹, morto devido a

¹⁰⁰ Essas intersindicais consistiam em organizações que agrupavam vários sindicatos de diversas categorias profissionais – no caso das 62 *Organizaciones* e sua rival 62 *Organizaciones de pie junto a Perón*, sindicatos adeptos do Peronismo. É importante ressaltar que a *Central General del Trabajo* (CGT), maior organização intersindical argentina até então – fundada na virada da década de 1920-1930 por trabalhadores de diversas categorias e militantes de várias correntes políticas – instituição histórica que teve papel primordial durante o Governo de Perón, tendo se tornado maior e peronista por incentivo do General durante sua Primeira Presidência, havia sido destituída pela Revolução Libertadora e não seria plenamente restituída entre finais dos anos 1950 e inícios dos anos 1960, o sendo apenas na virada dos anos 1960-1970. Ver: ADAMOVSKY, Ezequiel. Op. Cit. CONTRERAS, Gustavo. La organización del movimiento obrero durante el primer peronismo (1946-1955): nucleamientos sindicales y centrales obreras, **Avances del Cesar**, v. 14, n. 16, 2017 e; DAWYD, Darío. El sindicalismo peronista durante el Onganiato. De la CGT de los Argentinos a la reorganización sindical (1968-1970), **Sociohistórica**, n. 33, 2014.

¹⁰¹ Corrente teológica surgida na América Latina dos longos anos 1960 que propõe uma religiosidade baseada no protagonismo e experiência das classes pobres e outros indivíduos subalternizados, tendo normalmente proximidade com ideias, movimentos e grupos à esquerda do espectro político. Sobre a Teologia da Libertação ver: VILELA, Daniel M. **Utopias Esquecidas:**

ações em um agrupamento guerrilheiro – o que o fez tornar-se um mártir principalmente entre os católicos de esquerda latino-americanos –, o Comando manifestava uma forte influência católica. Praticamente todos os membros do grupo eram católicos – como cerca de 90% da População Argentina à época –, tendo alguns de seus principais membros fundadores participado de agrupações vinculadas diretamente à Igreja Católica, como por exemplo Carlos Ramus, Fernando Abal Medina e Mario Firmenich, que integraram a *Juventud Estudiantil Católica* (JEC) e a *Acción Católica* (AC) desde o período que estudaram no Colégio Nacional de Buenos Aires, ambos deixando as organizações católicas apenas em finais da década de 1960, quando se envolveram mais profundamente em atividades guerrilheiras.

En 1964, Mugica entró en contacto con los ex tacuaristas Fernando Abal Medina y Carlos Gustavo Ramus, así como con Mario Eduardo Firmenich. Por entonces, estos tres fundadores de los Montoneros eran alumnos del Colegio Nacional de Buenos Aires, y todos ellos se mostraban muy activos en la Juventud Estudiantil Católica (JEC), [...] Mugica se convirtió en el consejero espiritual de la rama escolar [...]”¹⁰²

A Igreja Católica Argentina, e Latino-Americana em geral, vivia um período de renovação e tendência progressista durante os longos anos 1960, graças ao Concílio Vaticano II e as propostas de adaptação dos valores e ideias eclesiais promovidas pelo último à realidade da América Latina¹⁰³, de modo que a

Origens da Teologia da Libertação, São Paulo: Fonte Editorial, 2013; BARGER, Lilian B. **The world come of age: an intellectual history of liberation theology**, Nova York: Oxford University Press, 2018; SILVA, Sandro Ramon F. **Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja**, Niterói: UFF, 2006.

¹⁰² GILLESPIE, Richard. **Soldados de Perón: Historia crítica sobre los Montoneros**, Buenos Aires: Sudamericana, Edição do Kindle, 2012.

¹⁰³ Sobre o Concílio Vaticano II e suas consequências, principalmente na América Latina, ver: BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a igreja**, São Paulo: Paulinas, 2015;

participação nas agrupações católicas propiciou aos futuros Montoneros contato com o pensamento de esquerda via Teologia da Libertação. Durante o período que Mario Firmenich e Carlos Ramus compuseram a JEC, o orientador espiritual do grupo era o padre jesuíta terceiro-mundista¹⁰⁴ Carlos Mugica – que ficou conhecido por seu trabalho pastoral junto a moradores de favelas da Grande Buenos Aires –, quem viria a cumprir um papel de forte influência sobre os jovens, como pode-se inferir pela transcrição a seguir, extraída de uma manifestação escrita por Mario Firmenich: “[...] nos enseñó que el cristianismo era imposible sin el amor a los pobres y a los perseguidos por su defensa de la justicia y su lucha contra la injusticia [...]”¹⁰⁵. É importante notar que a viagem que o Padre Mugica fez com os jovens da JEC à cidade de Tartagal – localidade na Província Argentina de Santa fé que vivia uma crise ambiental e em estado de miséria desde o fechamento de uma indústria madeireira inglesa que era a principal fonte de renda do lugar –, é considerada por alguns autores como um ponto de virada na trajetória político-social de alguns futuros Montoneros.¹⁰⁶

Esse contato via catolicismo progressista com pensamentos político-sociais os quais podem ser considerados de esquerda fez-se mais importante porque muitos dos estudantes que dariam origem aos Montoneros não provinham de lares e/ou origens político-ideológicas à esquerda do espectro – como exceção consta Norma Arrostito, que havia composto o Partido Comunista Argentino (PCA) e José Sabino Navarro, originário de um lar de classe popular peronista. A maioria, salvo Sabino Navarro entre os membros fundadores, eram de classe média e estudantes,

PASSOS, João D. **Concílio Vaticano II**: reflexões sobre um carisma em curso, São Paulo: Paulus, 2014; DE SOUZA, Ney. SBARDELOTTI, Emerson. (orgs.). **Medellín**: Memória, profetismo e esperança na América Latina, Petrópolis: Vozes, 2018.

¹⁰⁴ O movimento dos padres terceiro-mundistas, os quais se propunham a viver próximos às classes empobrecidas, foi uma expressão da Teologia da Libertação na Argentina. Sobre o movimento dos padres terceiro-mundistas ver: LACOMBE, Eliana. Profetas de la revolución: Representaciones sobre el tempo histórico entre los sacerdotes tercermundistas (1968-1973), **Revista del Museo de Antropología**, n. 8, 2015; TAURIS, Claudia. Neo-integralismo, denuncia profética y Revolución en la trayectoria del Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo, **Prismas**, n. 9, 2005.

¹⁰⁵ FIRMENICH, Mario. Apud: GILLESPIE, Richard. Op. Cit.

¹⁰⁶ CELESIA, Felipe. WAISBERG, Pablo. **Firmenich**: la historia jamás contada del jefe montonero, Buenos Aires: Aguilar, 2011.

secundaristas ou universitários. Alguns vinham de lares não engajados em nenhuma organização política formal, às vezes no máximo tendo sido simpatizantes da liberal *Unión Cívica Radical* (UCR), como era o caso de Mario Firmenich. Outros possuíam origens peronistas, mas entre as vertentes nacionalistas de direita do amplo leque de correntes presentes no meio justicialista, sendo este o caso de Fernando Abal Medina e Carlos Ramus – ambos tendo sido simpatizantes durante a adolescência, época que estudavam no Colégio Nacional de Buenos Aires, do Movimento Peronista à direita do espectro político e antissemita denominado Tacuara¹⁰⁷.

Faz-se digno de menção a trajetória de Emilio Maza, líder da célula de Córdoba, sua cidade natal, do Comando Camilo Torres, que posteriormente se tornou célula Montonera – é interessante também notar que apesar da maior parte dos indivíduos que viriam a compor os Montoneros terem origem na Grande Buenos Aires, Córdoba teve um núcleo importante do Comando Camilo Torres e dos Montoneros depois, sendo este último composto naquela cidade por menos gente de classe média e/ou abastada e por um número maior de pessoas provenientes das classes populares¹⁰⁸. Maza era um estudante de classe sócio econômica superior que havia feito parte do movimento direitista ultraconservador católico chamado integralismo, e a partir do contato com o clero católico progressista foi se convertendo politicamente à esquerda, até chegar a compor o

¹⁰⁷ Durante os longos anos 1960, mais especificamente em 1962, surgiria um ramo de esquerda do grupo Tacuara, denominado *Movimiento Nacional Revolucionario Tacuara* (MNRT).

¹⁰⁸ Os Montoneros eram uma agrupação organizada em células que possuíam alguma autonomia entre si, apesar de haver a *Conducción Nacional*, diretório nacional do grupo – o grupo guerrilheiro mantinha também relações com organizações da juventude peronista, como por exemplo a *Juventud Peronista* (JP) e a *Juventud Universitaria Peronista* (JUP), tornando as últimas, de certa forma, grupos de extensão dos Montoneros no que chamavam à época de “superfície”, termo que significava a legalidade institucional. Além disso, a agrupação manteve durante a maior parte do período que esteve ativa publicações organizativas, como por exemplo as revistas *El Descamisado* e *Evita Montonera*. Ver: GILLESPIE, Richard. Op. Cit; GRIMSON, Alejandro. Op. Cit; BARTOLETTI, Julieta. **Montoneros**: de la movilización a la organización, San Martín: Universidade Nacional de San Martín, 2010; SLIPAK, Daniela. **Las Revistas Montoneras**: cómo la organización construyó su identidad a través de sus publicaciones, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

Comando Camilo Torres e posteriormente os Montoneros – grupos considerados de extrema-esquerda.

Outra questão interessante de ser percebida sobre o grupo cordobês do Comando Camilo Torres – que se transformaria posteriormente no núcleo Montonero daquela localidade – é que sobretudo eles se tornaram próximos, entre finais da década de 1960 e início de 1970, à *Confederación General del Trabajo de los Argentinos* (CGTA)¹⁰⁹, organização intersindical a qual lideraria o *Cordobazo*¹¹⁰ e era associada a nomes da esquerda do espectro político, como os sindicalistas Raimundo Ongaro e Agustín Tosco. A CGTA se opunha às 62 *Organizaciones* e posteriormente também à *Confederación General del Trabajo* (CGT) – organizações trabalhistas majoritariamente justicialistas essas últimas, que eram lideradas por militantes da velha guarda peronista, como os metalúrgicos Augusto Vandor e José Ignacio Rucci – colocando-se à esquerda das intersindicaís compostas normalmente pelos militantes de mais longa data do Movimento Peronista. O fato de ser uma central sindical oposta às intersindicaís tradicionais lideradas por militantes da velha guarda peronista já pode ser percebido por si só como um desafio por parte da CGTA aos anteriormente citados, mas além disso a CGTA propunha uma militância mais combativa, menos dialógica com o Regime Militar que governava a Argentina entre finais da década de 1960 e início de 1970 e que, ao mesmo tempo que era integrada também por peronistas, se propunha a dialogar com outros setores de esquerda argentinos da época – presume-se que tudo

¹⁰⁹ Sobre a CGTA e o *Cordobazo* ver: BARTOLETTI, Julieta. La CGT de los Argentinos y los dilemas de la Izquierda Peronista, **Revista Escuela de Historia**, v. 10, n. 2, Salta: Universidade Nacional de Salta, 2011; SOTELO, Luciana. **Más vale honra sin sindicatos que sindicatos sin honra**: El nacimiento de la CGT de los Argentinos y algunas líneas para pensar su desarrollo posterior 1968-1969, La Plata: Universidade Nacional de La Plata, 2007; DAWYD, Darío. Corrientes y nucleamientos del sindicalismo opositor no peronista. Argentina 1970-1973, **Revista Pilquen**, v. 18, n. 1, 2015.

¹¹⁰ O *Cordobazo* foi a greve massiva ocorrida no ano de 1969 na região de Córdoba. O evento foi chamado dessa forma por causa da cidade onde se deu. Essa paralização em massa de trabalhadores cordobêses representou tanto um desafio ao Onganiato – como às vezes é chamado o período de ditadura do General Onganía na Argentina pela historiografia – quanto às outras centrais sindicais, principalmente as peronistas que mantinham certo diálogo com o Regime Militar.

isso tende a ser visto com desconfiança e talvez até hostilidade pela velha guarda do Justicialismo.

À medida que ramos progressistas da Igreja Católica, principalmente vinculados à Teologia da Libertação, travaram contato com os futuros Montoneros, os estudantes foram simpatizando e se voltando politicamente à esquerda, tendo sido o pensamento progressista católico do contexto do Concílio Vaticano II essencial para a guinada dos jovens a esse campo do espectro político. Outra grande influência sobre os futuros Montoneros foi exercida pelo ex-seminarista Juan Garcia Elorrio, este era proveniente de uma família abastada e simpática ao integralismo da Província de Buenos Aires que abandonou o seminário no início da década de 1960 por achá-lo demasiado conservador e passivo. Apesar de haver desistido do sacerdócio, Elorrio se manteve ativo frequentador dos meios católicos progressistas. Ao contrário de Carlos Mugica, que defendia a transformação social pelo trabalho direto com os pobres, vivendo entre estes, Elorrio era adepto da transformação social pela mudança política institucional, mesmo que fosse por meio das armas – o que era desconsiderado por Mugica.¹¹¹

Quando as Forças Armadas tomam o poder em 1966, fazendo a Argentina ser governada então por Onganía – General que governaria o país até 1970, sendo tirado do poder pela própria Junta Militar que lhe havia atribuído o cargo de Presidente¹¹² –, Elorrio funda a revista de denominação cristã e opositora do regime chamada *Cristianismo y Revolución* (CyR)¹¹³. Ao redor da revista congregaram-se

¹¹¹ MORELLO, Gustavo. Juan Garcia Elorrio y los Comandos Camilo Torres, in: **XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**, San Miguel de Tucumán: Universidade de Tucumán, 2007.

¹¹² Essa Junta Militar governaria ainda a Argentina até 1973, através das figuras dos Generais Roberto Levingston e Alejandro Lanusse após a retirada de Onganía da presidência. Levingston ocuparia o cargo de presidente da queda de Onganía em 1970 a 1971, e Lanusse governaria em seguida, de 1971 até as eleições de 1973. O Golpe de 1966 e o posterior período da Ditadura Militar Argentina que durou de 1966 a 1973, foram referidos às vezes por seus partidários e comandantes como Revolução Argentina.

¹¹³ A *Cristianismo y Revolución* continuou até o começo da década de 1970, com Elorrio a frente desta até sua morte no início daquele decênio. Após esse evento a publicação continuaria sob liderança de Cassiana Ahumada, viúva de Elorrio que partiria posteriormente para o exílio na Espanha com sua filha, fruto da relação com o ex-seminarista.

indivíduos representantes de diversos setores de esquerda presentes na Argentina da época, e foi em torno dela que se formou e estabeleceu o Comando Camilo Torres. Nessa época os jovens que futuramente viriam a compor os Montoneros passam a fazer parte de uma agrupação à esquerda do espectro político de fato – pois, com exceção de Norma Arrostito, até então eles só haviam composto grupos estudantis católicos –, formando o grupo que homenageava o falecido padre guerrilheiro colombiano com seu nome, o Comando Camilo Torres. A primeira ação pública famosa do Comando foi quando, encabeçados por Elorrio, interromperam uma missa, panfletando e rezando, celebrada pelo Cardeal Caggiano, um dos mais conservadores do país, na Catedral de Buenos Aires por ocasião do dia dos trabalhadores em primeiro de maio de 1967, evento do qual participava o General Onganía, então presidente da Argentina – vários membros do grupo ficaram presos por alguns dias em consequência dessa atitude.¹¹⁴

Quanto à revista *Cristianismo y Revolución* ela surgiu no contexto de efervescência do Catolicismo progressista pós-conciliar que permeava o mundo católico no período dos longos anos 1960 fruto do Concílio Vaticano II, principalmente na América Latina, mesclando elementos da nascente Teologia da Libertação com ideias que podem ser consideradas provenientes da experiência revolucionária e socialista Cubana, como por exemplo falas atribuídas ao também argentino Ernesto “Che” Guevara – médico que foi uma das principais lideranças do processo revolucionário ocorrido na ilha de Cuba –, como demonstra a fala de Ignacio Vélez, militante com origem na cidade de Córdoba: “Como decíamos en CyR, el deber de todo cristiano es ser revolucionario, y el deber de todo revolucionario es hacer la Revolución.”¹¹⁵ Na transcrição anterior pode-se perceber uma ideia que é passível de ser considerada típica de certos setores católicos adeptos da Teologia da Libertação, como era o caso do padre colombiano Camilo Torres e seus influenciados argentinos, ao associar o Cristianismo à uma transformação social emancipadora por meio de uma revolução – como a que havia implantado, com essa mesma proposta, o Socialismo em Cuba alguns anos antes – ao mesmo

¹¹⁴ MORELLO, Gustavo. **Cristianismo y Revolución**: Los orígenes intelectuales de la guerrilla argentina, Córdoba: Universidade de Córdoba, 2003.

¹¹⁵ VÉLEZ, Ignacio. Apud: MORELLO, Gustavo. Op. Cit. 2007.

tempo que tenta apresentar de maneira evidente uma ideia atribuída normalmente a Che Guevara quando argumenta que o dever de todo revolucionário é fazer a revolução.

Nos anos iniciais da publicação, entre 1966 e 1967, começa a ocorrer um maior contato dos jovens católicos com os pensamentos peronista e marxista, graças em parte a John William Cooke, além do orientador espiritual da JEC Carlos Mugica e do próprio Elorrio, de quem Cooke era próximo. Cooke associava diretamente ideais do Peronismo a elementos da filosofia marxista e a valores associados à Revolução na Ilha Caribenha de Cuba.¹¹⁶ Ele era um líder sindical justicialista que disfrutava da máxima confiança de Perón apesar de discordar do último sobre algumas questões – tendo sido inclusive designado pelo General exilado, líder do Peronismo na Argentina na segunda metade da década de 1950 – e foi um dos militantes de esquerda que frequentou o meio da revista *Cristianismo y Revolución*. Além de peronista convicto, Cooke era entusiasta de certa apropriação de elementos do Marxismo para a realidade da Argentina e era também grande apoiador da Revolução Cubana, tendo sido o líder da delegação argentina na Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS)¹¹⁷ em 1967, que teve lugar em Havana – o evento congregou grupos de esquerda de toda a América e entre os argentinos estavam presentes também os militantes do Comando Camilo Torres e futuros Montoneros Fernando Abal Medina, Emilio Maza e Norma Arrostito, acompanhados de Garcia Elorrio.

Nos últimos anos da década de 1960, a maioria dos membros do então comando Camilo Torres começam a se distanciar aos poucos de Elorrio e da revista *Cristianismo y Revolución*, passando a se concentrarem mais em tarefas que os levariam a praticar as ações guerrilheiras as quais se pode considerar que viriam a

¹¹⁶ RECALDE, Aritz. **El Pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón 1956-1966**, Buenos Aires: Ediciones Nuevos Tiempos, 2009; GILLESPIE, Richard. **The Peronist Left**, Liverpool: Liverpool University, 1979.

¹¹⁷ Organização que reunia grupos de esquerda, provenientes de diversos países, simpatizantes e apoiadores da Revolução Cubana. Sobre a OLAS e sua Conferência em 1967 ver: GONZÁLEZ, Patricia Calvo. La Organización Latinoamericana de Solidaridad a través del Boletín de Información de su comité organizador (1966-1967), **Revista de Historia Social y las Mentalidades**, n. 1, v. 22, Santiago: Universidad de Santiago de Chile, 2018.

caracterizar o futuro grupo Montoneros. O melhor exemplo desse distanciamento se dá quando Emilio Maza, Norma Arrostito e Fernando Abal Medina partem para receber formação militar em Cuba no ano de 1968, enquanto Elorrio permanece na Argentina focado na publicação e a última continua ativa e pulsante. O Comando já se organizava de maneira praticamente independente de Elorrio e do entorno da *Cristianismo y Revolución* quando os viajantes retornam à Argentina no período final da década de 1960.

3.3 O surgimento público dos Montoneros

Os Montoneros surgiram publicamente por meio de uma ação que já os lançaria diante dos holofotes políticos e midiáticos e no imaginário e conversa popular. Entre final do mês de maio e início de junho de 1970 eles sequestram e matam o General Aramburu, ex-Presidente Argentino que governou o país no período após o golpe promovido pela chamada Revolução Libertadora em 1955 contra Perón. Os Montoneros escrevem o documento intitulado comunicado nº 3, datado de 31 de maio de 1970, no qual apontam os crimes aos quais acusaram Aramburu, que argumentam que os levaram a condená-lo à pena de morte, e anunciam o *justiciamiento*¹¹⁸ do General, que teria sido julgado pela organização no que chamaram de “Tribunal Revolucionário”¹¹⁹ [tradução do autor]. Nesta ocasião, no comunicado endereçado ao povo da nação, é expresso alguns dos valores e ideias fundamentais do grupo.

Na terceira acusação admitida por Aramburu, pode-se começar a perceber elementos os quais podem ser associados ao Peronismo presentes no documento, podendo-se assim notar a tentativa dos Montoneros de transmitir um aspecto justicialista ao julgamento do General. O grupo acusa o Militar “De haber

¹¹⁸ Como pode inferir que os Montoneros consideraram a punição a Aramburu, segundo a própria manifestação pública do grupo guerrilheiro a execução do ex-Presidente Argentino foi uma medida justa.

¹¹⁹ MONTONEROS. **Comunicado nº 3**, 31 de maio de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 08 out. 2021.

encabezado la represión del movimiento político mayoritario representativo del pueblo argentino, proscribiendo sus organizaciones, interviniendo sus sindicatos, encarcelando a sus dirigentes y fomentando la represión en los lugares de trabajo.”¹²⁰ Pode-se notar na transcrição anterior que os Montoneros apresentam o Justicialismo como o movimento político majoritário da nação, o que demonstra a ênfase valorativa do Peronismo por parte do grupo perante à população argentina – além do próprio fato da organização acrescentar uma série de ações contra os peronistas, os quais teriam sido reconhecidos pelo General, como fator que levaria à condenação do último. No mesmo comunicado prossegue a demonstração de aspectos vinculados ao Peronismo na admissão seguinte atribuída a Aramburu. “De la profanación del lugar donde reposaban los restos de la compañera Evita y la posterior desaparición de los mismos, para quitarle al Pueblo hasta el último resto material de quien fuera su abanderada.”¹²¹

Em ambas as transcrições anteriores pode-se perceber a tentativa de demonstração de aderência firme ao Peronismo por parte dos Montoneros. Na primeira é possível notar a valorização do povo, da militância sindical trabalhista e consequentemente dos trabalhadores – valores normalmente associados ao Justicialismo desde sua origem. Na última a figura da falecida esposa do fundador do Movimento, Eva Perón, é apresentada como alvo de forte representação até em sua morte, o que é demonstrado pela insistência dos Montoneros que seus restos mortais fossem restituídos à público, e sendo ela tratada pela denominação companheira – expressão comumente utilizada no tratamento entre militantes à esquerda do espectro político que se reconhecem mutuamente como representantes de mesmos valores e interesses político-sociais¹²².

“1º) La pública difamación del nombre de los legítimos dirigentes populares en general y especialmente de nuestro líder Juan Domingo Perón y nuestros compañeros Eva Perón y Juan José Valle.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Ibidem.

¹²² Para uma discussão da ideia de camaradagem ou companheirismo – consequentemente perpassando os termos “camarada” ou “companheiro” – entre a esquerda do espectro político ver: DEAN, Jodi. **Comrade**: An Essay on Political Belonging, Londres: Verso, 2019.

2º) Haber anulado las legítimas conquistas sociales Instauradas [sic] por la Revolución Justicialista.

3º) Haber Iniciado [sic] la entrega del patrimonio nacional a los intereses foráneos.

4º) Ser actualmente una carta del régimen que pretende reponerlo en el poder para tratar de burlar una vez más al pueblo con una falsa democracia y legalizar la entrega de nuestra patria.

5º) Haber sido vehículo de la revancha de la oligarquía contra lo que significaba el cambio del orden social hacia un sentido de estricta justicia cristiana.”¹²³

A demonstração de aderência a ideias associadas normalmente aos peronistas segue no comunicado nº 3 dos Montoneros. Nas acusações imputadas a Aramburu eles citam a difamação de importantes líderes justicialistas, apresentando-os como representantes do Peronismo e, conseqüentemente, legítimos dirigentes populares. Mencionam também a anulação de conquistas sociais obtidas no Governo de Perón após a chamada Revolução Argentina, a entrega do patrimônio nacional aos interesses estrangeiros e a enganação do povo com o que chamam de falsa democracia. Nessas pontuações os Montoneros apresentam novamente em sua composição etológica a centralidade do povo argentino, que permeia o pensamento peronista em geral, e também o nacionalismo, que compõe da mesma forma o que costuma ser considerado o cerne do Peronismo desde sua origem.

No quinto ponto da transcrição anterior é perceptível também uma apropriação de valores cristãos – os quais permeavam o grupo através do passado católico da organização e da formação da ampla maioria de seus componentes estar atrelada ao Catolicismo – onde conquistas sociais são atreladas pelos Montoneros à ideia cristã de justiça.¹²⁴ As raízes cristãs da organização aparecem novamente no

¹²³ MONTONEROS. *Comunicado nº 3*. Op. Cit.

¹²⁴ Para uma explicação simples e didática da vinculação dos Montoneros ao Catolicismo ver: DONATELLO, Luis Miguel. Aristocratismo de la salvación: El catolicismo “liberacionista” y los Montoneros, *Prismas*, n 9, 2005, pp. 241-258.

comunicado nº 4, datado de 01 de junho de 1970, quando a execução de Aramburu é comunicada, o grupo proclama uma prece a Deus após anunciarem a ação. “La conducción de MONTONEROS [grifos do original] comunica que hoy a las 7.00 horas fue ejecutado Pedro Eugenio Aramburu. [...] Que Dios Nuestro Señor se apiade de su alma.”¹²⁵

3.4 Exposição de algumas ideias fundamentais Montoneras

No comunicado nº 5, direcionado ao que chamam de povo da nação, datado de 15 de junho de 1970, os Montoneros especificam um pouco mais suas posições político-sociais. Os três primeiros pontos do comunicado – transcritos posteriormente – são reveladores de visões do grupo. Na primeira pontuação pode ser percebida uma tentativa de associação por parte da organização a elementos popularmente considerados peronistas e argentinos – elementos que parecem de certa forma mesclar-se segundo a perspectiva do grupo –, e a figura de liderança do General Perón aparece enfaticamente associada a um povo meio idealizado. No segundo ponto os aspectos que podem ser considerados justicialistas e nacionais são enfatizados em associação ao aspecto cristão do movimento. E na terceira pontuação são revelados alguns elementos considerados pelos Montoneros seus avessos, como por exemplo o Capital estrangeiro – que os justicialistas em geral vinculam diretamente à oposição ao Peronismo e, conseqüentemente, ao Golpe dado pela Revolução Libertadora que tirou Perón da Presidência e o forçou a exilar-se –, considerado pela organização como inerentemente vinculado ao Regime Ditatorial Militar que governava a Argentina na época, fazendo de ambos opositores primordiais do grupo guerrilheiro.

“1º) Nuestra Organización es una unión de hombres y mujeres profundamente argentinos y peronistas, dispuestos a pelear

¹²⁵ MONTONEROS. **Comunicado nº 4**, 1 de junho de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 21 out. 2021.

con las armas en la mano por la toma del Poder para Perón y para su Pueblo y la construcción de una Argentina Libre, Justa y Soberana.

2º) Nuestra Doctrina es la doctrina Justicialista, de Inspiración Cristiana y Nacional.

3º) Lo único foráneo de nuestro país son los intereses de los capitales extranjeros ligados al régimen y la mentalidad vende patria de los gobernantes de turno.”¹²⁶

A menção ao Capital estrangeiro, vinculando-o a um grupo social interno ao país no terceiro ponto, pode ser percebido para além do pensamento peronista e também como uma influência do pensamento marxista terceiro-mundista, tão em voga no período dos longos anos 1960 e fortemente associado à experiência revolucionária socialista de Cuba na América Latina da época. Essa associação é plausível principalmente porque os Montoneros são considerados pela historiografia um grupo que compõe o que é chamado de Tendência de Esquerda do Movimento Peronista – às vezes referida apenas como a Tendência, ou Tendência de Esquerda Revolucionária¹²⁷, esta consiste nos diversos grupos à esquerda do espectro político surgidos nos longos anos 1960 que reivindicavam o Peronismo como ideologia e ao mesmo tempo eram marcadamente influenciadas e/ou reivindicavam abertamente também vinculação a certos elementos considerados marxistas, demonstrando características associadas à alguma expressão político, social e filosófica do Marxismo, principalmente às interpretações próprias, sobretudo com aspectos terceiro-mundistas e latino-americanos deste.

¹²⁶ MONTONEROS. **Comunicado nº 5**, 15 de junho de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 21 out. 2021.

¹²⁷ Às vezes a Tendência também é referida como nova esquerda peronista, ou nova esquerda revolucionária, o último termo englobando também agrupações não-peronistas – porém, a expressão Tendência de Esquerda é um conceito bem estabelecido e, conseqüentemente, um termo mais usado, principalmente entre os historiadores argentinos.

É importante ter em conta que os longos anos 1960 foram um período no qual vigorou um ethos contestatório, rebelde e voltado para à juventude, às minorias e à esquerda mundialmente¹²⁸, como argumenta-se centralmente nesse trabalho, e na Argentina isso não foi diferente. Vários partidos e agrupações de esquerda argentinos aumentaram sua influência político-social, em conjunto com seu contingente de membros na época, como relata Valeria Manzano¹²⁹ – além disso, segundo a autora e Ezequiel Adamovsky¹³⁰, os grupos peronistas foram os que mais cresceram naquele país durante o período, graças ao interesse com relação às minorias político-sociais, dentre estas as classes inferiores sócio economicamente, cultivado entre os jovens naquele momento histórico que, devido à simpatia a Perón e à forte disseminação do Justicialismo entre os pobres, elegeram o Peronismo como movimento para militar sob suas bandeiras. A nova geração recém ingressada no Movimento Peronista passou a compor de forma quase unânime a Tendência de Esquerda. Esses jovens esquerdistas da época eram amplamente influenciados por elementos do Marxismo, ainda mais nas manifestações terceiro-mundistas e latino-americanas do último. A influência de certas interpretações sócio, histórico e políticas de cunho marxista entre os Montoneros especificamente pode ser traçada ao período que muitos jovens que viriam a compor o grupo faziam parte do Comando Camilo Torres, mais diretamente ao contato dos membros da organização com Carlos Mugica, Juan Garcia Elorrio e, principalmente na mescla entre elementos marxistas e Peronismo, John William Cooke.

Como Valeria Manzano¹³¹ e outros autores argumentam¹³², os longos anos 1960 foram um período marcado pelo terceiro-mundismo – o que foi possível em

¹²⁸ BRADBURY, Malcolm et al. Os anos 1960 e 1970, in: BRADBURY, Malcolm et al. (org.) **Introdução aos Estudos Americanos**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981; MARWICK, Arthur. **The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy and the United States**, c. 1958-c.1974, Londres: Bloomsbury, 1998.

¹²⁹ MANZANO, Valeria. **The age of youth in Argentina: culture, politics, and sexuality from Perón to Videla**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014, edição do Kindle.

¹³⁰ ADAMOVSKY, Ezequiel. Op. Cit.

¹³¹ MANZANO, Valeria. Op. Cit.

¹³² ALBUQUERQUE, Germán. Tercermundismo en el Cono Sur de América Latina: ideología y sensibilidad. Argentina, Brasil, Chile, y Uruguay, 1956-1990, **Revista Tempo e Argumento**, n. 13,

parte graças à evolução e popularização dos meios de comunicação na época, além do mérito também das publicações de movimentos, partidos e organizações de esquerda, que ajudaram a difundir ideias terceiro-mundistas entre os diversos países do mundo. O terceiro-mundismo consiste basicamente na ideia que os países empobrecidos e seus povos – os quais tendem a viver uma experiência mais direta e danosa com relação ao imperialismo e ao colonialismo, sejam estes últimos fenômenos sociais ocorridos de forma política, econômica e/ou cultural – são periféricos e racializados no Sistema de Produção Capitalista e possuem interesses e uma certa identidade comuns, sobretudo no concernente ao fim do fenômeno social imperialista/colonialista e, conseqüentemente, na causa anti-imperialista. O terceiro-mundismo pode se manifestar também na simpatia e solidariedade por parte de indivíduos, não necessariamente componentes de populações racializadas e/ou vinculadas diretamente ao chamado terceiro-mundo, pelas nações pertencentes ao último, seus povos e à causa anti-imperialista. O fenômeno social terceiro-mundista foi bastante influenciado pelos processos de descolonização nos Países Africanos, pela Guerra do Vietnã e, principalmente no Continente Americano, pela Revolução Cubana.

“[...] the young women and men that embraced revolutionary politics contested the narrative of a socially modern and egalitarian Argentina that they perceived as unreal and unjust. For these youths, Argentina belonged to the Third World [...] That identification both allowed for the confrontation of the modernizing narratives of an egalitarian country [...] [Latin America and the Third World in general] thanks to the success of the Cuban revolutionary process, [was] ever more conscious of the opportunities of liberation. [...] the local uses of the Third World concept stressed the scope and intensity of social oppression, which required the systemic use of violence that usually came in the form of military rule [...] A lexicon

v. 6, Florianópolis, 2014; DUARTE, Lucas. Expresiones del internacionalismo tercermundista en el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur, **Esbocos**, n. 48, v. 28, Florianópolis, 2021.

dominated by keywords such as dependency, systemic violence, and social oppression spread to Catholic, Peronist, and Marxist groups and pointed to the pervasiveness of the Third World framework in that New Left.”¹³³

Na Argentina há uma tradição histórica de tentar associar o país a um ideal de nação ocidental, moderna e desenvolvida – como deixado implícito pelos trabalhos de Lilia Bertoni¹³⁴, Martin Bergel¹³⁵ e Oscar Terán¹³⁶ –, sendo ainda comum nos longos anos 1960 para algumas pessoas, mesmo intelectuais, desvincular a Argentina da noção de país pobre, “atrasado” e, conseqüentemente, pertencente ao terceiro-mundo. Como expressado no trecho transcrito anteriormente, jovens de esquerda de então, os Montoneros e a Tendência em geral entre estes, rebatem essa dissociação da Argentina ao terceiro-mundo e reafirmam a posição terceiro-mundista daquele país no cenário mundial. A convicção dessa juventude como pertencente ao terceiro-mundo se deu, em grande parte, por influência dos padres católicos terceiro-mundistas, os quais tinham como prática levar jovens em viagens a regiões do país onde havia miséria exorbitante, como foi o caso vivido por alguns Montoneros antes da fundação do grupo, quando foram a Tartagal com Carlos Mugica. Essa associação da Argentina às ideias de miséria e submissão à dominação imperialista/colonialista, vinculados na época inerentemente à noção de terceiro-mundo e povos racializados, subalternizados e explorados, propiciava para muitas pessoas o despertar de indignação e, conseqüentemente, a legitimação da estratégia de luta armada como caminho para livrar a nação da condição na qual se encontrava.

¹³³ MANZANO, Valeria. Op. Cit, pp. 158-159. 169.

¹³⁴ BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas**: la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX, Buenos Aires: EDHASA, 2020.

¹³⁵ BERGEL, Martín. “Los bárbaros están otra vez sobre Roma”: Acerca de la reacción antiorienta del pensamiento nacionalista católico argentino de los años 1920, **Iberoamericana**, n. 10, 2010.

¹³⁶ TERÁN, Oscar. **Nuestros años sesenta**: La formación de la nueva izquierda intelectual argentina, 1956-1966, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

EXHORTAMOS AL PUEBLO ARGENTINO A UNIRSE A LA RESISTENCIA ARMADA CONTRA EL RÉGIMEN [...] LLAMAMOS AL PUEBLO A SEGUIR CON LA RESISTENCIA ARMADA CONTRA EL ACTUAL GOBIERNO, QUE NO ES MAS [sic] QUE LA CONTINUACIÓN DEL ANTERIOR [grifos do original] [...]¹³⁷

O comunicado nº 5, como expressado na transcrição anterior, prossegue dissertando sobre a Ditadura Militar que governava o país entre finais da década de 1960 e inícios de 1970. Para os Montoneros a recente derrocada do General Onganía da Presidência Argentina, sendo substituído pelo General Lanusse em junho de 1970, não representava nenhuma mudança essencial ao Regime Ditatorial que ocupava o poder na direção do país. Portanto, acreditando tampouco na realização de eleições, muito menos em mudanças político-estruturais no contexto argentino sem a legalização do Partido Justicialista e a volta de Perón ao país, eles proclamam o povo a se juntarem à luta armada.

Na declaração endereçada aos trabalhadores, datada de primeiro de agosto de 1970, momento no qual os Montoneros já haviam ocupado por breve período o vilarejo cordobês de La Calera – tendo se concentrado na ocupação mais especificamente de repartições públicas e outros recintos institucionais da localidade no começo de julho de 1970, em prol de mostrar força e adquirir bens, se apropriando de artigos de valor para financiamento, promoção e concretização de suas atividades – prossegue-se a demonstração de valores fundamentais e pensamentos da organização. “[...] La situación en que se halla actualmente nuestra Patria y nuestro pueblo, postergado por una minoría explotadora y vendepatria, nos mueve a todos los argentinos honestos a resistirnos contra el régimen.”¹³⁸ No trecho transcrito anteriormente é perceptível que os Montoneros pensam que uma parcela da sociedade argentina, considerada por eles entre outras coisas desonesta, é parte do que são considerados problemas nacionais pela organização. Essa camada social,

¹³⁷ MONTONEROS. **Comunicado nº 5**. Op. Cit.

¹³⁸ MONTONEROS. **A Los Trabajadores**, 1 de agosto de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 22 out. 2021.

chamada pelo grupo de minoria exploradora e vende pátria – ocasionalmente chamada pelos Montoneros também de gorila –, estaria intimamente associada ao Regime Militar que governava o país na época, ao qual a organização conclama o que chamam de argentinos honestos a resistir.

Em carta a Perón, do dia nove de fevereiro de 1971, os Montoneros, explicando ao General exilado suas posições políticas e pedindo a opinião dele a respeito, demonstram outro aspecto importante da organização. “[...] [os antiperonistas, principalmente as elites e as Forças Armadas] no van a tolerar un gobierno justicialista, porque justicialismo es el socialismo nacional, y éste al capital no le agrada pues va en contra de sus intereses.”¹³⁹ Ao fazer uma crítica mais direta ao Capital, e com isso criticando o Sistema Capitalista como um todo, o grupo revela que para eles o Peronismo é o Socialismo nacional, se colocando assim como socialistas e anticapitalistas, já que se autoproclamam justicialistas. Essa ideia Montonera pode conter embutida certa influência do Regime Socialista Cubano, principalmente se levar-se em conta a crítica ao Capitalismo – e talvez também tendo em mente a possível comparação entre a liderança política de um militar como Perón à figura de Fidel Castro em Cuba e a promoção no governo do último do Sistema de Produção Socialista no País Caribenho.

“Tenemos clara una doctrina y clara una teoría de la cual extraemos como conclusión una estrategia también clara: el único camino posible para que el pueblo tome el poder e instaure el socialismo nacional, es la guerra revolucionaria total, nacional y prolongada, que tiene como eje fundamental y motor al peronismo. El método a seguir es la guerra de guerrillas urbana y rural.”¹⁴⁰

No trecho transcrito anteriormente fica evidente, através da menção à guerra de guerrilhas, a influência de experiências socialistas terceiro-mundistas recentes

¹³⁹ MONTONEROS. **Al General Juan Domingo Perón**. 9 de fevereiro de 1971, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 25 out. 2021.

¹⁴⁰ Idem.

aos longos anos 1960 entre os Montoneros, dentre estas a experiência cubana. Ao argumentar que tem estratégia clara, consistindo essa numa guerra de guerrilhas revolucionária como único caminho possível para o alcance do chamado Socialismo nacional na Argentina, a organização se mostra abertamente guerrilheira, tal qual o grupo que liderou a Revolução Cubana sob liderança de Fidel Castro e do contrterrâneo dos Montoneros, o também argentino Ernesto “Che” Guevara. Ao mesmo tempo que demonstra influência de experiências socialistas externas, pode-se considerar que o grupo tenta apresentar um caráter nacional ao afirmar ser o Peronismo a ideologia motor que assumiria o processo de transição para o Sistema de Produção Socialista no país e considerando, devido à realidade circundante, que a estratégia guerrilheira deveria ter lugar tanto em espaços urbanos quanto rurais – já que a Argentina era uma nação bastante urbana, porém vastas porções de seu território se mantinham ruralizados na época.

Certas características dos Montoneros aparecem também demarcadas em carta da organização a Perón datada de dois de abril de 1972. Nela um aspecto marxista de viés terceiro-mundista e latino-americano por parte do grupo é perceptível principalmente pela citação ao Capitalismo “*dependiente*”¹⁴¹ como oposto ao ideal justicialista de libertação nacional. Ao referir-se ao conceito de Capitalismo dependente permeando um país latino-americano como a Argentina, a organização demonstra estar de acordo com uma linha marxista terceiro-mundista baseada na Teoria da Dependência – corrente intelectual do Marxismo surgida e voltada para o Subcontinente Latino-Americano, fundada durante os longos anos 1960 e promovida a princípio majoritariamente por intelectuais latino-americanos, latino-americanistas¹⁴² e/ou terceiro-mundistas¹⁴³ adeptos de certa interpretação do Marxismo¹⁴⁴. Em pronunciamento de 3 de novembro de 1973, endereçado ao povo

¹⁴¹ MONTONEROS. **Al General Juan Domingo Perón**. 2 de abril de 1972, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 25 out. 2021.

¹⁴² Pensadores e desenvolvedores de pesquisa sobre a América Latina.

¹⁴³ Intelectuais com interesse e pesquisas voltados para a realidade do chamado terceiro-mundo.

¹⁴⁴ Essa vertente marxista pensa basicamente que a América Latina e o resto do dito terceiro-mundo continuariam empobrecidos e menos industrializados enquanto predominasse o Sistema de Produção Capitalista, pois a economia global sob o Capitalismo necessitaria que essas regiões do planeta continuassem em maioria exportadoras de matéria-prima barata, e para isso acontecer seria

peronista, os Montoneros fazem menção à construção do Socialismo nacional, associado à “la Patria Grande Latinoamericana”¹⁴⁵, como objetivo a ser alcançado – aspecto que pode ser considerado outra demonstração do valor dado pela organização ao seu caráter, além de argentino, latino-americano.

3.5 Conflitos e ruptura entre a condução nacional dos Montoneros e a velha guarda peronista

“Algunos compañeros creyeron encontrar la bola de cristal y se metieron en el cuento del diálogo y la participación, pero nos dimos cuenta que lo único que buscaban era la participación en los negociados a nuestras espaldas para traicionarnos con nuestros enemigos.”¹⁴⁶ Na declaração aos trabalhadores, de agosto de 1970, começa-se a ser perceptível certa discordância por parte dos Montoneros com relação a práticas da velha guarda peronista. Na transcrição anterior é possível notar um tom de ironia ao referir-se a alguns companheiros¹⁴⁷ que teriam se proposto a dialogar e, em certa medida, tentar participar do Regime Político Ditatorial-Militar Argentino governante naquele momento histórico.

“De a poco advertimos que delante nuestro se alzaba un frente unido en el que los patrones, los milicos, el gobierno, los monopolios internacionales y los traidores se unían para exprimarnos

essencial que essas localidades permanecessem apresentando baixo nível de industrialização e grande quantidade de indivíduos dispostos a trabalhar em troca de remuneração precária e em condições ruins de trabalho. Sobre a Teoria da Dependência ver: SANTOS, Theotonio Dos. *Teoria da dependência: Balanço e perspectivas*, 1º ed. Florianópolis: Insular Livros, Edição do Kindle, 2020.

¹⁴⁵ MONTONEROS. **Al pueblo peronista**, 3 de novembro de 1973, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 27 out. 2021.

¹⁴⁶ MONTONEROS. **A Los trabajadores**. Op. Cit.

¹⁴⁷ Discussão sobre a ideia de companheirismo ou camaradagem entre a esquerda política ver: DEAN, Jodi. Op. Cit.

mejor. [...] Entonces nos dimos cuenta dolorosamente que todos ellos en bloque son NUESTROS ENEMIGOS [grifos do original].”¹⁴⁸

Além da menção irônica, os Montoneros completam declarando que esses indivíduos que eles pensavam a princípio ser companheiros – representantes de um mesmo ideário sócio-político – teriam se proposto a conectar-se de alguma maneira com o Regime Ditatorial no intuito de obter conquistas individuais e traí-los politicamente, como é possível perceber pelo trecho transcrito anteriormente da mensagem do grupo aos trabalhadores. Seguindo oficialmente a lógica que estariam sendo traídos por antigos companheiros, a organização apresenta esses últimos como traidores e, portanto, componentes da mesma categoria dos considerados inimigos ideológicos por excelência do Peronismo: o Grande Capital estrangeiro e seus representantes e aliados na Argentina, entre estes inclusive as Forças Armadas. Apesar de inicialmente os Montoneros não deixarem evidente a quais indivíduos estariam se referindo na acusação de traição, pode-se presumir que se tratava de membros da velha guarda peronista, considerando que fazem menção à participação político-institucional-eleitoral sob o Regime Ditatorial – estratégia empregada normalmente por membros e organizações componentes da velha guarda do Justicialismo.

Em carta a Perón datada de 9 de fevereiro de 1971 a menção a José Alonso – sindicalista do ramo têxtil e justicialista de longa data que havia sido assassinado fazia pouco tempo por um suposto comando Montonero – como um burocrata traidor, torna mais explícito sobre quais setores do Peronismo recaía a acusação de traição por parte do grupo guerrilheiro. Ao passo que negam a Perón qualquer envolvimento na execução de Alonso, se defendendo ao dissertar que o “[...] comando utiliza el nombre de nuestra organización y el apellido de nuestro [...] compañero [...]; no obstante no pertenece a nuestra organización e ignoramos

¹⁴⁸ MONTONEROS. **A Los trabajadores**. Op. Cit.

quienes lo componen [...]”¹⁴⁹, os Montoneros comentam com o líder exilado que não se pronunciariam publicamente sobre o assassinato do sindicalista.¹⁵⁰

Perón responde aos Montoneros em carta datada de 19 de fevereiro de 1971. Nela o General argumenta que está de acordo com os jovens em basicamente todas as posições – mas ao passo que disserta, pode-se perceber que ele vai construindo ao longo do texto um ponto de vista que pode ser interpretado como favorável à comunicação com setores do Regime Militar e aberto à outras possibilidades estratégicas além da luta armada, em oposição ao pensamento do grupo, apesar de tentar não entrar em nenhum embate com a organização guerrilheira. É interessante notar que Perón trata os Montoneros inclusive pela nomenclatura “companheiros” desde o começo da mensagem – diferentemente do tratamento dado a José Ignacio Rucci na abertura da carta dirigida ao último – na tentativa de colocar-se enfaticamente em posição de associação político-ideológica íntima com a organização.¹⁵¹

Posteriormente, em novembro de 1972, o líder exilado responde uma correspondência de José Ignacio Rucci – sindicalista do ramo metalúrgico, secretário geral da CGT e militante da velha guarda peronista – que o havia comunicado sobre uma reunião que havia comparecido com o General Lanusse, então Presidente Argentino. Nessa mensagem Perón aparenta ser bastante favorável à estratégia do diálogo com o Regime Militar vigente na Argentina. Na transcrição posterior do documento mencionado anteriormente é possível notar que, além do líder máximo do Movimento Justicialista se mostrar favorável ao diálogo com as Forças Armadas que governavam o país na época, chegando ao ponto de chamar de tolos e negativos quem pensasse o contrário, a prática dialógica – da manutenção constante do diálogo entre não-peronistas e/ou anti-peronistas do regime e militantes peronistas – era estratégia de fato utilizada pela velha guarda do Peronismo, em detrimento do que os Montoneros pensavam ser correto, tendo-se

¹⁴⁹ MONTONEROS. **Al General Juan Domingo Perón**. 9 de fevereiro de 1971. Op. Cit.

¹⁵⁰ Pode ser que o grupo guerrilheiro estivesse mentindo no intuito de não ser reprimido e/ou visto de forma negativa por Perón.

¹⁵¹ PERÓN, Juan. **A los compañeros “Montoneros”**, 19 de fevereiro de 1971 disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

em conta que a organização via essa estratégia de maneira bastante negativa. Perón vai além e argumenta na carta a Rucci que pensa que os chamados por ele de tontos e negativos não deveriam ter poder de influência quanto a decisões que envolvessem a opção estratégica pelo diálogo com representantes governamentais do Regime Militar. Pode-se afirmar que o líder, se não se referisse diretamente aos Montoneros, referia-se a setores da Tendência de Esquerda Peronista, esfera da qual o grupo fazia parte, que demonstravam opiniões semelhantes às da organização guerrilheira quanto ao diálogo com as Forças Armadas e com outros agentes do Regime.¹⁵²

“La resolución de asistir a la reunión parte de la Central Obrera como de los Secretarios Generales ha sido excelente: cuando se tiene posición tomada y una conveniente organización, nada puede impedir el diálogo que, aparte de todo, puede ser constructivo para el destino de la Patria. Los tontos y los negativos no pueden ni deben influenciar las decisiones que pue-den [sic] ser trascendentes.”¹⁵³

O ano de 1973 se tornou muito danoso para as relações entre a velha guarda peronista e a Tendência de Esquerda. A relação dos Montoneros com componentes da velha geração do Peronismo se tornou ainda pior. A partir da eleição, ascensão de Héctor Cámpora – fiel partidário de Perón – à Presidência do país dando início a um novo momento de Governo Justicialista na Argentina, e o iminente retorno de líder máximo do Peronismo à nação, podia-se esperar que o clima propício ao enfrentamento entre as vertentes peronistas tendesse a se

¹⁵² Ao analisar as fontes trabalhadas nesta dissertação é impossível definir o que Perón estava de fato pensando naquele momento do início da década de 1970 quando ainda se encontrava exilado na Espanha, se ele tendia mais para o lado dos Montoneros e da Tendência ou mais para o de Rucci e da velha guarda peronista. O que pode ser considerado fato mais certamente é que ele tentava manter a fidelidade à sua figura de ambas as vertentes geracionais do Peronismo no período.

¹⁵³ PERÓN, Juan Domingo. **Al Sr. José I. Rucci**, 4 de novembro de 1972, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

amenizar. Os Montoneros pareciam, pelo menos publicamente, demonstrar certa abertura à possibilidade de deixar, por ora, de lado as estratégias de guerrilha e se somar na construção da então nova administração governamental peronista.¹⁵⁴ “Sin embargo, aún había tensión en el aire. Se produjeron peleas a puñetazos entre grupos sindicales que gritaban exigencias para la patria peronista y jóvenes que pedían la patria socialista.”¹⁵⁵

O Massacre de Ezeiza foi a gota d'água para acabar com qualquer sensação e esperança de tranquilidade entre as vertentes geracionais peronistas que pudesse ter havido. O evento se deu em 20 de junho de 1973, por ocasião do retorno de Perón à Argentina – à princípio pensava-se entre a Tendência de Esquerda que o General regressaria pelo Aeroporto de Ezeiza, tendo sido montado um palco em área externa à localidade e militantes peronistas, principalmente jovens adeptos do Justicialismo esquerdista representado pela Tendência, tendo vindo de todo o país para receber seu líder até então em exílio. Os componentes da Tendência haviam planejado formar uma grande multidão peronista de esquerda para receber Perón – o que tinha como intuito adicional demonstrar força política dentro do Peronismo. Porém, Perón não pousou em Ezeiza e, além disso, após indivíduos, membros e simpatizantes da Tendência dentre estes, terem parecido se aproximar do palco que havia sido montado, com cartazes e exclamando palavras de ordem, pessoas armadas encarregadas por líderes sindicais da velha guarda de fazer a segurança do local atiraram na multidão, causando alguns óbitos. Essas mortes foram majoritariamente de jovens simpatizantes ou militantes ativos da Tendência de Esquerda Peronista.

Após Cámpora ter abdicado da Presidência em prol da ascensão de Perón ao cargo em julho de 1973, dando fim ao seu breve governo de menos de dois meses – que adotou posições progressistas e esquerdistas condizente com as demandas da Tendência de Esquerda Peronista –, e tendo em mente o ocorrido em Ezeiza, os

¹⁵⁴ FAR. MONTONEROS. “APOYAR, DEFENDER Y CONTROLAR” [grifos do original], 24 de maio de 1973, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

¹⁵⁵ GILLESPIE, Richard. Op. Cit. Além desse exemplo de tensão apresentado pelo trecho transcrito de Gillespie, outras formas de manifestações violentas de cunho político continuavam ocorrendo, como atentados e execuções perpetrados por organizações guerrilheiras.

Montoneros passaram a construir uma narrativa interpretativa dos recentes acontecimentos de então. Segundo a perspectiva pública da organização, o líder máximo justicialista havia tomado a atitude de ser candidato à Presidência novamente devido à pressão que estaria sofrendo dentro do Movimento Peronista, por parte da velha guarda, a qual seria contrária às medidas progressistas adotadas pelo Governo Cámpora. Diante de tal perspectiva interpretativa dos acontecimentos, os Montoneros declaram que Perón deveria reassumir o cargo de Presidente Argentino o quanto antes, em prol de dar conta do que o grupo chamou de conspiração enfrentada pelo General e, conseqüentemente, pelos que eles chamavam de peronistas revolucionários – que consistia basicamente na Tendência de Esquerda Peronista –, os quais seriam os verdadeiros justicialistas segundo a organização. Futuros integrantes do grupo que se chamaria Montoneros *Lealtad*, sugerem que, na verdade, Perón teria reassumido a Presidência Argentina devido à pressão político-social exercida pela violência guerrilheira levada a cabo pelos Montoneros e outros grupos¹⁵⁶.

“[...] el acceso del General Perón a la presidencia en estas circunstancias, se da con el objetivo de poner freno a una conspiración gorila impulsada por el Imperialismo a través de un puñado de traidores del Movimiento Peronista. [...] La estrategia que el General Perón venía desarrollando era la que se sintetizaba en la consigna: "Cámpora al Gobierno, Perón al Poder", la que señalaba que el General Perón era el Conductor del Movimiento Peronista y el compañero Cámpora, el Presidente de los argentinos. [...] Esta estrategia se vino desarrollando desde el enfrentamiento con la Dictadura Militar, durante la cual la consigna enarbolada por el Movimiento Peronista: "Elecciones con Perón en la Patria y como Candidato" [grifos do original], expresaba la reivindicación popular

¹⁵⁶ Na sequência desse trabalho o grupo denominado Montoneros *Lealtad* será abordado novamente. Sobre os Montoneros *Lealtad* ver: DUZDEVICH, Aldo. RAFFOUL, Norberto. BELTRAMINI, Rodolfo. **La Lealtad**: Los Montoneros que se quedaron con Perón, Buenos Aires: Penguin Random House, Edição do Kindle, 2015.

de que el Líder pudiera regresar a su Patria para conducir el proceso de liberación. [...] Allí nació como síntesis de todo este proceso la consigna propuesta por la Juventud, "Cámpora al Gobierno, Perón al Poder", que fue impulsada por todos los sectores del Movimiento leales a sus objetivos revolucionarios. [...] Todo este proceso fue constantemente perturbado y saboteado por los agentes del Imperialismo infiltrados en el Movimiento. Estos agentes son aquellos que negociaban las luchas populares con la dictadura militar, [...] los que balearon al pueblo peronista en Ezeiza el 20 de junio, intentando derrocar al gobierno popular.”¹⁵⁷

Em declaração pública, em conjunto com as Forças Armadas Revolucionárias (FAR)¹⁵⁸ – outro grupo componente da Tendência de Esquerda Peronista –, de 14 de julho de 1973, os Montoneros se manifestam expondo sua interpretação do desenvolvimento dos eventos sucedidos. O grupo reivindica apoio às medidas da Presidência de Cámpora e argumenta que Perón estaria de acordo com estas, seguindo a ideia que o Governo Cámpora era sinônimo do próprio General no poder, lógica também reivindicada pela organização. Os Montoneros vão além na manifestação e expõem pela primeira vez publicamente as rusgas com a velha guarda peronista, acusando membros da última, defensores do diálogo com os militares, de serem traidores do Justicialismo, inimigos do último e do governo popular representado por este infiltrados em suas fileiras e perpetradores do tiroteio em Ezeiza, acontecimento o qual tinha ocorrido no mês anterior. Na acusação inclusive são citados nomes, dentre estes figuram integrantes conhecidos do Movimento Peronista, como José López Rega – personagem vinculado à direita peronista que era encarregado da segurança de Perón –, José Ignacio Rucci, entre outros.

¹⁵⁷ FAR. MONTONEROS. **PERÓN ENFRENTA A LA CONSPIRACIÓN** [grifos do original], disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

¹⁵⁸ As FAR viriam a fundir-se com os montoneros em 12 de outubro de 1973, adotando o nome da última organização mencionada. Ver: FAR. MONTONEROS. **Acta de Unidad FAR-Montoneros**, 12 de outubro de 1973, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 27 out. 2021.

Perón reassume a Presidência em outubro de 1973, mas isso vai se mostrando ineficiente para amenizar a aversão que a Tendência de Esquerda Peronista – os Montoneros dentre esta – tinha desenvolvido pela velha guarda do Justicialismo, composta majoritariamente por antigos sindicalistas que compunham o Movimento Peronista desde o primeiro Governo de Perón. Antes de ter-se início o segundo Governo do General que dá nome ao Peronismo, Rucci, sindicalista metalúrgico da velha guarda justicialista, foi assassinado no final de setembro de 1973, ato que os Montoneros assumiram ser perpetradores tempos posteriormente, apesar de haver controvérsias a respeito do grupo ter realmente elaborado e executado a ação, como relata o então membro da Tendência de Esquerda Ricardo Grassi, ex-diretor da revista *El Descamisado*, uma das publicações Montoneras circulantes no período que abrange o fim dos longos anos 1960. Grassi deixa implícita a sugestão que, na verdade, a condução nacional dos Montoneros nem participou, nem soube e tampouco teria dado aval ao ato, sugerindo que a ação teria sido levada adiante independentemente da cúpula da organização¹⁵⁹. Antigos membros dos denominados Montoneros *Lealtad*, grupo de ex-militantes da organização guerrilheira que romperia oficialmente com a condução nacional dos Montoneros em público no dia primeiro de maio de 1974, apresentam um ponto de vista oposto ao da visão apresentada pelo ex-diretor da *El Descamisado*. Eles sugerem que a execução de Rucci teria de fato sido organizada e perpetrada com o consentimento da condução nacional montonera em prol da realização de uma demonstração de força¹⁶⁰.

“Con el pretexto de una campaña de "depuración ideológica" y bajo la falsa acusación de marxistas se está agrediendo de palabra y de hecho a la clase trabajadora y al pueblo peronista. [...] Nuestra organización, como parte de ese pueblo, luchó contra la dictadura militar, contra el orden de los monopolios y la oligarquía para lograr el retorno de nuestro Líder a la Patria y a la Presidencia. Por eso,

¹⁵⁹ GRASSI, Ricardo. **El Descamisado**: Periodismo sin aliento, 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana, Edição do Kindle, 2015.

¹⁶⁰ DUZDEVICH, Aldo et al. Op. Cit.

hasta el 25 de mayo fuimos subversivos. Una vez logrado el objetivo reacomodamos nuestras fuerzas en función de la nueva etapa de Reconstrucción y Liberación a que nos convocaba y convoca el Gral. Perón. [...] Desde el 25 de mayo apoyamos al Gobierno Popular y lo defenderemos por todos los medios, manteniéndonos fieles a la doctrina peronista [...] y a la "Actualización doctrinaria" [grifos do original], que señalan la necesidad del trasvasamiento generacional y del desarrollo de la lucha integral para obtener la Liberación y construir el Socialismo Nacional y la Patria Grande Latinoamericana.”¹⁶¹

Em declaração direcionada ao povo peronista de 3 de novembro de 1973, cujo trecho está transcrito anteriormente, os Montoneros exibem mais uma vez uma série de acusações à velha guarda peronista, cujos integrantes estariam, segundo a organização, boicotando o Governo popular peronista do General, do qual ambas vertentes se consideravam as reais representantes. Os Montoneros afirmam que membros da velha guarda estariam empreendendo uma campanha de difamação contra eles e outros membros da Tendência, promovendo acusações que estes seriam marxistas infiltrados no Movimento Peronista – o que devia significar para a antiga geração justicialista naquele contexto de Guerra Fria aderência praticamente incontestável ao Bloco Socialista e sua líder, a URSS. Os Montoneros, por sua vez, afirmavam publicamente que essa agressão ao grupo e à Tendência de Esquerda representava um ataque a todo o povo peronista – do qual seriam representantes e ao mesmo tempo componentes – e acusavam militantes da velha guarda, os quais chamam de burocratas sindicais, da prática de sequestro contra indivíduos que o então antigo grupo guerrilheiro pensava serem verdadeiros justicialistas, e os acusava também de serem os verdadeiros infiltrados no Movimento, além de estarem boicotando o Peronismo de dentro e atrapalhando o Governo de Perón, segundo a organização. Os Montoneros acrescentam, de forma a defender-se, que foram subversivos ao Estado Argentino durante a Ditadura

¹⁶¹ MONTONEROS. **AL PUEBLO PERONISTA**, 3 de novembro de 1973, disponível: <www.archivoperonista.com>. Acessado em: 27 out. 2021.

Militar, e o seriam novamente caso fosse necessário, mas desde a eleição de Cámpora e o retorno do Justicialismo ao poder haviam deixado a estratégia guerrilheira.

No hay otra respuesta que reconocer que estos burócratas corruptos y sus socios [...] alentados por brujos para "cazar brujas" [grifos do original], están subvirtiendo el orden peronista. Porque los que impiden el desarrollo del proceso de Reconstrucción y Liberación, están con la dependencia, contra el Gobierno Popular y el Gral. Perón. Ya que la sucesión de atentados, secuestros, torturas y asesinatos crean un clima que distorsiona la imagen del Gobierno Popular haciendo recordar las peores épocas de la dictadura [...] Esto prueba que el enemigo imperialista y oligárquico ha decidido luchar desde dentro mismo del Movimiento Peronista, a través de estos burócratas traidores y gorilas que están objetivamente a su servicio. [...] Lo que sí vamos a hacer es defender al Gral. Perón y al Gobierno Popular por todos los medios posibles, porque si combatimos con éxito contra la dictadura militar mucho más combatiremos contra estos dirigentes corruptos y sus bandas de asesinos a sueldo. [...] Para ello convocamos a todas las fuerzas leales del Movimiento Peronista a defender al Gral. Perón y al Gobierno, organizándose contra esta ofensiva de la cúpula sindical, que no es sino la punta de lanza de la agresión imperialista, que ahora trata de socavar las bases del Gobierno Popular para facilitar su posterior quiebra.”¹⁶²

Nos trechos transcritos anteriormente os Montoneros citam claramente os membros de cúpulas sindicais como burocratas traidores, que estariam tentando destruir o Governo Justicialista por dentro, supostamente aliados ao Grande Capital, estrangeiro e nacional, e aos chamados pela organização de gorilas – ou seja os argentinos antiperonistas – em prol do que veem como quebra da administração

¹⁶² Idem.

peronista, chamado pelo grupo de Governo Popular. Os Montoneros vão além e acusam esses supostos traidores novamente de sequestros e além disso de tortura, assassinato e atentados. Tendo essa perspectiva em vista eles convocam o povo peronista a defender de todas maneiras possíveis o Governo Justicialista de Perón. Fazem também menção implícita ao Massacre de Ezeiza, referenciando assassinatos e assassinos de aluguel contratados pelos que chamam de dirigentes corruptos de sindicatos – em referência aos encarregados por membros da velha guarda peronista da segurança do Evento em Ezeiza, os quais acabaram perpetuando o Massacre.

Em ambas as duas últimas transcrições pode-se perceber que os Montoneros sugerem que a velha guarda estaria tentando promover uma purificação, ou caça às bruxas, no Movimento Peronista. Pode-se inferir daí que, ao passo que a Tendência se organizava e tentava hegemonizar o Peronismo à esquerda do espectro político, em prol de construir o que chamavam de libertação nacional argentina e pátria socialista, a velha guarda também se movimentava em prol da possível expulsão do que pensavam ser infiltrados marxistas no Movimento Peronista. Essa ideia é corroborada pela informação que os Montoneros e outros membros da Tendência estariam sendo acusados por alguns setores peronistas de serem traidores representantes do “Marxismo”, que significava basicamente o sistema político do Bloco Socialista, os quais estariam infiltrados no Peronismo – é provável que essas imputações fossem atribuídas majoritariamente por componentes da velha guarda. Segundo a ótica da antiga geração, a Tendência de Esquerda, dentre esta os Montoneros, devia estar desvirtuando o Justicialismo de suas origens – de caráter basicamente distributivo de recursos e nacionalista – e do caminho que deviam pensar correto a ser trilhado pelos peronistas e pelo país por eles governado naquele momento. E tendo em conta aquele contexto histórico, permeado pelo ethos da Guerra Fria, é imaginável que a velha guarda visse a Tendência de Esquerda e seus componentes, em maioria jovens que demonstravam simpatia pelo Socialismo e por aspectos normalmente considerados provenientes de vertentes marxistas – filosofia possivelmente estranha para a maioria da antiga geração, a qual muitos deviam associar à época exclusivamente ao Bloco Socialista liderado pela União Soviética – como possíveis infiltrados no Movimento Peronista, movimento que eles haviam visto iniciar-se e o acompanhavam de perto desde suas origens.

Mais aspectos da perspectiva da velha guarda podem ser vislumbrados através do discurso de Perón por ocasião do dia dos trabalhadores de 1974, dado na Praça de Maio em primeiro do mês que dá nome ao local, no ano citado. Esse acontecimento marca contundentemente a ruptura definitiva entre as duas gerações justicialistas – nele pode-se considerar que o líder máximo do Justicialismo assume publicamente o ponto de vista da velha guarda peronista em sua fala. A condução nacional dos Montoneros, por sua vez, deixa o lugar e por mais que continuassem a reivindicar o Justicialismo como ideologia, autodeclarando-se peronistas, dão forma a um Peronismo próprio, com uma narrativa interpretativa dos fatos específica e passando majoritariamente a desconsiderar as opiniões de Perón e desvinculando-se totalmente dos justicialistas à parte da Tendência de Esquerda – ao passo que, é importante mencionar, uma parcela dos Montoneros permaneceram ao lado do General Perón na Praça de Maio aquele dia, não realizando a ruptura com o líder e com a velha guarda do Peronismo, esse grupo formou a organização denominada Montoneros *lealtad*¹⁶³.

“Compañeros: Hace hoy veinte años que en este mismo balcón y con un día luminoso como el de hoy, hablé por última vez a los trabajadores argentinos. Fue entonces cuando les recomendé que ajustasen sus organizaciones, porque venían días difíciles. No me equivoqué ni en la apreciación de los días que venían ni en la calidad de la organización sindical, que se mantuvo a través de veinte años, pese a estos estúpidos que gritan. [...] Decía que a través de estos veinte años, las organizaciones sindicales se han mantenido inmovibles, y hoy resulta que algunos imberbes pretenden tener más méritos que los que lucharon durante veinte años. [...] Por eso,

¹⁶³ Sobre o grupo Montoneros *lealtad* ver: DUZDEVICH, Aldo et al. Op. Cit. Na obra citada, os autores, dos quais dois são ex-militantes dessa cisão dos Montoneros, apresentam uma interpretação do conflito geracional no interior do Peronismo naquele momento histórico da virada dos anos 1960-1970 oposta à narrativa construída e apresentada pela condução nacional dos Montoneros e seus partidários que romperam com Perón e com a velha guarda justicialista – nessa dissertação pode-se vislumbrar, através de citações, alguns elementos da versão dos fatos apresentada por esses antigos membros do grupo chamado Montoneros *Lealtad*.

compañeros, quiero que esta primera reunión del Día del Trabajador sea para rendir homenaje a esas organizaciones y a esos dirigentes sabios y prudentes que han mantenido su fuerza orgánica, y han visto caer a sus dirigentes asesinados, sin que todavía haya tronado el escarmiento.”¹⁶⁴

Como pode-se notar através da transcrição anterior, o General passa o discurso exaltando o papel desempenhado pelas organizações de trabalhadores e suas atividades organizativas ao longo dos anos de seu exílio e proscrição do Peronismo. Fazendo referência à última vez que havia falado aos trabalhadores argentinos na bancada da Casa Rosada, antes do Golpe perpetrado pelas Forças Armadas na chamada Revolução Libertadora de 1955, ele sinaliza que está direcionando sua fala elogiosa aos peronistas que acompanharam seu primeiro governo e posteriormente efetuaram a Resistência Peronista durante os anos que seguiram diretamente sua deposição. Portanto Perón está exaltando claramente a velha guarda justicialista, pois a Tendência de Esquerda do Peronismo, composta pelos Montoneros e pela maioria dos jovens, se formou em outro contexto histórico-social – não tendo participado da Resistência Peronista, diretamente após o golpe de 1955, e sendo composta majoritariamente por pessoas com origem nas classes média e abastada, e não por indivíduos provenientes das classes populares. Em seguida o General refere-se aos jovens da Tendência, inclusive os Montoneros dentre eles, como os estúpidos que gritam, em referência aos gritos de ordem proferidos pela Tendência na ocasião, que questionavam Perón pelo motivo do Governo Justicialista estar composto por diversas figuras da velha guarda e/ou peronistas mais à direita do espectro político, os quais eles chamavam de gorilas. O General prossegue exaltando a velha guarda peronista, chegando a dedicar a ocasião festiva e triunfante que viviam naquele momento às organizações trabalhistas e seus dirigentes, os quais ele reivindica que haviam sido sinônimos de resistência e resiliência durante seus quase vinte anos de exílio e proscrição do Peronismo - mais uma vez lançando insulto aos jovens da Tendência, imberbes que estariam querendo

¹⁶⁴ PERÓN, J. D. **Discurso en Plaza de Mayo**, 1 de maio de 1974, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 28 out. 2021.

ter mais méritos que a antiga geração que havia passado por tanta dificuldade, segundo Perón.

No trecho transcrito posteriormente é possível perceber o General associando a Tendência a elementos externos que não estariam de acordo com o Justicialismo. Ele segue dando o tom que os membros da Tendência seriam traidores infiltrados no Movimento Peronista, os quais estariam trabalhando contra o Justicialismo internamente, e seriam até mesmo mercenários a serviço do dinheiro estrangeiro – o que pode indicar que corria a ideia entre a velha guarda que os jovens componentes da Tendência de Esquerda, dentre estes os Montoneros, estariam sob influência e talvez até controle direto de países do Bloco Socialista, que buscariam instaurar um certo colonialismo na Argentina¹⁶⁵. Pode-se presumir que a estranheza causada pela Tendência entre a velha guarda dava-se devido aos ideais, valores e proveniências diversas das duas gerações – sendo a nova geração em grande parte proveniente dos meios estudantis de origem nas classes média e abastada em maioria, ao passo que o Peronismo havia se construído majoritariamente antes dos longos anos 1960 entre as classes populares e movimentos trabalhistas-sindicais, a antiga geração normalmente compondo esse último perfil. Faz-se perceptível que as duas gerações justicialistas tinham formações e realidades bem distintas, típicas do contexto e dos processos político-formativos de cada uma. Com isso, Perón lança mão do argumento que os jovens componentes da Tendência seriam alienígenas ao Movimento Peronista. Pode-se inferir através da visão do líder máximo expressa naquele momento, na qual ele assume a perspectiva da velha guarda peronista, que a nova geração representada pela Tendência seria incompatível com os elementos trabalhista, nacionalista e popular do caráter político-social tido pelos mais velhos como próprio do Justicialismo, podendo a nova geração de esquerda do Peronismo representar até mesmo periculosidade ao que os antigos consideravam ser os valores e ideais essenciais do Movimento, provenientes de sua origem.

¹⁶⁵ Essa suposta percepção por parte da antiga geração peronista seria condizente com o nacionalismo e a aversão à ingerência externa sobre questões argentinas típicas do Justicialismo desde sua origem.

“Compañeros: Nos hemos reunido durante nueve años en esta misma plaza, y en esta misma plaza hemos estado todos de acuerdo en la lucha que hemos realizado por las reivindicaciones del pueblo argentino. Ahora resulta que, después de veinte años, hay algunos que todavía no están conformes de todo lo que hemos hecho. [...] Tras ese agradecimiento y esa gratitud puedo asegurarles que los días venideros serán para la reconstrucción nacional y la liberación de la nación y del pueblo argentino. [...] Serán también para la liberación, no solamente del colonialismo que viene azotando a la República a través de tantos años, sino también de estos infiltrados que trabajan adentro, y que traidoramente son más peligrosos que los que trabajan desde afuera, sin contar que la mayoría de ellos son mercenarios al servicio del dinero extranjero.”¹⁶⁶

Os Montoneros apresentam suas impressões desse evento no relatório da Conferência do grupo, realizada pouco mais de dez dias depois do discurso de Perón por ocasião do Dia do Trabalhador. Nesse documento eles estabelecem sua perspectiva sobre os rumos tomados pelo Governo Peronista, argumentando abertamente que consideram que o General, ancorado na velha guarda – os quais eles continuam chamando de burocratas sindicais e gorilas –, estava trilhando um caminho que pensavam ser incorreto para a Argentina e para o Movimento Peronista. Eles seguem se intitulando parte do povo e ao mesmo tempo os verdadeiros representantes dos interesses populares, e contestam a ideia que a organização, como a Tendência em geral, era composta unicamente por jovens de classe média – segundo os Montoneros eles eram compostos por peronistas de todas as idades e seriam os verdadeiros justicialistas. A organização deixa evidente que se sentiu desrespeitada e chega a exigir pedidos de desculpas da parte do líder máximo peronista. O grupo argumenta que as práticas que estavam sendo adotadas pelo Peronismo levariam à desmobilização do povo e à perda de simpatia popular pelo Justicialismo, e reafirmam posições próprias contrárias às ideias manifestadas por Perón e tidas como oficiais pelo Movimento Peronista majoritariamente. A

¹⁶⁶ PERÓN, J. D. **Discurso en Plaza de Mayo**, 1 de maio de 1974. Op. Cit.

organização também critica duramente a suposta perseguição violenta que estariam sofrendo por parte da velha guarda, e mencionam negativamente por nome López Rega¹⁶⁷ – personagem que ganhava cada vez mais importância entre os peronistas naquela época, devido à sua proximidade com Perón e com sua Vice-Presidente, Maria Estela, popularmente conhecida como Isabel, mulher que se tornaria a última esposa do General e Presidente da Argentina por ocasião do falecimento de seu marido enquanto ocupava a Presidência, em meados de 1974.

Ao criticar abertamente Perón e os rumos dados por este ao Governo Peronista, criticando os caminhos trilhados então pelo Movimento Justicialista e considerando-o equivocado, e estabelecendo propostas políticas e certas interpretações contextuais próprias, distintas das estabelecidas pelo General e seguidas pelo resto do Justicialismo, os Montoneros rompem praticamente com o Peronismo representado pelas figuras de Perón e da velha guarda, apesar de continuarem a se denominar peronistas. Essa ruptura foi simbolizada pela saída da condução nacional do grupo e seus partidários da Praça de Maio durante o discurso do General no primeiro de maio de 1974. A organização passa, principalmente de então, a partir do princípio que Perón estava cercado por indivíduos da velha guarda e do Peronismo mais à direita, e que possibilidades de mudança nessa realidade não pareciam surgir. Meses depois o grupo passaria, de maneira oficial, a realizar suas atividades na clandestinidade e, a posteriori, quase a totalidade dos membros da organização seriam mortos ou fugiriam para o exílio como resultado principalmente da instauração da Última Ditadura Militar na Argentina¹⁶⁸ – o que teve lugar em março de 1976, tendo o Regime Ditatorial perdurado até 1983.

¹⁶⁷ MONTONEROS. **Conferencia de Montoneros**, 15 de maio de 1974, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 28 out. 2021.

¹⁶⁸ Referida pelas Forças Armadas que aplicaram o Golpe de Estado em 1976 como Processo de Reorganização Nacional, a Última Ditadura Militar Argentina utilizou em peso o método de Terrorismo de Estado, deixando milhares de mortos e desaparecidos naquele país – razão pelo qual também é ocasionalmente referida como Guerra Suja. Ver: GRIGERA, Juan. ZORZOLI, Luciana. (org.) **The Argentinian Dictatorship and its Legacy, Suíça**: Palgrave Macmillan, 2020; BRENNAN, James P. **Argentina's Missing Bones: Revisiting the History of the Dirty War**, Oakland: University of California Press, 2018.

3.6 Questão geracional no conflito e ruptura entre o Peronismo “original”¹⁶⁹ e os Montoneros¹⁷⁰

A partir da análise das fontes é perceptível a presença de uma consciência geracional entre a antiga geração peronista. Isso fica explícito quando Perón, incorporando a perspectiva da velha guarda, faz referência aos jovens da Tendência, entre outras características, como imberbes – alusão à ausência de pelos faciais entre os indivíduos os quais pretendia-se ofender, o que conota a ideia de pouca idade entre a Tendência, no contexto que a expressão foi pronunciada. Além de ter usado também a expressão “*tronar el escarmiento*” para referir-se ao que a velha guarda poderia ter feito com os jovens da Tendência, e talvez até mesmo devesse-lo, segundo o General – termo que pode ser traduzido livremente como dar uma lição, expressão que pode remeter a pais adultos corrigindo filhos indisciplinados, mais uma vez aparecendo uma referência a um aspecto de diferença geracional entre as duas vertentes justicialistas em oposição no momento do discurso. Os Montoneros, por sua vez, negam qualquer aspecto de exclusividade geracional entre eles e entre a Tendência em geral, como é demonstrado pela transcrição posterior, como se negam também a tratar da questão de geração como procedente e/ou relevante para a explicação dos conflitos entre vertentes ocorridos no seio do Movimento Peronista durante os longos anos 1960.

“[...] se ha querido decir que nuestras columnas eran solo de jóvenes y que luego se enfrentaron con las de los trabajadores. Es

¹⁶⁹ Expressão escolhida para referir-se ao pensamento justicialista associado normalmente à origem do Movimento Peronista, ao primeiro Governo de Perón e, conseqüentemente, à velha guarda peronista – o qual foi assumido publicamente por Perón no discurso do evento por ocasião do dia dos trabalhadores de 1974 – que pretendia ser a verdadeira ideologia peronista devido a ser aquela associada às origens do Movimento.

¹⁷⁰ Faz-se importante enfatizar que os Montoneros tratados nessa parte do trabalho consistem na condução nacional da organização e seus partidários, os quais romperam com Perón e com a velha guarda peronista em maio de 1974, não se tratando da cisão do grupo denominada Montoneros *Lealtad*.

falso [...] También es falso que solo fuéramos jóvenes porque nuestras organizaciones las integramos hombres y mujeres del pueblo de todas las edades y porque en nuestras columnas se encuadraban trabajadores de todas las edades.”¹⁷¹

Mesmo negando qualquer identidade geracional, os Montoneros fazem menção implícita à presença da questão de geração nos conflitos que tiveram com a velha guarda, deixando exposto que a antiga geração buscou apresentá-los como jovens em oposição aos trabalhadores – deixando implícita também a ideia de uma oposição de classe entre trabalhadores peronistas e os jovens de classe média componentes da Tendência. Dessa representação pode-se perceber que a antiga geração se identificava comumente como trabalhadores não-jovens em oposição aos que enxergavam como jovens de classe média não-trabalhadores, simbolizados pela Tendência. Os Montoneros argumentam que essa ideia teria sido construída pela velha guarda, a qual chama novamente de burocratas, no intuito de desmerecê-los. Porém, como se sabe, mesmo que a Tendência e seus grupos componentes não fossem exclusivamente compostos por indivíduos de faixa etária mais jovem e de classe média, esses representavam muitos de seus membros, fundadores e lideranças, o que se pode inferir, entre outras coisas, pelo fato de vários membros dessa vertente serem apenas estudantes durante os longos anos 1960. Além disso, por mais que a velha guarda tivesse a intenção de desmerecer a Tendência, isso não significa que a percepção destes indivíduos sobre a oposição entre trabalhadores e jovens, relatada pelos próprios Montoneros, fosse uma invenção que tinha como único objetivo cumprir um determinado fim – e mesmo que o fosse, essa suposta mentira seria construída assentada na impressão que esta teria algum êxito de desmerecer a Tendência, e se tinha-se a ideia que esta teria eco é porque nela estava embutida alguma verdade, pois se não fizesse nenhum sentido não teria chance de ser bem sucedida. E pouco provavelmente Perón daria voz à uma percepção que não fizesse algum sentido, por mais que ele pudesse querer exaltar publicamente os líderes sindicais que participaram da Resistência Peronista, ainda mais considerando-se que o General percebia a inegável importância política dos jovens

¹⁷¹ MONTONEROS. *Conferencia de Montoneros*. 15 de maio de 1974 Op. Cit.

dentro do Justicialismo, principalmente naquele momento histórico. Para a Tendência, os Montoneros dentre estes, por sua vez, devia ser difícil admitir que os trabalhadores peronistas, dos quais se sentiam representantes, na verdade os viam com estranheza e até hostilidade. Portanto, pode-se considerar que, por mais que haja a negação expressa de uma consciência geracional por um dos grupos protagonistas do conflito, no caso os Montoneros, a questão de geração estava presente nos embates e posterior ruptura entre as vertentes peronistas ocorridas durante os longos anos 1960.

Tendo-se em conta o conceito de geração como desenvolvido por Karl Mannheim¹⁷², pode-se enxergar a velha guarda peronista como membros de uma mesma geração, pois possuíam uma faixa etária relativamente similar ou próxima e, em consequência disso, haviam se formado politicamente enquanto geração inseridos na mesma realidade concreta, no caso o Primeiro Governo de Perón e posteriormente a Resistência Peronista – ocorrida nos anos que prosseguiram de imediato à derrocada do General, período que consistiu na época que vai da administração da Junta Militar promotora da Revolução Libertadora ao início do Governo Frondizi. E considerando-se o conceito de consciência geracional desenvolvido por A. Sedas Nunes¹⁷³, este consistindo na auto percepção de um grupo como portadores de características próprias em detrimento de indivíduos de outra faixa etária, ao perceber-se como trabalhadores em oposição aos que viam como jovens da Tendência, a velha guarda demonstra que nutria certa consciência geracional.

Os Montoneros, por sua vez, não demonstram nenhuma consciência geracional. Porém, partindo-se da apropriação do conceito de geração como desenvolvido por Karl Mannheim¹⁷⁴, segundo o qual não seria necessária a demonstração de consciência geracional para que um grupo se constitua como componente de uma mesma geração, os Montoneros podem ser considerados

¹⁷² MANNHEIM, Karl. The problem of generations, in: KECSKEMETI, Paul. (org.) **Karl Mannheim**: Essays, Londres: Routledge, 1972.

¹⁷³ SEDAS NUNES, A. Apud: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, 2. ed., Lisboa: INCM, 2003.

¹⁷⁴ MANNHEIM, Karl. Op. Cit.

representantes de uma mesma geração entre si, pois apresentavam, à época analisada nesse trabalho, uma faixa etária normalmente semelhante ou próxima entre eles, e se formaram individual e politicamente como grupo inseridos, em ampla maioria, numa mesma realidade concreta, no caso o contexto de surgimento da Tendência de Esquerda durante os longos anos 1960. Seguindo-se a lógica construída por Mannheim, enquanto os Montoneros podem ser considerados majoritariamente pertencentes a uma mesma geração, o setor destes que rompeu com Perón e com o Peronismo da velha guarda, representado pela condução nacional da organização, seria representante de uma mesma unidade geracional, enquanto a parcela do grupo que não realizou essa ruptura, e viria a formar a organização denominada Montoneros *lealtad*, seria representante de outra unidade de geração. É importante mencionar também o fato que, assim como entre a nova geração justicialista, entre a antiga geração peronista, composta pela velha guarda, havia divergências – como pode ser vislumbrado pela, já citada anteriormente nesse capítulo, discórdia entre dois membros de liderança entre a velha geração, ambos operários e componentes de sindicatos, José Alonso e Augusto Vandor, transparente pelo fato de Alonso ter fundado a intersindical 62 *organizaciones de pie junto a Perón* na década de 1960 no intuito de disputar poder no Movimento Peronista e rivalizar com a central intersindical 62 *organizaciones* liderada por Vandor, quem o primeiro achava que estava retendo muito poder e se afastando de reivindicações as quais considerava importantes. Nesse caso pode-se imaginar, tendo em mente os conceitos desenvolvidos por Mannheim, que os grupos representados por Vandor e Alonso, apesar de serem componentes da mesma geração, compunham duas unidades geracionais distintas.

4. Conclusão: uma comparação entre os conflitos e rupturas entre a velha guarda peronista e os Montoneros, e entre a LID e o SDS

Nesse capítulo discorrer-se-á sobre as semelhanças e diferenças nos conflitos e rupturas entre as gerações de esquerda nos respectivos grupos analisados nesse trabalho; a velha guarda peronista e os Montoneros na Argentina e; a *League for Industrial Democracy* (LID) e o *Students for a Democratic Society* (SDS) nos Estados Unidos.

4.1 O Catolicismo progressista conciliar, o SDS e os Montoneros

Como trabalhado nos capítulos anteriores, o Catolicismo nos longos anos 1960 estava impregnado de discussões e valores mais progressistas devido ao contexto teológico-ecclesial que se vivia no interior da Igreja Católica por ocasião do Concílio Vaticano II. No âmbito do SDS, isso é representado principalmente pela presença de Maria Varela.¹⁷⁵ Ela, uma jovem proveniente de uma família de ascendência mexicana e irlandesa do sul de Chicago, travou contato com o grupo de jovens estudantes católicos *Youth Catholic Students* (YCS) durante o ensino médio, posteriormente ela continua a participar da organização durante seu período universitário, chegando a ser organizadora nacional do YCS – cargo de importância e liderança no grupo. Maria atribui à participação no YCS seu contato crítico inicial com problemas sociais, citando a importância que teve para sua formação o método

¹⁷⁵ Sobre o clima vivido na Igreja Católica Estadunidense à época do Concílio Vaticano II, ver: MASSA, Mark S. **The American Catholic Revolution: How the Sixties Changed the Church Forever**, Oxford: Oxford University Press, 2010.

denominado “ver, julgar e agir” – metodologia normalmente associada, sobretudo na América Latina, às meditações conduzidas por adeptos da Teologia da Libertação¹⁷⁶ –, empregado nas reflexões do grupo. “During this formative time in my life, by learning the social inquiry method, I became grounded in the fundamentals of community-organizing and community-based research.”¹⁷⁷ A jovem participante do Encontro de Port Huron, apesar de ser proveniente de um lar basicamente tradicional que de certa maneira pendia mais para o conservadorismo, participava do YCS, onde foi introduzida às ideias progressistas que permeavam o Catolicismo naquele momento histórico, como relata.

“By the 1960s YCS was a worldwide student movement. Originating in Europe, by midcentury it had grown in strength and influence in the United States, Africa, and Latin America. While on national staff [do YCS], I developed friendships with students involved in *Juventud Estudiantil Cristiana* [JEC] [grifos do original]: the YCS of Latin America. Many YCS leaders were involved in resistance and independence movements in the Americas. [...] several were disappeared and/or killed. I believe that the praxis of this movement in Latin America resulted in the

¹⁷⁶ Corrente teológica surgida na América Latina dos longos anos 1960 que propõe uma religiosidade baseada no protagonismo e experiência das classes pobres e outros indivíduos subalternizados, tendo normalmente proximidade com ideias, movimentos e grupos à esquerda do espectro político. O termo Teologia da Libertação viria a ser cunhado em 1966 pelo frade dominicano peruano Gustavo Gutiérrez, momento a partir do qual passou a ser amplamente empregado. Sobre a Teologia da Libertação ver: VILELA, Daniel M. **Utopias Esquecidas**: Origens da Teologia da Libertação, São Paulo: Fonte Editorial, 2013; BARGER, Lilian B. **The world come of age**: an intellectual history of liberation theology, Nova York: Oxford University Press, 2018; SILVA, Sandro Ramon F. **Teologia da Libertação**: Revolução e reação interiorizadas na Igreja, Niterói: UFF, 2006.

¹⁷⁷ VARELA, Maria. A Young Christian Student at Port Huron, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, p. 78.

formulation of *Teología de la Liberación* [grifos do original], or Liberation Theology.”¹⁷⁸

Pode-se notar pela transcrição anterior do relato de Maria que o YCS, grupo católico do qual ela fazia parte, estava inserido numa esfera católica mundial na qual se discutia naquele momento questões e problemas sociais com um enfoque baseado majoritariamente em ideias e valores progressistas – essa esfera estando inclusive englobando os movimentos católicos latino-americanos onde a Teologia da Libertação estava sendo gestada naquele período do começo dos longos anos 1960. Ela associa esse ethos católico progressista da época do Concílio Vaticano II e do Pontificado de João XXIII diretamente à resistência às ditaduras militares na América Latina – como expressado na transcrição anterior –, ao movimento pelos direitos da população negra nos EUA, principalmente pelos direitos civis nos Estados sulistas, e à crítica à estrutura social feita pelo SDS e o apelo do último pela Democracia Participativa. Pode-se afirmar que Maria define o ethos dos longos anos 1960¹⁷⁹ e associa suas diversas manifestações, o que pode ser vislumbrado pelas transcrições textuais diretamente anterior e posterior – a percepção elaborada da antiga *SDSer* é facilitada pelo fato dela estar relatando os acontecimentos, analisando-os, a partir de uma perspectiva da posteridade, já que seu relato é datado da década de 2010.

“The discussions about participatory democracy resonated with my YCS experience. Our work reflected the Port Huron Statement’s call to “establish a participatory democracy, [where] [grifos do original] the individual shares in those social decisions determining the quality and direction of his life.” [grifos do original] These same sentiments were reflected in the teachings of Pope John

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ BRADBURY, Malcolm et al. “Os anos 1960 e 1970”, in: BRADBURY, Malcolm et al. (org.) **Introdução aos Estudos Americanos**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981; MARWICK, Arthur. **The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy and the United States**, c. 1958-c.1974, Londres: Bloomsbury, 1998.

XXIII (1958–1963). We in YCS were critical Catholics, outliers to the mainstream church. John, however, gathered up the sentiments of the times and reflected back to the official church many of those principles that we and other outliers valued, trained, and worked for: democratic participation, resistance to inequity and oppression, and building communities of love. The Port Huron statement and John’s encyclical *Mater et Magistra* (May 1961) could, for the most part, stand side by side in calling for the just reconstruction of society.”¹⁸⁰

Assim como Maria Varela estava envolvida no clima progressista de um nicho jovial e de certa maneira aberto da Igreja Católica Estadunidense dos longos anos 1960, na Argentina esse ethos também alcançava setores eclesiais da época, principalmente os associados à juventude – nele estavam inseridos a unanimidade dos membros do Comando Camilo Torres e muitos dos Montoneros. Como já dissertado nesse trabalho, o Comando Camilo Torres – nome de um padre católico ao qual o grupo decidiu homenagear – surgiu no entorno da revista de denominação católica *Cristianismo y Revolución*, tendo a última sido fundada e liderada pelo ex-seminarista da Igreja Católica Juan Garcia Elorrio. Faz-se interessante notar que Varela fez parte do YCS nos longos anos 1960, grupo que ela própria considera a versão norte-americana da *Juventud Estudiantil Católica* [JEC] na América Latina. Ela inclusive cita que, quando compôs a equipe nacional do grupo, travou contato com latino-americanos componentes da JEC – é importante citar que vários membros do Comando Camilo Torres, e posteriormente dos Montoneros, sobretudo os provenientes da Região Metropolitana de Buenos Aires, como Carlos Ramus e Mario Firmenich, fizeram parte da JEC na Argentina dos longos anos 1960, tendo sido bastante influenciados pelo padre que era orientador espiritual do último grupo mencionado, Carlos Mugica.

“[...] Fernando Abal Medina y Carlos Gustavo Ramus, así como [...] Mario Eduardo Firmenich. Por entonces, estos tres

¹⁸⁰ VARELA, Maria. Op. Cit, p. 79.

fundadores de los Montoneros eran alumnos del Colegio Nacional de Buenos Aires, y todos ellos se mostraban muy activos en la Juventud Estudiantil Católica (JEC), [...] Mugica se convirtió en el consejero espiritual de la rama escolar [da JEC] [...]”¹⁸¹

Ao longo da presente pesquisa não foram encontradas evidências que comprovem que Maria Varela tenha se encontrado pessoalmente em algum momento dos longos anos 1960 com qualquer um dos argentinos que fizeram parte dos Montoneros e que integraram a JEC no país latino-americano, ou com seu orientador espiritual Carlos Mugica, apesar desta ser uma possibilidade plausível, já que ela teve um cargo de liderança no YCS – grupo que a própria ex-*SDSer* argumenta ser a equivalente norte-americana da JEC – e participou de eventos que congregaram indivíduos, principalmente jovens, integrantes de grupos católicos sobretudo progressistas, provenientes de países da América Latina. Independentemente de ter havido um encontro pessoal entre algum membro dos Montoneros e algum *SDSer*, pode-se considerar que ambos os grupos estavam vinculados ao contexto católico progressista conciliar dos longos anos 1960 através de seus integrantes, como as experiências de Maria Varela e de vários integrantes dos Montoneros sugerem. Portanto, pode-se afirmar que tanto a nova esquerda norte-americana representada pelo SDS, quanto a Tendência de Esquerda Peronista representada pelos Montoneros estavam, de certa forma, relacionados ao contexto de circulação transnacional de ideias e valores progressistas católicos do período do Concílio Vaticano II e logo posterior àquele evento. Apesar do vínculo entre os Montoneros e o Catolicismo ser maior – já que o próprio grupo nasceu associado à Igreja Católica e essa denominação cristã ser extremamente presente na Argentina da época –, o SDS nos Estados Unidos, principalmente por meio de Maria Varela, também estava na esfera transnacional de influência e circulação comum de ideias entre organizações recém fundadas de jovens de esquerda dos longos anos 1960 e pensamentos e agrupações católicas progressistas, tão em voga naquele período do Concílio Vaticano II.

¹⁸¹ GILLESPIE, Richard. **Soldados de Perón**: Historia crítica sobre los Montoneros, Buenos Aires: Sudamericana, Edição do Kindle, 2012.

4.2 Os Montoneros, o SDS, o Socialismo Cubano e o terceiro-mundismo

Como já foi dissertado em capítulo anterior desse trabalho, pessoas que fizeram parte dos Montoneros tinham forte proximidade com elementos, principalmente de cunho marxista, associados à Revolução Cubana. É importante ressaltar que alguns membros do Comando participaram da Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS)¹⁸² em Havana no ano 1967, e depois alguns retornaram à Ilha para receber treinamento militar de guerrilha. Como resultado dessa proximidade, os Montoneros viriam a manifestar bastante influência da experiência socialista cubana.

Os *SDSers* também nutriam certa simpatia e mesmo solidariedade pela experiência socialista da Ilha Caribenha, o que pode ser percebido pelo próprio Manifesto de Port Huron, como já argumentado nesse trabalho. Thomas Hayden admite, citando nominalmente um dos líderes da Revolução Cubana, que “Many, including myself, were inspired by the romantic guerrilla adventures of Che Guevara in Latin America.”¹⁸³ Thomas atribui essa simpatia à experiência do Socialismo Cubano à influência entre a nova esquerda do sociólogo norte-americano Charles Wright Mills, defensor da Revolução Cubana nos Estados Unidos, sobre o qual Hayden escreveu seu trabalho de conclusão de curso universitário.

¹⁸² Organização que reunia grupos de esquerda, provenientes de diversos países, simpatizantes e apoiadores da Revolução Cubana. A Conferência da organização, que teve lugar em Havana em 1967, tinha como intuito ser um evento demonstrativo de solidariedade internacional com o Regime Socialista Cubano. Sobre a OLAS e sua Conferência em 1967 ver: GONZÁLEZ, Patricia Calvo. La Organización Latinoamericana de Solidaridad a través del Boletín de Información de su comité organizador (1966-1967), **Revista de Historia Social y las Mentalidades**, n. 1, v. 22, Santiago: Universidad de Santiago de Chile, 2018.

¹⁸³ HAYDEN, Tom. **Reunion**: a memoir, Nova York: Random House, 1988, p. 201.

No livro *Listen, yankee!: why Cuba matters*¹⁸⁴, Thomas relata a experiência que teve em sua primeira viagem à Havana, capital de Cuba. Ele relata que esta aconteceu por ocasião da Conferência da OLAS, mas aponta que a incursão teria acontecido em janeiro de 1968. Considerando que a Conferência aconteceu em 1967, e não em 1968, pode-se inferir que o antigo *SDSer*, ao escrever a partir da posteridade, recordando acontecimentos já há décadas de distância temporal do momento de elaboração do relato, tenha confundido a data da viagem e da Conferência ocorrida no país latino-americano – assim, considerar-se-á que a viagem ocorreu realmente por ocasião do Evento em Havana no ano de 1967.

Hayden revela que quase não assistiu a Conferência em si, pois ia constantemente ao Hotel onde se hospedou conferir se havia chegado algum sinal para ele e outros componentes da nova esquerda estadunidense que o acompanhavam – entre estes o também *SDSer* componente do núcleo geracional de Thomas, Rennie Davis – comparecerem a um encontro com o então governante do país, Fidel Castro. Ele recorda que no encontro o líder cubano falou longamente, e entre os temas discutidos estariam a possível libertação do jornalista francês Régis Debray, preso na Bolívia por acompanhar Che Guevara no País Andino, os Híppies, os levantes da população negra norte-americana – tendo Fidel supostamente citado nominalmente o militante negro Stokely Carmichael –, a militância contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos e a possibilidade da realização de expedições de cidadãos estadunidenses, principalmente jovens nova-esquerdistas, à Ilha – excursões que o SDS poria em prática chamando-as de *Brigadas Venceremos*, utilizando um termo em Língua Castelhana, expressão que fica igual em Língua Portuguesa. É possível que as lembranças de Thomas tenham falhado e ele talvez tenha recordado distorcidamente falas e temas discutidos, ou não, porém a viagem e o encontro com o Líder Cubano provavelmente aconteceram, pois quando o fundador do SDS publicou o relato sobre a viagem e a reunião, nenhum dos supostos companheiros de viagem dele se pronunciou negando os acontecimentos que teriam sucedido.

¹⁸⁴ HAYDEN, Thomas. *Listen, yankee!: Why Cuba matters*, Nova York: Seven Stories Press, 2015.

Tendo essas informações em mente é possível supor que tanto futuros membros dos Montoneros quanto *SDSers* estiveram presente na Conferência da OLAS que teve lugar em Havana, capital de Cuba, em 1967. Sabe-se que o evento, além de ter levado pessoas à esquerda do espectro político de diversos países à Ilha Caribenha – levando-as a ter um vislumbre da realidade do Sistema Socialista vigente naquela nação – foi um acontecimento que tinha como propósito promover a causa anti-imperialista e dos povos do chamado terceiro-mundo. Como procura-se demonstrar em capítulos anteriores desse trabalho a Tendência de Esquerda Peronista, corrente política da qual os Montoneros faziam parte, nutria um forte sentimento de pertencimento ao terceiro-mundo, como argentinos e latino-americanos, e os componentes do SDS apresentavam, desde a fundação do grupo, um sentimento de solidariedade e simpatia pela causa dos povos terceiro-mundistas. Considerando que o terceiro mundismo é a ideia que os países pobres e seus povos possuem interesses comuns, principalmente de caráter anti-imperialista, e a solidariedade e simpatia pela causa dessa parcela do planeta¹⁸⁵, pode-se pensar que tanto os Montoneros quanto o SDS apresentavam características associadas a elementos da lógica terceiro-mundista – no caso os Montoneros como membros do dito terceiro-mundo, e os *SDSers* como simpatizantes e apoiadores da causa do último. Apesar de não haver nenhum indício que os então membros do Comando Camilo Torres e futuros Montoneros tenham tido qualquer tipo de contato direto com os *SDSers* em Havana por ocasião da Conferência da OLAS, o fato de jovens componentes de ambos os grupos estarem presente num evento ocorrido e promovido por um país que se consolidou como um símbolo de Socialismo, Marxismo e anti-imperialismo terceiro-mundista já pode indicar por si só elementos típicos do ethos dos longos anos 1960 e que os dois grupos estudados estavam inseridos no mesmo âmbito transnacional desse ethos temporal.

Levando os fatos citados anteriormente em conta, pode-se afirmar que tanto os Montoneros quanto o SDS demonstravam uma relação de simpatia, solidariedade

¹⁸⁵ ALBUQUERQUE, Germán. Tercermundismo en el Cono Sur de América Latina: ideología y sensibilidad. Argentina, Brasil, Chile, y Uruguay, 1956-1990, **Revista Tempo e Argumento**, n. 13, v. 6, Florianópolis, 2014; DUARTE, Lucas. Expresiones del internacionalismo tercermundista en el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur, **Esboços**, n. 48, v. 28, Florianópolis, 2021.

e/ou até mesmo proximidade com a experiência Socialista Cubana – tendo membros de ambos grupos participado da Conferência da OLAS ocorrida em Havana no ano de 1967. Apesar de parecer que essa simpatia era maior – chegando a ser talvez uma proximidade íntima – entre os Montoneros, os quais alguns membros chegaram a receber treinamento guerrilheiro na Ilha Caribenha de Cuba.

4.3 Sindicatos, sindicalistas, o SDS e os Montoneros

O atrito entre a nova esquerda do SDS e a velha geração da LID se deu em grande parte em torno da discordância com relação aos movimentos sindicais e de trabalhadores, já que os *SDSers* criticaram certos aspectos dos sindicatos norte-americanos da época – o que não foi bem recebido pelos mais velhos, os quais alguns eram sindicalistas e em geral pensavam que os trabalhadores formais, sobretudo fabris, organizados, deviam ser os principais protagonistas de qualquer transformação social emancipadora. Como já trabalhado em outro capítulo dessa dissertação, pelo Manifesto de Port Huron é possível ter um vislumbre da crítica feita pela nova geração aos sindicatos e, conseqüentemente, também a seus líderes. À medida que exaltam o potencial de luta e reivindicação de direitos das organizações de trabalhadores, a nova esquerda do SDS faz uma crítica clara aos sindicatos estadunidenses da época – o que é considerado tanto por antigos *SDSers* quanto por membros da LID um dos principais motivos de discórdia entre as duas gerações de esquerda nos longos anos 1960.

Entre as duas gerações do Peronismo argentino o conflito também se deu em grande parte devido à questão dos sindicatos e seus líderes. “El Secretario General de la C.G.T. José Rucci, quien puso sus matones al servicio de la masacre de Ezeiza, y pretendió movilizar a los trabajadores contra el gobierno popular [...]”¹⁸⁶ No trecho transcrito anteriormente os Montoneros criticam duramente o peronista da velha guarda e Secretário Geral da central intersindical *Confederación*

¹⁸⁶ FAR. MONTONEROS. **PERÓN ENFRENTA A LA CONSPIRACIÓN** [grifos do original], disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 11 nov. 2021.

General del Trabajo (CGT)¹⁸⁷, José Ignacio Rucci, acusando-o de ter responsabilidade no Massacre de Ezeiza e de agir contra os interesses dos trabalhadores e do Peronismo. Para os Montoneros, os indivíduos que eles chamavam de burocratas sindicais eram inimigos que trabalhavam contra o Movimento Peronista e contra o que pensavam ser os verdadeiros interesses dos trabalhadores, os quais seriam representados verdadeiramente por eles, organização da jovem guarda, que seriam os verdadeiros peronistas representantes do povo argentino. Da mesma forma pode-se presumir pelo discurso de Perón que a velha guarda considerava a Tendência, entre ela os Montoneros, como possíveis mercenários infiltrados no Movimento Peronista em prol de destruí-lo a mando de uma potência estrangeira.

Pode-se afirmar que, de certa forma, tanto os Montoneros quanto o SDS pensavam que os sindicatos, principalmente devido a suas lideranças, haviam se distanciado dos trabalhadores e do que pensavam ser o real interesse dos últimos, e faziam críticas a isso – o que contribuiu para que fossem malvistas pela antiga geração dos seus respectivos movimentos e contextos ideológico-nacionais, já que também muitos entre os antigos eram sindicalistas ou próximos a estes. Mas, ao passo que a nova esquerda estadunidense do SDS tenta realizar as críticas aos movimentos sindicais de maneira respeitosa, não considerando os líderes trabalhistas da antiga geração como inimigos, os Montoneros criticam afrontosamente os líderes sindicais da velha guarda justicialista, considerando-os adversários políticos e talvez até mesmo inimigos.

4.4 A antiga geração dos respectivos movimentos, o SDS e os Montoneros

Nos Estados Unidos a velha esquerda representada pela LID e seus associados percebiam a crítica feita pelos jovens do SDS como uma atitude perigosa. A crítica aos sindicatos e suas lideranças eram tidas pelos antigos como

¹⁸⁷ Maior Central Intersindical Argentina de então.

um tanto indevidas e baseadas numa suposta inconsequência e mesmo ingenuidade da parte dos jovens – e também por isso contendo um certo elemento de periculosidade no concernente à uma possível proximidade dos *SDSers* com a URSS e, conseqüentemente, com o que os mais velhos viam como totalitarismo-autoritário inerente à última, e a suposta ameaça para a democracia estadunidense que essa relação de proximidade e/ou simpatia representaria.

A ideia de periculosidade, nutrida pela velha esquerda, devido à suposta ingenuidade e inconsequência dos jovens, também se dava por causa das críticas feitas pelos *SDSers* ao Estado Estadunidense e seu sistema político-econômico – o que para os antigos podia representar desprezo pela democracia liberal-representativa norte-americana e mais um possível perigoso sinal de simpatia a ideias totalitário-autoritárias vinculadas ao Bloco Socialista.

Da mesma forma, pode-se perceber características semelhantes no que a velha guarda peronista pensava da Tendência de Esquerda da qual os Montoneros faziam parte. Como pode-se presumir através dos próprios documentos dos Montoneros, a antiga geração considerava a Tendência, e conseqüentemente também a organização montonera, um possível núcleo de infiltrados no Movimento Peronista vinculados ao Bloco Socialista, os quais deviam nutrir certo desprezo pelo Justicialismo e seus elementos nacionais, presentes no Peronismo desde sua origem e tidos como essenciais pelos mais velhos.

A atribuição de uma característica ingênua aos jovens surge implícita mesmo na carta de Perón ao militante sindicalista da velha guarda justicialista, José Ignacio Rucci, quando o General sugere que os membros da Tendência eram tontos e negativos. Pode-se notar pela escrita do líder máximo justicialista que ele considerava a posição contrária ao diálogo com as Forças Armadas e agentes do Governo Ditatorial Argentino que comandava o país entre finais da década de 1960 e começo de 1970, defendida pela Tendência, como uma atitude que continha certa ingenuidade e irreabilidade.

Tendo certos pensamentos da velha geração em conta, pode-se inferir que tanto os componentes da velha esquerda próxima à LID, quanto os da velha guarda peronista, pensavam que seus pares da nova geração eram inconsequentes, irrealis e nutriam desprezo por aspectos que os antigos consideravam importantes dos

sistemas político, econômico e ideológico de seus respectivos países e movimentos. Além disso, ambas antigas gerações tinham um certo temor e desconfiança com relação à vinculação dos jovens com ideologias, países e aspectos associados ao Bloco Socialista no período da Guerra Fria – o que era, em parte, resultado da paranoia típica daquele momento histórico dominado pela lógica da Guerra Fria, principalmente entre a LID e associados, já que a simpatia, proximidade e solidariedade da nova esquerda do SDS, à época dos embates e ruptura entre as duas gerações, não representava nenhum nível maior de vinculação com qualquer país ou aspecto do Bloco Socialista, e sim aspectos apenas associados a elementos terceiro-mundistas. Já no caso dos Montoneros, a relação com o Bloco Socialista era maior, pois membros da organização inclusive haviam recebido treinamento guerrilheiro na Cuba governada por Fidel Castro antes do período de conflitos diretos com a velha guarda peronista – porém, isso não significa que o grupo fosse um núcleo de infiltrados no Movimento Peronista, no intuito de desvirtuá-lo, nem que fosse financiado por qualquer país ou instituição vinculada ao Bloco Político-Econômico liderado pela União Soviética, apesar da forte presença do sentimento de pertencimento ao chamado terceiro-mundo entre os membros do grupo.

5. Considerações finais

Ao longo da pesquisa pôde-se perceber que o ethos católico progressista, típico da época do Concílio Vaticano II, permeou e influenciou sobre o Catolicismo em todo o mundo. Dessa forma, elementos do ethos católico progressista conciliar circularam de maneira transnacional, se fazendo presente tanto no SDS quanto entre os Montoneros através principalmente de jovens católicos que, ao mesmo tempo que frequentavam igrejas e paróquias atreladas ao Vaticano e compunham movimentos de denominação católica, também faziam parte da nova geração de esquerda que ascendia no cenário político-social e formavam uma das características essenciais dos longos anos 1960¹⁸⁸.

Pode-se afirmar que as novas gerações de esquerda de ambos os contextos apresentavam aspectos terceiro-mundistas, os quais circulavam transnacionalmente e constituíam outra característica dos longos anos 1960¹⁸⁹, tendo inclusive componentes de ambas jovens gerações esquerdistas participado da Conferência da OLAS – evento no qual tinha elementos básicos do terceiro-mundismo no seu cerne, os principais deles sendo o anti-imperialismo e a solidariedade ao Regime Socialista Cubano. Os Montoneros manifestavam seu terceiro-mundismo através do sentimento de fazer parte do terceiro-mundo enquanto argentinos e, conseqüentemente, latino-americanos, além da simpatia que possuíam pelo Socialismo Cubano, ao passo que os *SDSers* expressavam seu terceiro-mundismo na forma da simpatia e da solidariedade que nutriam pela Revolução Cubana, principalmente em seu caráter anti-imperialista, e ao Sistema Socialista vigente na Ilha Caribenha. Essas expressões de terceiro-mundismo por parte dos jovens levaram à desconfiança dos mais velhos, pois os antigos viam negativamente a proximidade da juventude com um país vinculado ao Bloco Socialista.

¹⁸⁸ BRADBURY, Malcolm et al. Os anos 1960 e 1970, in: BRADBURY, Malcolm et al. (orgs.)

Introdução aos Estudos Americanos, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

¹⁸⁹ ALBUQUERQUE, Germán. Op. Cit; DUARTE, Lucas. Op. Cit.

A relação tanto dos Montoneros quanto do SDS com alguns sindicatos e seus líderes da antiga geração foi protagonista de grandes conflitos geracionais. Nos dois contextos os jovens acusavam sindicalistas de estar perdendo contato com os trabalhadores médios e, de certa forma, também com a realidade do momento histórico vivido. Implicitamente, no caso do SDS, e mais explicitamente no caso dos Montoneros, os jovens indicavam pensar que os sindicalistas, sobretudo na figura de suas lideranças, pelo menos em parte, estavam buscando apenas a satisfação de interesses pessoais. A exposição do pensamento dos jovens sobre os sindicatos e os líderes sindicalistas levou à reação negativa dos últimos e foi parte essencial da ruptura geracional.

A antiga geração de ambos os movimentos analisados percebia os pensamentos e atitudes dos jovens como contendo um grau de ingenuidade, inconsequência, irrealidade, e até mesmo de autoritarismo, o que viam como perigoso, pois ameaçava o que pensavam ser a essência dos movimentos de esquerda dos quais faziam parte e acabava podendo representar também ameaça ao sistema político dos seus respectivos países. Em vista disso, os mais velhos de ambos os contextos expressaram reações um tanto parecidas, assumiram uma certa postura defensiva, e talvez até mesmo agressiva, com relação à juventude dos movimentos que compunham.

Ao longo do estudo pôde-se perceber, como tentou-se demonstrar nessa dissertação, que os conflitos e rupturas entre as vertentes de esquerda de ambos os grupos analisados nesse estudo possuíam caráter geracional e manifestavam aspectos semelhantes nos desentendimentos e embates que protagonizaram. A nova geração de esquerda de ambos os contextos estudados estava inserida no ethos comum, que perpassava todo o planeta, de contestação, rebeldia e voltado à esquerda e às minorias político-sociais dos longos anos 1960, no qual elementos eram transmitidos de maneira transnacional, apesar de cada grupo estar inserido em contextos geracional, social, nacional e regional específicos – por isso, cada um expressando especificidades própria.

6. Referências Bibliográficas

ADAMOVSKY, Ezequiel. **Historia de las clases populares en la Argentina**, Buenos Aires: Sudamericana, Edição Kindle, 2012.

ALBUQUERQUE, Germán. Tercermundismo en el Cono Sur de América Latina: ideología y sensibilidad. Argentina, Brasil, Chile, y Uruguay, 1956-1990, **Revista Tempo e Argumento**, n. 13, v. 6, Florianópolis, 2014.

BARGER, Lilian B. The world come of age: an intellectual history of liberation theology, Nova York: Oxford University Press, 2018.

BARTOLETTI, Julieta. La CGT de los Argentinos y los dilemas de la Izquierda Peronista, **Revista Escuela de Historia**, v. 10, n. 2, Salta: Universidade Nacional de Salta, 2011.

BARTOLETTI, Julieta. **Montoneros**: de la movilización a la organización, San Martin: Universidade Nacional de San Martin, 2010.

BERGEL, Martín. “Los bárbaros están otra vez sobre Roma”: Acerca de la reacción antioriental del pensamiento nacionalista católico argentino de los años 1920, **Iberoamericana**, n. 10, 2010.

BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas**: la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX, Buenos Aires: EDHASA, 2020.

BRADBURY, Malcolm et al. (orgs.) **Introdução aos Estudos Americanos**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BRENNAN, James P. **Argentina's Missing Bones**: Revisiting the History of the Dirty War, Oakland: University of California Press, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a igreja**, São Paulo: Paulinas, 2015

BURLAGE, Robert. A Half Century seeking to Live the Spirit and Method of Port Huron, in: HAYDEN, Thomas. (org). **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013.

CASON, Sandra. "Only Love Is Radical", in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, p. 64.

CELESIA, Felipe. WAISBERG, Pablo. **Firmenich**: la historia jamás contada del jefe montonero, Buenos Aires: Aguilar, 2011.

CHERNY, Robert W. ISSEL, William. TAYLOR, Kieran W. (orgs.) **American Labor and the Cold War**: Grassroots Politics and Postwar Political Culture, Nova Jérsei: Rutgers University Press, 2004.

COHEN, Lizabeth. **Making a New Deal**, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

CONTRERAS, Gustavo. La organización del movimiento obrero durante el primer peronismo (1946-1955): nucleamientos sindicales y centrales obreras, **Avances del Cesar**, v. 14, n. 16, 2017.

DAVIS, Rennie. **The New Humanity**: A Movement to Change the World, Las Vegas: Bliss Life Press, 2017, pp. 30-31.

DAWYD, Darío. Corrientes y nucleamientos del sindicalismo opositor no peronista. Argentina 1970-1973, **Revista Pilquen**, v. 18, n. 1, 2015.

DAWYD, Darío. El sindicalismo peronista durante el Onganiato. De la CGT de los Argentinos a la reorganización sindical (1968-1970), **Sociohistórica**, n. 33, 2014.

DEAN, Jodi. **Comrade**: An Essay on Political Belonging, Londres: Verso, 2019.

DICIONÁRIO de Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora. Consultado em: 30 jun. 2021.

DONATELLO, Luis Miguel. Aristocratismo de la salvación: El catolicismo “liberacionista” y los Montoneros, **Prismas**, n. 9, 2005, pp. 241-258.

DUARTE, Lucas. Expressões do internacionalismo tercermundista em el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur, **Esboços**, n. 48, v. 28, Florianópolis, 2021.

DUBOFSKY, Melvyn. MCCARTIN, Joseph A. **Labor in America: a history**, 9. ed. Chichester: Wiley, 2017.

DUBOFSKY, Melvyn. (org.) **The New Deal: conflicting interpretations and shifting perspectives**, Nova York: Garland, 1992.

DUBOFSKY, Melvyn. **The State and Labor in Modern America**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1994.

DUZDEVICH, Aldo; RAFFOUL, Norberto; BELTRAMINI, Rodolfo. **La Lealtad: Los Montoneros que se quedaron con Perón**, Buenos Aires: Penguin Random House, Edição do Kindle, 2015.

FARIAS, R. B. **A Ruptura das Esquerdas Norte-americanas dos longos anos 1960 pela trajetória de Tom Hayden**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

FARIAS, R. B. Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental, in: **Dignidade Revista**, v. 6, n. 10, 2020.

FLACKS, Miriam. It was a Rising Sun, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, pp. 43-44.

FLACKS, Miriam. FLACKS, Richard. **Making History / Making Blintzes: How Two Red Diaper Babies Found Each Other and Discovered America**, New Brunswick: Rutgers University Press, 2018.

FROST, Jennifer. **An Interracial Movement of the Poor: Community Organizing and the New Left in the 1960s**, Nova York: New York University Press, 2001.

GAY, Peter. **Schnitzler's century: The making of middle-class culture 1815-1914**, Nova York: Norton & Company, 2002.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**, São Paulo: UNESP, 1992.

GILLESPIE, Richard. **Soldados de Perón: Historia crítica sobre los Montoneros**, Buenos Aires: Sudamericana, Edição do Kindle, 2012.

GILLESPIE, Richard. **The Peronist Left**, Liverpool: Liverpool University, 1979.

GONZÁLEZ, Patricia Calvo. La Organización Latinoamericana de Solidaridad a través del Boletín de Información de su comité organizador (1966-1967), **Revista de Historia Social y las Mentalidades**, n. 1, v. 22, Santiago: Universidad de Santiago de Chile, 2018.

GOSSE, Van. **Rethinking the New Left: an interpretative history**, Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

GRASSI, Ricardo. **El Descamisado: Periodismo sin aliento**, 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana, Edição do Kindle, 2015.

GRIGERA, Juan. ZORZOLI, Luciana. (org.) **The Argentinian Dictatorship and its Legacy**, Suíça: Palgrave Macmillan, 2020.

GRIMSON, Alejandro. **¿Qué es el peronismo?** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2019.

HABER, Alan. It's Been Said I'm Still Unrealistic, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy: Student movements From Port Huron to Today**, Londres: Routledge, 2013, p. 54.

HABER, Barbara. Port Huron: A Template For Hope, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, p. 58.

HARRINGTON, Michael. **Fragments of the Century**: A Social Autobiography, Nova York: Saturday Review Press, 1973.

HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2012.

HAYDEN, Thomas. **Listen, yankee!**: Why Cuba matters, Nova York: Seven Stories Press, 2015.

HAYDEN, Thomas et al. **The Port Huron Statement**: The Visionary Call of the 1960s' Revolution, Nova York: Thunder's Mouth Press, 2005.

HAYDEN, Thomas. Radical Nomad, C. **Wright Mills and His Times**, Londres: Routledge, 2006.

HAYDEN, Thomas. **Reunion**: a memoir, Nova York: Random House, 1988, pp. 35-36.

HAYNES, John E. **Red Scare or Red Manace?** American Communism and Anticommunism in the Cold War Era, Chicago: Ivan R. Dee, 1996.

HOBSBAWN, Eric. **A Era das Revoluções**, Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1977.

HOBSBAWN, Eric. **The Age of Extremes**: A History of the World (1914-1991), Nova York: Vintage Books, 1996.

HOWE, Irving. New Styles in Leftism, in: HOWE, Nina. (org.) **A Voice Still Heard**: Selected Essays of Irving Howe, New Haven: Yale University Press, 2014.

HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. **A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)**, Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 116.

ISSERMAN, Maurice. **If I Had a Hammer: The Death of the Old Left and the Birth of the New Left**, Nova York: Basic Books, 1987.

JACOBS, Ron. **The Way The Wind Blew: A History of The Weather Underground**, Londres: Verso, 1997.

JUDT, Tony. **Postwar: A History of Europe Since 1945**, Nova York: Penguin Press, 2005.

KAZIN, Michael. **American Dreamers: How the Left Changed a Nation**, Nova York: Vintage Books, 2011.

LACOMBE, Eliana. Profetas de la revolución: Representaciones sobre el tempo histórico entre los sacerdotes tercermundistas (1968-1973), **Revista del Museo de Antropología**. n. 8, 2015

LATNER, TEISHAN A. **Cuban Revolution in America: Havana and the Making of a United States Left (1968-1992)**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2018.

LEWIS, Daniel K. **The History of Argentina**, Santa Barbara: Greenwood, 2015.

LIMONCIC, Flávio. **Os Inventores do New Deal: Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MANNHEIM, Karl. The problem of generations, in: KECSKEMETI, Paul. (org.) **Karl Mannheim: Essays**, Londres: Routledge, 1972.

MANZANO, Valeria. **The age of youth in Argentina: culture, politics, and sexuality from Perón to Videla**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014, edição do Kindle.

MARWICK, Arthur. **The Sixties**: Cultural Revolution in Britain, France, Italy and the United States, c. 1958-c.1974, Londres: Bloomsbury, 1998.

MASSA, Mark S. **The American Catholic Revolution**: How the Sixties Changed the Church Forever, Oxford: Oxford University Press, 2010.

MEAD, Margaret. **Culture and Commitment**: A Study of the Generation Gap, Nova York: Natural History Press, 1970.

MONTONEROS. **A Los Trabajadores**, 1 de agosto de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 22 out. 2021.

MONTONEROS. **Al General Juan Domingo Perón**. 9 de fevereiro de 1971, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 25 out. 2021.

MONTONEROS. **Al pueblo peronista**, 3 de novembro de 1973, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 27 out. 2021.

MONTONEROS. **Comunicado nº 3**, 31 de maio de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 08 out. 2021.

MONTONEROS. **Comunicado nº 4**, 1 de junho de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 21 out. 2021.

MONTONEROS. **Comunicado nº 5**, 15 de junho de 1970, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 21 out. 2021.

MORELLO, Gustavo. **Cristianismo y Revolución**: Los orígenes intelectuales de la guerrilla argentina, Córdoba: Universidade de Córdoba, 2003.

MORELLO, Gustavo. Juan Garcia Elorrio y los Comandos Camilo Torres, in: **XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**, San Miguel de Tucumán: Universidade de Tucumán, 2007.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria**: história e historiografia, Curitiba: Appris, 2020.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, 2. ed., Lisboa: INCM, 2003.

PASSOS, João D. **Concílio Vaticano II**: reflexões sobre um carisma em curso, São Paulo: Paulus, 2014.

PERÓN, Juan. **A los compañeros “Montoneros”**, 19 de fevereiro de 1971, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

PERÓN, Juan Domingo. **Al Sr. José I. Rucci**, 4 de novembro de 1972, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 26 out. 2021.

PERÓN, J. D. **Discurso en Plaza de Mayo**, 1 de maio de 1974, disponível em: <www.archivoperonista.com>. Acesso em: 28 out. 2021.

RECALDE, Aritz. **El Pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón 1956-1966**, Buenos Aires: Ediciones Nuevos Tiempos, 2009.

ROJAS, Rafael. El aparato cultural del império. C. Wright Mills, la Revolución Cubana y la Nueva Izquierda, **Perfiles Latinoamericanos**, n. 44, 2014.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la Argentina 1916-2010**, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

ROSZAK, Theodore. **The Making of a Counter Culture**: Reflections on the Technocratic Society and its Youthful Opposition, Nova York: Anchor Books, 1969.

SALE, Kirkpatrick. **SDS**, Nova York: Vintage Books, 1974.

SCHULTZ, John. **The Conspiracy Trial of the Chicago Seven**, Chicago: Chicago University Press, edição do Kindle, 2020.

SEDAS NUNES, A. Apud: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, 2. ed., Lisboa: INCM, 2003.

SILVA, Sandro Ramon F. **Teologia da Libertação**: Revolução e reação interiorizadas na Igreja, Niterói: UFF, 2006.

SLIPAK, Daniela. **Las Revistas Montoneras**: cómo la organización construyó su identidad a través de sus publicaciones, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

SOTELO, Luciana. **Más vale honra sin sindicatos que sindicatos sin honra**: El nacimiento de la CGT de los Argentinos y algunas líneas para pensar su desarrollo posterior 1968-1969, La Plata: Universidade Nacional de La Plata, 2007.

SOUSA, Rodrigo Farias. **A Nova Esquerda Americana**: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969), FGV: Rio de Janeiro, 2009.

STEARNS, Peter N. **Sexuality in World's History**, 2. ed. Nova York: Routledge, 2017.

STEPHENS, Julie. **Anti-disciplinary protest**: sixties radicalism and postmodernism, Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

TAURIS, Claudia. Neo-integralismo, denuncia profética y Revolución en la trayectoria del Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo, **Prismas**, n. 9, 2005.

TERÁN, Oscar. **Nuestros años sesenta**: La formación de la nueva izquierda intelectual argentina, 1956-1966, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

VARELA, Maria. A Young Christian Student at Port Huron, in: HAYDEN, Thomas. (org.) **Inspiring Participatory Democracy**: Student movements From Port Huron to Today, Londres: Routledge, 2013, p. 79.

VÉLEZ, Ignacio. Apud: MORELLO, Gustavo. Juan García Elorrio y los Comandos Camilo Torres, in: **XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**, San Miguel de Tucumán: Universidade de Tucumán, 2007.

VILELA. Daniel M. **Utopias Esquecidas**: Origens da Teologia da Libertação, São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VIZENTINI, Paulo F. A Guerra Fria, in: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. (orgs.) **O Século XX**: O Tempo das Crises, vol. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 195-225.

WEEKS, Jeffrey. **Sex, Politics and Society**: The Regulation of Sexuality Since 1800, 4. ed., Nova York: Routledge, 2018.